

Obra: Príncipe Áries
Autor: J. J. Dacosta



LIVRO 56 - PRÍNCIPE ÁRIES

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história ocorrida no Reino da Ilha Rica. Este reino ocupava toda uma ilha e o castelo do rei ficava no centro desta ilha. Os súditos eram felizes, moravam em casas bem feitas e decoradas com lindos jardins, todos eram honestos e trabalhadores e o Rei Petrus e a Rainha Anne eram muito justos e dividiam as riquezas do reino para o bem de todos os súditos. Porém, o casal real era triste por não ter gerado um filho sucessor. Isto preocupava a todos no reino, que temiam invasões de reinos vizinhos quando o Rei Petrus morresse. Um dia, a Rainha Anne foi surpreendida com a notícia da maternidade. Assim, nasceu o Príncipe Áries, que recebeu este nome em razão de manchas no formato de cinco estrelas na pele de suas costas, na posição das estrelas mais brilhantes da Constelação de Áries. Tudo parecia completo no Reino da Ilha Rica. Mas, prestes a completar quatorze anos, o Príncipe Áries foi encaminhado para estudos no Reino da Bretanha. Mas, na viagem, a nau que o transportava naufragou. O Príncipe Áries foi um dos poucos sobreviventes do naufrágio e passa por muitas aventuras perigosas e encantadas até conseguir retornar ao reino. É um conto com um lado místico e de aventura de ficção, que envolve e encanta aos leitores.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Esta história aconteceu em um reino chamado Reino da Ilha Rica. Este reino ocupava toda uma grande e belíssima ilha, onde havia um maravilhoso castelo que ficava bem no alto da montanha, ao centro da ilha. Do alto da torre do castelo, a família real e os visitantes podiam ter uma visão privilegiada de todas as terras do reino, bem como do mar verde esmeralda que circundava a ilha. Esta paisagem era um espetáculo diário de rara beleza à Família Real e a todos os súditos do reino.

Ao redor do castelo, ficavam as casas dos súditos, muito bem construídas e bem cuidadas. Todas as casas tinham belos jardins e floreiras nas janelas. Os súditos eram felizes e trabalhavam em vários serviços, como: artesões, lavradores, pastores, pescadores e mineradores.

Os artesões faziam roupas, calçados, utensílios e móveis para as casas, selas para cavalos, carroças, construíam as casas, faziam a manutenção geral, entre muitas outras coisas. Os lavradores plantavam de tudo o que fosse necessário para alimentação dos moradores, como hortaliças, milho, trigo, frutas, entre outras culturas. Os pastores cuidavam do gado, da criação de porcos, cabras e carneiros. Os pescadores saíam diariamente com os seus barcos para a pesca de vários tipos de peixe. Mas, eles tomavam o cuidado de pescar somente o necessário para o dia e nunca pescavam os filhotes de peixes. E os mineradores, extraíam do solo ouro, pedras preciosas, o ferro e outros metais, que eram a maior riqueza do reino.

Os habitantes do Reino da Ilha Rica não conheciam o que era a violência, não havia crimes e todos eram honestos, trabalhadores e bons súditos. Em lugar de prisões, havia muitas escolas e bibliotecas. A força do reino estava no espírito de comunidade, ou seja, os habitantes da ilha voltavam seus esforços e trabalhos para o bem geral de todos e não somente para os seus interesses particulares e individuais. Quando algum súdito pensava em fazer alguma coisa, analisava primeiro se isto não iria prejudicar algum outro morador ou a natureza.

E o Rei Peter Marcus e a Rainha-Consorte Anne Sylvia eram comprometidos com o desenvolvimento do reino como um todo e asseguravam que as riquezas produzidas no reino beneficiassem a todos. O lema do reino era ordem, progresso e justiça para todos. Todos cuidavam em preservar o meio ambiente e os rios e praias do reino eram limpos e puros. Não havia poluição, as ruas eram limpas sem lixo espalhados e todos os moradores faziam isto com muita naturalidade e disciplina.

Entretanto, se todos eram felizes, o mesmo não ocorria com o casal real. O rei Peter Marcus e a Rainha-Consorte Anne Sylvia viviam um drama familiar. O casal real ainda não tinha conseguido gerar um filho sucessor. E isto preocupava toda a Corte Real e trazia uma insegurança entre os súditos. Estes se questionavam:

- Quem reinará após a morte do Rei Peter Marcus? Será que não corremos o risco de uma invasão de reinos vizinhos ambiciosos por nossas riquezas?

A Rainha Anne rezava e pedia aos deuses para que lhe desse a graça de gerar um filho. Era tudo o que ela e seu marido desejavam. E, assim, os dias, meses e anos se passaram. Mas, um dia, a Rainha Anne foi surpreendida pela constatação dos médicos da Corte Real de que estava grávida. E, rapidamente, a notícia se espalhou por todo o reino.

O Rei Peter Marcus estava tão feliz, que organizou três dias de festas no castelo, abrindo suas portas para todos os súditos, igualmente alegres e felizes com a notícia.

O casal real mudou completamente após esta notícia tão esperada. E contava minuto a minuto, hora por hora, dia por dia, mês por mês, o período de gestação do futuro príncipe-herdeiro ou futura princesa-herdeira.

E, no dia 21 de março, a Rainha-Consorte Anne Sylvia deu sinais para a maternidade e para o maior evento do reino - o nascimento do futuro rei, ou rainha. Muitos súditos se aglomeraram à porta do castelo, aguardando a esperada notícia. E, não tardou para ser anunciado o nascimento de um lindo bebê, com seus olhos verdes como as águas do mar e seus cabelos castanhos escuros como as férteis terras do reino. Era um menino! Era o Príncipe-herdeiro e futuro Rei.

Mas, algo logo chamou a atenção dos médicos e do casal real - o bebê havia nascido com cinco pintas na pele em suas costas, no formato de estrelas, em cor azulada. Logo, todos entenderam que aquilo era algum sinal dos deuses e o oráculo do reino foi chamado para dar seus conselhos e explicar sobre este incomum fenômeno.

(Oráculo: era a pessoa considerada intermediária entre os homens e os deuses no Mundo Antigo. Era um ser místico com capacidade de prever o futuro, ler a linguagem dos astros, fazer projeções. As civilizações antigas consultavam oráculos para diversas finalidades. O oráculo retransmitia a resposta dada por um deus, que foi consultado para esclarecer uma dúvida pessoal de alguém, geralmente referente a acontecimentos futuros).

Após examinar minuciosamente as cinco pintas, o oráculo se manifestou:

- Começou hoje, exatamente, o ciclo zodiacal de Áries. As cinco pintas na cor azul e no formato de estrelas estão dispostas nas costas do nosso lindo Príncipe-herdeiro na mesma posição das cinco estrelas mais brilhantes da Constelação de Áries - Hamal, Sharatan, Bharani, Mesarthim e Botein. Eu não tenho dúvida de que este foi um sinal dos deuses para demonstrar que eles estavam sempre ao lado da Rainha Anne, protegendo a sua maternidade e ao seu filho todo este tempo!

Ao ouvir isto, o Rei Peter exclamou:

- Áries! Áries! Este será o nome do meu filho!

A Rainha Anne, surpreendida, disse:

- Mas, não estava certo de que ele se chamaria Philippe se fosse um menino? Mas, eu estou de pleno acordo com este nome Áries para o nosso querido filho!

E todos os súditos gritaram e festejaram a noite toda:

- Viva o Príncipe Áries! Viva o Príncipe Áries!

Alguns dias mais depois do nascimento, quando já se fazia madrugada, o Rei Peter chamou novamente o oráculo e continuou lhe perguntando:

- Diga-me, oráculo. O que você prevê para o futuro deste meu filho?

O oráculo olhou atentamente para o céu estrelado e limpo daquela festiva madrugada. Observou os astros, estrelas e demais corpos celestes, utilizando-se de uma luneta. Analisou suas posições na imensidão do Universo, procurando as informações que poderia dar através da astrologia. Após esta cuidadosa análise e observação, ele respondeu:

- Ele será um grande homem e um grande rei! Mostrar-se-á a todos como um homem com elevado grau de autoconfiança, independência, espírito de competição, impulso à luta e entusiasmo pela vida. Será um jovem ansioso por fazer as coisas acontecerem, dinâmico, rápido no raciocínio e decisões e, como eu já disse antes, muito competitivo. Será um pioneiro, corajoso, determinado e dotado de força física. Apreciará desafios físicos e esportes individuais. Tenderá a assumir a liderança em todas as situações.

Em certo momento, o oráculo parou, pegou novamente sua luneta e observou novamente os corpos celestes, especialmente a Constelação de Áries e, franzindo a testa com alguma preocupação, continuou:

- Mas, deverá cuidar para ser paciente, não se deixar levar pelo egoísmo e ter melhor senso ao analisar uma situação e escolher a melhor alternativa, evitando ações e decisões precipitadas e imediatas. Mas, sua maior motivação se direcionará para a ação decidida, derrubando os obstáculos à sua frente. Será muito espontâneo em suas reações. Tenderá a agir, para depois refletir. Poderá, eventualmente, ter momentos de agressividade, teimosia, autoritarismo. Mas, tudo isto fará com que ele se desenvolva como pessoa e aprenda muito com seus próprios erros.

E o oráculo finalizou suas previsões, dizendo:

- E o Príncipe Áries enfrentará aventuras perigosas e grandes desafios em sua vida, onde terá que usar toda sua força e coragem para vencê-los.

O Rei Peter e a Rainha Anne ficaram algum tempo olhando para o oráculo, admirando este seu poder de prever o futuro e pediram aos deuses que ele estivesse certo em suas previsões. E a Rainha Anne quis saber do oráculo:

- Mas, oráculo! Estas previsões se confirmarão? Acontecerão exatamente desta forma?

O oráculo respondeu:

- Nobre rainha. Estas previsões não são minhas, são as que os astros estão me mostrando. Naturalmente, muitos outros acontecimentos e situações se apresentarão para o nosso príncipe-herdeiro, com certeza, ao longo de sua vida. Estas são previsões do seu perfil astrológico. Há os outros mistérios e missões do destino traçadas para cada pessoa, que somente Deus sabe e controla...

O Rei Peter agradeceu e recompensou o trabalho do oráculo com cinco moedas de ouro. Em seguida, recolheu-se para um merecido descanso ao aposento real, acompanhado da Rainha Anne e, agora, de seu tão esperado e querido Príncipe-herdeiro Áries. A Rainha Anne preparou um belo e luxuoso aposento para o pequeno príncipe, todo decorado com temas da fauna e flora da natureza da ilha. E para babá do tão importante personagem, ela escolheu a governanta mais velha e experiente da Corte Real, Suzie Sam, uma senhora de origem oriental muito bondosa, carinhosa, mas, que primava muito pela disciplina e educação. Ou seja, o Príncipe Áries terá uma grande amiga em Suzie Sam, porém uma grande disciplinadora e educadora, também.

O enorme aposento do pequeno Príncipe Áries ficou pequeno para acomodar os milhares de brinquedos e presentes que ganhou, enviados pelas Cortes Reais de muitos reinos vizinhos, amigos do Rei Peter e da Rainha Anne. Ele olhava todos com encantamento, arregalando seus olhos verdes e procurando lançar-se do colo da Suzie Sam, tentando alcançá-los.

E, assim, os anos se passaram. O Príncipe Áries estava, agora, com sete anos de idade e começava os seus primeiros estudos. E a Rainha Anne procurava por um preceptor para seu filho, uma pessoa para ser o responsável por acompanhar e orientar em sua educação e estudos. Assim, além de frequentar a escola da comunidade, ele passou a ter um preceptor permanente que acompanhava o seu aprendizado. E o Rei Peter convidou para esta importante função um dos mais jovens sábios da Corte Real, Thiago. Thiago unia sabedoria e conhecimento, com a juventude e alegria necessárias para motivar e distrair o Príncipe Áries. E os dois formaram uma dupla inseparável, ora estudando, ora brincando.

Aos sete anos de idade, o pequeno Príncipe Áries começou a voltar suas atenções para as áreas externas do castelo. Ele queria conhecer as matas ao redor do castelo, banhar-se nas águas cristalinas dos rios e cachoeiras da região, conhecer os animais e plantas da ilha. E uma das coisas que gostava de fazer era disputar corrida de biga com Thiago. Uma biga é um carro de guerra de duas rodas, movido por dois cavalos e era muito usado nas guerras como carro de combate e também como carro de transporte. Mas, no caso da competição entre o Príncipe Áries e Thiago, a biga era puxada por dois fortes carneiros e seu tamanho era bem menor do que a biga de guerra. E os dois disparavam gritando:

- Vamos lá, meus carneiros velozes! Vamos deixar o Thiago comer poeira!

Dizendo isto, o Príncipe Áries deixava Thiago para trás escondido em uma nuvem de poeira, correndo pelas estradas do reino. Ele ria e se divertia muito. Thiago, mais pesado, realmente não conseguia ganhar as corridas com o Príncipe Áries. O Príncipe Áries, desde pequeno, demonstrou ser um excelente cavaleiro. Ele gostava de participar das competições que envolviam cavalos e desafios. Uma delas, era a Competição da Argola, onde o cavaleiro tinha que acertar uma argola pendurada em uma corda com uma lança, montando em seu cavalo. Apesar de criança, o Príncipe Áries era um grande competidor nesta modalidade.

O Rei Peter e a Rainha Anne acompanhavam o crescimento do seu filho Príncipe Áries com grande alegria e entusiasmo. Tudo parecia ir muito bem. Os anos continuaram passando e o Príncipe Áries completava, agora, treze anos de idade. E, em uma das tardes, sentados à beira do lago do castelo, o Rei Peter conversava com a Rainha Anne:

- Está chegando o tempo do Príncipe Áries completar os seus estudos no Reino da Bretanha. Lá, estão as melhores escolas e o melhor ensino de todos os reinos.

E a Rainha Anne, lamentava:

- Eu sabia que isto aconteceria um dia. Mas, como será sofrido para mim ficar longe de meu querido filho por longos seis anos! Mas, entendo que isto é necessário para que ele complete sua formação e se prepare para ser um grande sucessor deste meu marido maravilhoso!

E o Rei Peter, segurando carinhosamente sua mão, completou:

- Eu sei querida o quanto será sofrido para você, como será para mim também! Mas, vamos visitá-lo muitas vezes para você satisfazer o seu coração saudoso!

Naquela mesma noite, o Príncipe Áries foi informado a respeito dos planos de continuar seus estudos no Reino da Bretanha. E sua primeira reação não foi muito favorável:

- Mas, meu pai, minha mãe! Eu não tenho necessidade de estudar fora de nosso reino! Aqui temos excelentes escolas e professores, além dos conhecimentos e sabedoria do meu amigo Thiago! Aqui tenho meus amigos, minhas brincadeiras, o mar e a mata que amo! Por favor, deixe-me ficar aqui com vocês!

E o Rei Peter e a Rainha Anne ouviram este lamento do Príncipe Áries, que aumentaram ainda mais sua dor. Mas, não podiam deixar de seguir em seus planos para bem do Príncipe Áries e do futuro do reino.

O Príncipe Áries somente se conformou com os planos de seus pais quando soube que Thiago o acompanharia e ficaria com ele durante toda sua estada no Reino da Bretanha. E ficou determinado que, após as o aniversário de quatorze anos, os dois embarcariam.

O Príncipe Áries voltaria aos vinte anos de idade, já um adulto e apto para assumir o trono de seu pai, quando necessário for, no Reino da Ilha Rica.

Após uma tarde de aula, o Príncipe Áries não conseguia esconder sua ansiedade e certo desalento pelo seu afastamento do reino. Thiago procurava orientá-lo:

- Príncipe Áries, você tem que ter em mente que não é um adolescente normal como os outros. Quero dizer, você nasceu com uma missão e desafio únicos em todo o reino. E isto o diferencia dos demais adolescentes do nosso reino!

- Mas, Thiago. Por que eu tenho que estudar fora se posso ter os conhecimentos que preciso aqui mesmo, sem me afastar dos meus pais e dos meus amigos? Respondeu o Príncipe Áries.

Thiago retrucou:

- Mas, é exatamente neste ponto que você está enganado. Nós não temos aqui escolas especializadas em educar e preparar os membros da realeza e herdeiros sucessores de tronos reais, como você encontrará no Reino da Bretanha. Eles têm uma tradição secular de monarquia, passaram por muitas sucessões, têm históricos de guerras, crises. Você tem muito que aprender com eles!

Um pouco mais curioso e interessado, o Príncipe Áries quis saber:

- E que aprendizado diferente você acha que eu poderei me beneficiar com este estudo tão longe de nosso reino?

Thiago suspirou fundo, pensou por um momento, e completou:

- Príncipe Áries, um futuro rei precisa ter muitas qualidades, qualidades estas que não são esperadas nem exigidas dos demais membros da Corte Real e súditos. Por exemplo: sabedoria para julgar e decidir sobre todos os grandes desafios e ameaças para o reino, personalidade forte e persuasiva para enfrentar e convencer as pessoas e dominar as técnicas das artes marciais e da estratégia da guerra para defender os territórios do reino. Aprender as regras da diplomacia para controlar os vários interesses dos membros da Corte Real, bem como adquirir conhecimentos especializados do mundo dos negócios nos demais reinos para promover o desenvolvimento do comércio local. Enfim, tantos outros conhecimentos e experiências que Vossa Alteza somente poderá adquirir através dos ensinamentos com preceptores reais de outros reinos mais fortes, poderosos e mais antigos!

O Príncipe Áries mostrou que compreendeu e aceitou melhor as explicações do seu preceptor Thiago:

- Thiago, você é o melhor mestre de todos os reinos! Mas, que tal agora a gente disputar uma corrida de biga?

- Vamos lá! Mas, antes, deixe-me fazer mais uma observação. Além de muitas qualidades que você desenvolverá em seu aprendizado no exterior,

outras qualidades importantes você já está aprendendo com seus pais, como a honestidade, a honra, a humildade, a bondade, a confiança, o espírito de luta! Respondeu Thiago.

E os dois saíram em disparada para o campo de corrida de bigas, rindo e contentes. Por um tempo, o Príncipe Áries esqueceu um pouco sua viagem e voltou à sua rotina no castelo, na escola, nos esportes que praticava e no convívio com seus amigos. Mas, a data de partida se aproximava. E a ansiedade e apreensão pelo desconhecido tomava conta de sua alma e ele passou as últimas semanas que antecederiam a partida triste e deprimido. Sentia um temor interno que não sabia explicar.

Sua ama Suzie Sam providenciava toda a bagagem, com suas roupas, livros, calçados, objetos pessoais e outros itens escolhidos pelo Príncipe Áries, como os de recordação. A nau que o levaria ao Reino da Bretanha já estava no porto, com suas velas baixadas. Era esperado o embarque de vários outros moradores, que iam ao Reino da Bretanha, principalmente a negócios. Outros viajantes já estavam a bordo, vindos de outros reinos, mas com o mesmo destino final.

Chegou a hora da despedida! Todos os membros da Corte Real, soldados e serviçais se enfileiraram à porta do castelo para as despedidas. Saindo do castelo, à frente estavam o Rei Peter Marcus e a Rainha Anne Sylvia.

- Meu filho, que Deus lhe guie nesta longa viagem. Vamos sentir muito sua falta. Mas, o tempo passa depressa e logo estaremos juntos novamente. Sei do seu pesar com esta viagem. Mas, tenho a certeza de que voltará valorizando esta oportunidade e voltará um homem feito, em condições de assumir o trono de nosso reino, quando isto se fizer necessário. Disse seu pai, abraçando demoradamente.

- Meu filho, lembre-se que estaremos sempre aqui rezando pelo seu sucesso. E vamos visitá-lo sempre que possível. A saudade será muito grande. Mas, satisfação de estar fazendo a coisa certa é, igualmente, grande. Lembre-se sempre da mamãe com o carinho e o amor que eu me lembrarei de você, meu filho! Disse a Rainha Anne, deixando suas lágrimas rolares pela face.

O Príncipe Áries, triste e emocionado, limitava-se a abraçar e beijar seu pai e sua mãe demorada e carinhosamente, despedindo-se com um olhar terno e compreensivo.

A carruagem real deixou o Príncipe Áries e o preceptor Thiago no porto. Era chegada a hora do embarque rumo ao Reino da Bretanha! Serão longos onze dias até a chegada ao destino.

A nau Syrena içava suas velas ao vento. O vento soprava forte aquela manhã e a nau começava a se movimentar rumo ao mar alto. Do convés, os viajantes acenavam para os seus parentes, como o Príncipe Áries e Thiago acenavam para os seus.

O capitão da nau deu a ordem final de partida. A manhã estava ensolarada e o mar calmo, prenunciando uma viagem tranquila, apesar de março e abril serem meses de chuvas e ventos fortes na região de navegação.

O Príncipe Áries e Thiago passavam a maior parte do tempo estudando, ora apenas conversando, e faziam planos para os próximos seis anos que estarão no Reino da Bretanha. Andavam de lá para cá no convés da nau, admirando o mar e alguns golfinhos que apareciam próximos da nau. Mas, sentiam que o mar se agitava cada vez mais e ondas altas se formavam, jogando a nau de um lado para o outro, tirando até o equilíbrio dos viajantes.

E, no sexto dia de viagem, mais da metade do caminho havia sido percorrido. Mas, tempestades começaram a se formar no horizonte. Eram nuvens escuras e ventos muito fortes. O comandante da nau deu ordens para baixar uma parte das velas da nau, evitando que a embarcação balançasse muito e os mastros corressem o risco de se quebrarem. Uma preocupação e sensação de medo começavam a tomar conta de todos.

Uma forte tormenta se aproximava da nau. Uma intensa movimentação começava entre os tripulantes, se preparando para uma emergência. A tormenta formava ondas de mais de dez metros, que se aproximavam cada vez mais da nau Syrena. O capitão já antecipara que esta seria a maior tempestade que enfrentara em todos os seus anos de comando.

E não tardou para a tormenta, com suas enormes ondas, atingir a nau. Os passageiros foram orientados para se protegerem no porão da nau, os tripulantes lutavam bravamente para manter a nau sob seu controle e as altas ondas do mar brincavam com ela como se fosse uma simples e pequena caixa jogada no mar. Thiago permanecia ao lado do Príncipe Áries todo o tempo, abraçando-o e protegendo-o. Um sentimento que algo grave pudesse acontecer já atormentava os corações dos dois. O Príncipe Áries começou a chorar nos ombros de Thiago que, igualmente, não escondia o seu pavor. Era como os dois amigos estivessem se despedindo.

A força das ondas começava a causar sérios prejuízos à nau. O mastro mestre se partiu, várias cargas distribuídas ao longo do convés foram lançadas ao mar bravo, pedaços do casco de madeira da nau já se soltavam, fazendo com que água começasse a penetrar no interior da nau. Os porões começaram a ficar inundados e a nau afundava. O Príncipe Áries, Thiago e demais viajantes, que se refugiavam nos porões, subiram para o convés. Todos se preparavam para o pior. Assustado e chamando por seu pai e sua mãe, o Príncipe Áries se agarrava ao mastro mestre, chamando por Thiago.

A nau Syrena estava a minutos de entrar no chamado 'olho da tempestade', onde a chuva e os ventos têm sua intensidade máxima. Alguns tripulantes, tentando segurar as cordas das velas, foram lançados ao mar e se perderam. O terror de um naufrágio deixava todos em pânico. Só se ouviam

gritos, choros. Era uma madrugada fria, o céu estava estrelado e a lua cheia clareava a nau e o mar, possibilitando uma razoável visão a todos.

E o que parecia impossível aconteceu. Ao atingir o ‘olho da tempestade’ a nau Syrena foi virada pelas ondas diversas vezes e se partiu em pedaços. Tudo e todos foram lançados ao mar. Thiago gritava desesperadamente chamando pelo Príncipe Áries, mas em vão.

Os mortos e sobreviventes ficaram espalhados pelo mar, distantes um do outro cada vez mais. A tormenta continuou por mais duas horas e foi abrandando. Aos poucos, o mar recuperou sua serenidade, mas a nau já não cortava mais suas águas rumo ao Reino da Bretanha. A madrugada avançou noite adentro, até que começou a amanhecer. No mar, tudo era silêncio, só se viam os escombros do que sobrara da nau.

O dia seguinte amanheceu lindo e ensolarado. O sol brilhava forte. Nada podia lembrar a forte tormenta da noite anterior, salvo os escombros da nau que boiavam no mar, como um registro da tragédia. Ao longe do local do naufrágio da nau Syrena, um pedaço do mastro mestre boiava com um vulto agarrado a ele. Era um vulto de um jovem, parecia desacordado. Ele estava metade do corpo agarrado e em cima do pedaço do mastro e as pernas submersas na água gelada. À medida que o calor do sol aquecia seu corpo, o jovem foi acordando e, em certo momento chamou com uma voz fraca:

- Thiago! Thiago! Onde está você?

Em seguida, o jovem chorou muito, balbuciando palavras, chamando por sua mãe e seu pai, chamando por Thiago novamente. Era o Príncipe Áries. Ele era um sobrevivente do naufrágio, mas não se tinha notícia se outros sobreviventes estavam à deriva no mar. No reino, sua mãe conversava com seu pai:

- Petrus, já se passaram seis dias da partida de Áries. Dentro de mais cinco dias ele chegará ao Reino da Bretanha. Aí, poderemos ter notícias dele. O Thiago ficou de nos avisar por telégrafo sua chegada. Vamos aguardar. Já estou morrendo de saudades dele. Como este castelo fica vazio sem sua presença!

- Sem dúvida, Anne. E, quando eles estiverem acomodados e Áries iniciar seus estudos, vamos fazer uma primeira visita logo em seguida. Assim, além de confirmar se está tudo bem, matamos um pouco de nossa saudade. Respondeu o rei Petrus.

O Príncipe Áries recuperava aos poucos sua consciência, aquecido pelo bom calor do sol. Ele logo se lembrou do naufrágio, mas não sabia como fora parar no mar e em cima do pedaço do mastro. Imaginava onde estaria os demais e temia pela vida de Thiago e os outros viajantes e tripulantes. O mar jogava o pedaço de mastro, carregando o Príncipe Áries, lentamente em direção a uma praia. O sol que, antes o aquecia, agora começava a incomodá-lo e queimar sua pele. No final da tarde, já esgotado,

com fome, sede e com sua pele ardendo de queimada, o Príncipe Áries chegou a uma praia desconhecida. Arrastando-se até a areia da praia, ele adormeceu e lá ficou por toda a noite, embalado pela luz das estrelas e o pelo luar de uma esplendorosa lua cheia.

Na manhã do dia seguinte, o Príncipe Áries acordou, conseguiu levantar-se, viu ao seu redor alguns escombros da nau naufragada, mas nenhum sobrevivente. Mas, algo chamou de imediato sua atenção. Ele adormecera na praia, mas a praia não estava mais lá. O mar tinha desaparecido. Em seu lugar, um imenso deserto sem fim, seco e hostil.

- Mas, como pode isto? O pedaço do mastro está exatamente onde deixei, estes escombros vieram pelo mar, mas como explicar que o mar não está mais aqui? Alguém teria me removido? Não, isto não! A paisagem é a mesma, o local o mesmo aonde cheguei à praia! Pensou o Príncipe Áries muito intrigado.

Logo depois da areia, do que antes era a praia onde foi parar, ele avistou uma entrada para a mata. Era uma trilha. E, por instinto, ele se embrenhou na mata à procura de água e comida. Certamente, seguir pelo deserto seria uma opção mortal. Na mata, não faltavam riachos com água pura e cristalina e Príncipe Áries saciou sua sede, lavou-se para tirar o sal da água do mar. Em seguida, encontrou frutos na mata e gostou muito das amoras e outras frutas selvagens.

Ele seguia o seu caminho obstinadamente adentrando cada vez mais na floresta. Já não podia desenvolver uma marcha normal em virtude do emaranhado de cipós e arbustos que lhe dificultavam a passagem. Suas caminhadas se estendiam até a exaustão, incluindo a noite. Ele via muitos animais de caça entre os animais silvestres. Mas, apesar de ter sido criado para ser grande caçador, ele não matava estes animais, que lhe despertavam grande carinho e amizade. Limitava-se a comer peixe, frutas e raízes do mato.

À noite era acompanhado pelo brilho dos olhares de bichos escondidos nas árvores e nas matas. Mas, começou a chamar sua atenção dois pares de olhos que o acompanhavam o tempo todo. Entretanto, não conseguia ver que animais eram. Seguiam-no permanentemente em suas caminhadas. Uma bela manhã, quando o Príncipe Áries abriu os olhos, tinha a seu lado um pequeno macaco e um papagaio. Ele ofereceu-lhes um pouco de frutas e sementes, dando o nome de Kikiki para o macaco e Kurrupaco para o papagaio. Os dois bichos passaram a ser seus únicos e fiéis amigos, mas, hesitavam em se aproximar muito do Príncipe Áries. Talvez, não tinham certeza de que ele era mesmo um amigo. Afinal de contas, nunca o tinham visto na misteriosa floresta.

Distraído um pouco de seu drama, o Príncipe Áries, com um largo sorriso nos lábios, brincava com seus dois amigos:

- Vem cá Kikiki! Você, também, Kurrupaco!

Com o passar dos dias, Kikiki e Kurrupaco acostumaram-se com seu novo amigo e pulavam para cima de seus ombros e lá ficaram enquanto ele os acariciava e falava:

- Que bom ter alguém amigo nesta imensidão da floresta! E quem sabe vocês me ajudam a sair daqui!

Sem entender o que ele dizia, os seus bichinhos de estimação simplesmente respondiam:

- Kikiki! Kikiki! Kikiki!

- Kurrupaco! Kurrupaco! Kurrupaco!

Por um momento, o Príncipe Áries pensou em seus pais, na Suzie Sam, no seu amigo Thiago:

- Será que eu vou voltar a vê-los um dia?

E no reino, o Rei Peter e a Rainha Anne já tinham conhecimento do naufrágio da nau Syrena. Eles foram informados por navegadores do reino do Reino da Bretanha, que tinham socorridos alguns poucos sobreviventes e os levados para terra. Entre eles, estava Thiago, muito ferido. Thiago foi resgatado ainda em alto mar, próximo do local do naufrágio. Ele já se encontrava no castelo da Família Real. O desespero dos pais do Príncipe Áries era indescritível. A Rainha Anne estava sob os cuidados médicos. O Rei Peter enviou emissários à procura do seu filho para todos os reinos conhecidos, em um desesperado esforço de encontrá-lo são e salvo.

Enquanto isto, na misteriosa floresta, a motivação do Príncipe Áries mudou após a chegada de seus dois amigos. Já não se sentia tão só. Uma alegria estampou-se em seu rosto, o que lhe deu fôlego para caminhar com mais determinação na floresta. O Príncipe Áries passava por um trecho da imensidão da floresta com uma vegetação e árvores que não eram conhecidas deles. Alguns animais também lhe pareciam estranhos. Num certo momento, o Príncipe Áries avistou uma construção em pedra em forma de pirâmide escondida no meio da fechada vegetação. Era uma construção toda em pedra, parcialmente coberta por grandes raízes de figueiras e trepadeiras. As pedras estavam colocadas umas em cima das outras com grande precisão e capricho. Na pirâmide não havia janelas, nem portas. Mais duas outras construções, em forma de grandes câmeras, se alinhavam ao lado da pirâmide. Porém, se perdiam quase ocultas, na densa e gigantesca floresta, cobertas de vegetação.

- Estas construções são muito estranhas. Elas devem ter pertencido a alguma civilização muito antiga. Não se parecem com nossos castelos e casas. Pensava o Príncipe Áries.

Na mesma área, o Príncipe Áries podia ver árvores de porte gigantesco e se deparou com dois grandes animais que se alimentavam de folhas e frutos no local, movendo-se lentamente. À distância, não aparentavam ser perigosos. Eles se limitavam a olhar para o Príncipe Áries e

retornar aos seus alimentos. O Príncipe Áries parou para contemplar estes dois enormes e belos animais.

- Eles se parecem muito com o bicho-preguiça. Mas, como pode ter chegado a este tamanho? Eles são gigantescos! Que floresta estranha esta!

O Príncipe Áries prosseguiu em sua caminhada, deixando para trás as construções em pedra das grandes pirâmides e os gigantescos bichos-preguiça. Sentia que estava entrando em um mundo cada vez mais misterioso. Ao longe, as duas preguiças-gigante olhavam o Príncipe Áries desaparecer na densa floresta. Em uma tarde, o Príncipe Áries teve a grande surpresa - descobriu uma trilha escondida no mato, feita de pedras muito antigas. O Príncipe Áries parou e uma sensação estranha lhe enchia a alma, indagando-se:

- Para onde vai esta trilha? Quem a construiu, tão bem feita com pedras caprichosamente colocadas? Que perigos esta trilha poderia me oferecer?

O Príncipe Áries aprendera que diante da dúvida a melhor atitude é esperar e pensar. E assim procedeu. Sentou-se perto da trilha, abasteceu-se de água e de frutas, enquanto decidia o momento de continuar sua caminhada por esta trilha. Era algo desconhecido para ele. Questionava-se se daria em um novo reino ou uma aldeia de índios. E como os aldeões ou índios o receberiam. Poderia ser uma armadilha? E, assim, o Príncipe Áries passou um dia e uma noite. Os cantos dos pássaros e sons dos animais da floresta o acordaram logo cedo. Ao seu lado, Kikiki e Kurrupaco ainda cochilavam, quase caindo de seus galhos.

Príncipe Áries voltou para o início da trilha, andou por uma distância e pode constatar que há muito tempo ninguém passava por ali. O mato acumulado, as teias de aranha e a poeira que encobria parte das pedras demonstravam isto. Assim, decidiu continuar sua caminhada por esta desconhecida e misteriosa trilha. Sentia, igualmente, uma forte chamada para proceder desta forma. Seguido por Kikiki e Kurrupaco, o Príncipe Áries andava lenta e cuidadosamente, abrindo espaço com um facão que encontrara entre os escombros da nau. Não raras vezes, tinha que usá-lo para cortar galhos maiores. Alguns trechos desta trilha eram mais limpos, o que facilita a velocidade da caminhada. Outros mais fechados.

O Príncipe Áries foi se sentindo confiante e caminhava firme, enquanto penetrava para a parte mais densa floresta, observando algumas árvores enormes que nunca tinha visto antes. Elas pareciam vigiar e acompanhar os seus passos. Kikiki, sempre mais atrevido, ia à frente. Kurrupaco preferia descansar nos ombros de Príncipe Áries. Frutas, raízes e peixes não faltavam para todos. O Príncipe Áries contava as noites, marcando o número de luas em um pequeno pedaço de madeira. Já havia se passado 48 luas, quando:

- Nossa! O que é aquilo no chão? Gritou o Príncipe Áries recuando assustado.

Kikiki, imediatamente, se aproximou, mexendo em um vulto que jazia no chão. Kikiki não tinha medo de nada na presença do Príncipe Áries. Ele se acostumou a ter confiança no amigo, que sempre o salvou de situações perigosas. O Príncipe Áries se aproximou e pode ver algo que o paralisou por uns instantes. Seus olhos verdes se arregalaram entre os seus longos cabelos caídos na testa.

- É um esqueleto! Parece ser de um guerreiro! Que roupas estranhas! Nunca vi nenhum guerreiro assim antes!

O Príncipe Áries examinava o esqueleto de um guerreiro que ali morrera há muito tempo atrás. Suas indumentárias mostravam ser um guerreiro de alguma civilização muito distante dali. Tinha sapatos feitos de um couro de animal desconhecido do Príncipe Áries. Não levava muitas armas. Apenas uma grande lança e um pequeno machado de pedra. Dois grandes brincos de ouro redondos estavam próximos de sua cabeça. Em volta da cintura tinha um pano com um tecido grosso fixado por tiras de couro. Enrolado no meio dos ossos das mãos, o Príncipe Áries pode pegar uma pele com alguns desenhos.

- Parece um mapa! Têm construções, caminhos, trilhas. Parece estar sinalizando o local de uma civilização estranha, com construções todas em pedra!

O Príncipe Áries sentou-se para examinar melhor este mapa, enquanto Kikiki e Kurrupaco brincavam com os ossos e mordiam o couro dos sapatos do desafortunado guerreiro. O mapa mostrava claramente uma câmara de pedra, os pontos de referência para encontrá-la, as trilhas que davam acesso a esta antiga civilização. Mostrava, também, um homem com a mão estendida, com raios saindo de um objeto preso ao seu dedo. Mostrava pontos marcados com caveiras ao longo da trilha e nos corredores de acesso à câmara. Eram seis caveiras no total. Príncipe Áries se perguntava:

- Quem seria este guerreiro? Seria um emissário? Estaria procurando alguém para entregar este mapa? Quem o teria enviado? Há quando tempo partiu para esta missão?

Após uma minuciosa análise no mapa, o Príncipe Áries pode se situar na trilha e descobrir o rumo que deveria tomar para chegar a esta misteriosa civilização. Ficou intrigado com as marcas da caveira. Eram seis ao todo. Que perigos elas queriam sinalizar? Ele teria que passar por estes lugares? Um frio de medo correu por sua espinha. Determinado, o Príncipe Áries apressou-se em sua marcha, deixando os restos deste guerreiro emissário inerte e desarrumado por Kikiki e Kurrupaco. Ele levou consigo a lança e o machado de pedra encontrado no local junto ao esqueleto do antigo guerreiro. Sentia que algo muito surpreendente e até perigoso poderia surgir à sua frente a qualquer momento.

O Príncipe Áries prosseguia em sua marcha por muitas e muitas luas. Até que chegou a um ponto que...

- Kikiki, Kurrupaco, vejam a trilha desapareceu ao meio de uma escuridão total! Será que ela terminou aqui?

Príncipe Áries parou por instantes. Seus olhos ainda estavam cegos pela escuridão. Mas, após certo tempo, começou a enxergar alguma coisa. Ele pode ver sinais de localização da trilha. Porém, alguns pontos da trilha desapareciam marcados por quadrados de total escuridão. O Príncipe Áries percebeu que estes quadrados se intercalavam na mesma distância. Ou seja, os sinais da trilha apareciam e desapareciam a cada quadrado escuro.

- Isto só pode ser armadilha. Estes quadrados escuros são fossos! Quem cair em um destes fossos talvez nunca mais consiga sair!

O Príncipe Áries bateu o chão e encontrou alguns pedaços de pedras e, para confirmar sua suspeita, jogou estas pedras nos quadrados escuros e na trilha. As pedras que caíram na trilha fizeram barulho. As que caíram nos quadrados escuros demoraram a fazer barulho e, após alguns segundos, fizeram barulho de pedra caindo em água.

- São poços de água e são muito profundos! Exclamou.

Ele não teve mais dúvida que esta era a primeira armadilha da trilha em direção ao final assinalado no mapa. Ele somente conseguiria prosseguir na trilha se passasse por estas aberturas escuras dos fossos de água. Como o tamanho destas aberturas era maior que um passo seu, ele decidiu:

- Eu vou saltar sobre estes quadrados escuros! Esta será a melhor forma. Tentar desviar pela mata e retornar à trilha será muito mais complicado e perigoso.

Kurrupaco, sentindo o que vinha pela frente, imediatamente deixou os ombros de Príncipe Áries, enquanto Kikiki pulava para os galhos das árvores que fechavam a trilha pelas laterais.

O Príncipe Áries tomou distância e foi saltando os grandes quadrados escuros, em saltos calibrados. Foram treze longos saltos. Mas, uma surpresa esperava por ele. Quando saltou sobre o quadrado escuro número 13, o Príncipe Áries sentiu que seus pés não tinham a trilha para pisar. Este quadrado era maior que os outros doze. Sentindo a queda para dentro do fosso, Príncipe Áries conseguiu se segurar na borda do fosso com uma das mãos. Depois de alguns segundos, os pedaços da borda que se soltaram fizeram barulho na água, mostrando a profundidade do fosso.

O Príncipe Áries ficou nesta posição por um bom tempo e seu braço já não aguentava mais. Pensou que isto seria o fim. Kikiki e Kurrupaco queriam ajudar, mas somente ouviam os seus gritos por socorro, mas não o viam. Kurrupaco, então, voou para cima da copa das árvores tão densas que escureciam a floresta e com o seu bico afiado começou a desfolhar uma pequena parte dela. Depois de um grande esforço, a pequena abertura na copa da árvore permitiu a entrada de um fecho de luz do sol que iluminou

parte do fosso e mostrou o local onde Príncipe Áries se encontrava. Ele, por sua vez, estava preste a desmaiar de tanto esforço. Kikiki pode vê-lo, pulou em sua direção lançando uma ponta de um grosso cipó. O Príncipe Áries, com muito esforço, agarrou-se a este cipó e conseguiu sair do fosso. Foi sua salvação. Seus amigos o salvaram.

Passado o susto, o Príncipe Áries constatou que a trilha estava completa novamente e a floresta não estava mais escura.

- Puxa, desta escapamos! Desabafava o Príncipe Áries, alegre por este primeiro sucesso e agradecendo Kikiki e Kurrupaco pelo ato de bravura.

Olhando no mapa, o Príncipe Áries confirmou que não estava tão distante do final da trilha, que dava saída da floresta para uma praia. Mas, na trilha, ele logo encontraria a razão para a segunda caveira. A trilha começava agora uma subida bastante íngreme. Num certo ponto, a trilha passava ao meio de duas paredes muito altas. O Príncipe Áries seguia firme, apesar do grande esforço que tinha que fazer. Nunca em sua vida tinha andado por um caminho com uma subida daquela forma. Mas, inesperadamente, teve que parar e recuar. À sua frente, grandes teias de aranhas gigantes estavam armadas. Os seus ferrões eram do tamanho de um dedo dele.

O Príncipe Áries não teve dúvida que estava diante da caveira número dois. Kikiki ultrapassou as teias abrindo caminhos pelas fendas das paredes e Kurrupaco, que estava em uma situação mais confortável com o seu voo, também ultrapassou as teias e os dois sumiram por detrás delas. O Príncipe Áries sentiu-se sozinho, enquanto olhava fixo para a grande rede de teia de aranhas. Imediatamente, procurou por uma haste fina de galho. Ele já tivera experiências anteriores com teias de aranha, porém não como estas. Ele percebeu a melhor maneira de atravessar as teias das enormes aranhas:

- Vou me arrastar lentamente pelo chão, onde posso ver algumas aberturas pelas teias de aranha. Preciso ter cuidado de não tocar nas teias de aranha e provocar vibrações. Isto chamaria a atenção destas grandes aranhas!

As aranhas são muito sensíveis às vibrações das teias. Estas são sinais que insetos e outros animais caíram nas teias e isto significa que seus alimentos chegaram. As aranhas são extremamente rápidas quando sentem uma vibração e imediatamente correm em direção ao ponto da vibração para agarrar a presa e amarrá-la com as teias, fazendo uma bola. Em seguida, mordem a presa e o efeito do veneno faz com que ela se dissolva por dentro e seja sugada pelas aranhas.

Kurrupaco e Kikiki já estavam instalados no alto das árvores e viam o Príncipe Áries lá embaixo encurralado por grossas árvores e as enormes teias de aranha pela frente. As teias se entrelaçavam, fazendo um enorme e complexo emaranhado de perigosos fios. Ele iniciou a travessia, arrastando-se pelo chão e com o olhar fixo nas aranhas. Com sua mão direita levava a fina haste. Algumas teias eram finas e a escuridão dificultava sua visão. Assim, o Príncipe Áries poderia senti-las com o toque delicado da haste.

A travessia prosseguia bem, com Príncipe Áries avançando centímetro por centímetro, arrastando-se pelo chão. Ele sentia as teias mais finas com a haste que tinha na mão, sem provocar vibrações. Mas, quase no final da travessia, o Príncipe Áries esbarrou com os ombros em uma das teias, quando já se preparava para levantar e terminar sua travessia. As vibrações foram sentidas por uma das aranhas que imediatamente se dirigiu ao ponto da vibração. O Príncipe Áries se apavorou.

A aranha veio na direção da vibração, mas o Príncipe Áries ficou imóvel próximo a um grande barranco, agachado e mal respirava. A vibração da teia parou por uns instantes e a grande aranha procurava por todos os lados por sua presa. E, o que é pior, ela ficou parada a alguns passos de Príncipe Áries, que estava sem saída e sentia a morte perto. Ele via que a continuação segura da trilha estava a poucos metros dele. Mas, tinha que se livrar desta aranha. Qualquer movimento seria fatal. Foi quando ele viu ao seu lado um casco de jabuti e teve uma ideia.

- Vou jogar este casco no meio da teia. Espero que isto chame a atenção desta aranha!

E deu certo! Quando o casco do jabuti bateu na trama de teias, todas as aranhas correram para o ponto de vibração, dando tempo a Príncipe Áries para levantar-se e correr em direção à trilha segura.

- Foi por pouco! Desabafou aliviado.

Kurrapaco e Kikiki não deixavam de rir desta situação perigosa de Príncipe Áries. Era como estivessem pensando: 'Ele sempre adorou o perigo, está encontrando o que procurava!'. O Príncipe Áries consultou seu mapa e seguia na direção indicada. Mas, sabia que logo encontraria o desafio da terceira caveira mostrada no mapa. O que seria? O Príncipe Áries prosseguiu na trilha. Não tardou para o Príncipe Áries se deparar com o terceiro desafio da caveira. À sua frente, um enorme e alto paredão de pedra parecia interromper a trilha. Chegando perto ele viu que a trilha desaparecia em uma caverna aberta no paredão e, o que era pior, as chamas de fogo tomavam conta de toda a caverna, impedindo a entrada.

O Príncipe Áries, por uns momentos, pensou que sua missão terminara aí. Não tinha como entrar por esta caverna em chamas. O Príncipe Áries sentou-se desolado em uma pedra à margem da trilha. Kurrapaco e Kikiki subiram em seus ombros procurando dar apoio. Mas, uma coisa intrigava o Príncipe Áries:

- Se o mapa dava continuidade à trilha após esta terceira caveira, isto significava que havia alguma forma de cruzar esta caverna!

Olhando para o alto, o Príncipe Áries pode avistar que uma montanha estava coberta com o branco da neve e fazia muito frio. Ele voltou-se para o seu desafio. Sentia que escalar o grande paredão de pedra não seria possível. Entrar pela caverna em fogo seria mortal. O que fazer?

Ele se aproximou da entrada da caverna e teve uma primeira sensação que não havia calor nas chamas. Achou isto muito estranho.

- Este fogo deveria queimar quem se aproximasse muito da entrada da caverna. Mas, não. Está frio aqui fora! Que coisa estranha!

O Príncipe Áries pegou um pedaço de galho seco com folhas e jogou nas chamas da caverna. E, para sua surpresa, viu que não se queimou.

- Isto só pode ser feitiçaria! Concluiu.

Mas, um pequeno rato que o Príncipe Áries viu entrar na caverna morreu carbonizado instantaneamente. E a feitiçaria se confirmou quando o Príncipe Áries viu um grupo de morcegos entrarem na caverna.

- É feitiçaria, é feitiçaria! Os morcegos não estão vendo o fogo. Eles não se guiam pela visão. É este o segredo da terceira caveira! Você não pode ver o fogo, caso contrário, morrerá carbonizado!

O Príncipe Áries, apoiando-se em sua lança, fechou os olhos e decidiu entrar pela caverna. Arriscaria que este fogo era feitiço e que ele não existia de verdade. Kikiki e Kurrupaco fugiram do local e, através da floresta, foram esperá-lo na saída da caverna. Lenta e cuidadosamente, o Príncipe Áries iniciou sua caminhada pela caverna, com seus olhos bem fechados e se guiando com a lança, como fazem os besouros com suas antenas. E ele estava certo. Tinha descoberto o segredo da terceira caveira. O fogo não o queimava e ele fez uma travessia segura, sendo incomodado apenas pelas rajadas dos morcegos. Em dado momento, sentiu a claridade do sol novamente, depois da escura travessia da caverna. Ainda hesitando em abrir os olhos, pensou:

- Esta claridade só pode ser o final da caverna! Abrindo os olhos lentamente e reencontrando Kikiki e Kurrupaco.

Para seu alívio, o Príncipe Áries se viu novamente na trilha. Era começo de uma ensolarada tarde e o sol lhe dava um grande conforto. Ele aproveitou para reabastecer-se de água e comida. Ele pescou um peixe no rio próximo com águas muito geladas. Ele até tentou tomar um banho no rio, mas não conseguiu:

- Que água fria! Mas, que rio será este? Que lugar tão estranho será este. Para onde esta trilha me levará? Pensou preocupado.

O Príncipe Áries teve que comer o peixe cru. Não havia como fazer fogo no local. Após, algumas horas de caminhada e embalado pelo sol acolhedor e a barriga cheia, o Príncipe Áries adormeceu profundamente às margens da trilha, encostado em uma árvore. Em seu sono sentiu que estava sendo levado para o alto, como se levitasse lentamente. Sentia grandes laços passarem em volta de seu corpo e o suspenderem para o alto. Pensava até estar no colo de sua querida mãe. Mas, de repente o Príncipe Áries acordou e teve uma grande surpresa:

- Estou sendo levado por estas plantas carnívoras. Estou preso. Por que fui dormir assim?

O Príncipe Áries estava diante, sem dúvida, do desafio da quarta caveira. Uma grande planta carnívora, com tentáculos que envolviam seu, o levava para dentro de uma grande bolsa com uma tampa aberta e pronta para se fechar.

- É uma grande planta carnívora. Ela vai me aprisionar dentro daquela bolsa e se alimentar do meu corpo!

O Príncipe Áries lutava bravamente, mas não conseguia se livrar dos tentáculos. Pareciam cipós forte que o amarravam. Os tentáculos da planta carnívora levaram o Príncipe Áries para dentro da bolsa e a tampa fechou-se enquanto ele se debatia e tentava sair. Dentro da bolsa, ele sentia um líquido pegajoso que o prendia ainda mais, como se fosse uma areia movediça. Ele estava muito complicado nesta situação e ele perdia forças muito rapidamente. Mas, Príncipe Áries lembrou-se do facão que carregava, a tempo. Bravamente, lançou-se com o facão contra as paredes da bolsa de absorção, cravando-o e fazendo um corte para uma saída. A bolsa era muito grossa, mas o líquido pegajoso começava a sair pelos buracos abertos pelo facão do Príncipe Áries.

Já com os músculos doendo muito, o Príncipe Áries continuava cortando a parede da bolsa até que conseguiu abrir um buraco, que permitiu sua saída, salvando-se. Lançando-se no ar, o Príncipe Áries caiu na vegetação que o ajudou na queda. Imediatamente, ele pegou seus pertences e saiu correndo deste local. Na trilha, se livrava dos tentáculos de muitas outras plantas carnívoras.

- Nossa! Esta é uma floresta de plantas carnívoras! Gritava o Príncipe Áries, correndo o máximo que podia.

Ele havia passado pelo desafio da quarta caveira. Kikiki mostrava sua alegria, gritando:

- Kikiki! Kikiki! Kikiki!

E Kurrupaco o acompanhava:

- Kurrupaco! Kurrupaco! Kurrupaco!

Sentindo que já estava longe da floresta das plantas carnívoras, o Príncipe Áries voltou à trilha. A noite fria começava e Príncipe Áries procurou por abrigo, desabafando:

- Só faltam mais duas caveiras. Será que vou aguentar?

O Príncipe Áries estava muito cansado e abatido. Procurou abrigo para rever o mapa e descansar por alguns dias. Olhando a trilha pela frente, percebia que teria que iniciar uma escalada de uma montanha muito alta, em direção à neve branca e gelada e precisaria estar muito bem fisicamente. Isto significaria comer bem e descansar.

Em suas caminhadas por esta nova floresta, ele via animais que nunca tinha visto antes e pássaros estranhos para ele. Desconhecia quais os frutos e raízes que podia comer. Mas, como sempre se orientando pelos animais, o Príncipe Áries foi aprendendo novos hábitos de alimentação. E tratou de fazer uma boa reserva de água e comida. À noite, cobria-se de folhas para abrigar-se do frio:

- Mas, por que será que faz tanto frio nesta floresta! Dizia todo arrepiado.

Alguns dias depois, Príncipe Áries retomou sua trilha, iniciando a escalada da grande montanha e em busca da quinta caveira e o curioso e assustado com o desafio que o estaria esperando. Príncipe Áries fazia a escalada bem, seu preparo físico era invejável e ele tinha muita experiência em subir em árvores. Seus braços estavam fortes, como de um verdadeiro combatente. Raramente parando para descansar, o Príncipe Áries seguia firme. Queria chegar ao topo da montanha o mais rápido possível.

Mas, de repente, uma ventania muito forte o arrastava para fora da trilha e o tirando do solo várias vezes. O Príncipe Áries nunca tinha visto antes ou sequer imaginado que pudesse existir uma ventania assim. Ele agarrava-se em galhos de árvores ou nas pedras. Mas, a ventania era tão forte que o Príncipe Áries foi levantado ao ar, agarrado com os dois braços e duas pernas ao tronco de uma espécie de palmeira. Ele e a palmeira voaram velozmente e a ventania fazia rodavoltos que o deixavam tonto. Às vezes, pensava que iria desmaiar. Príncipe Áries não teve dúvida:

- Esta é a prova da quinta caveira. Mas, onde vamos parar? Para onde esta ventania está nos levando?

O Príncipe Áries continuou agarrando firme ao tronco da palmeira e fechou os olhos. As pedras e poeira castigavam o seu corpo. A ventania parecia interminável e a palmeira junto com ele foi levada para cima da montanha. De repente, a ventania cessou. A palmeira com o Príncipe Áries caiu com força no chão. Ele foi arremessado longe e desmaiou. Príncipe Áries ficou assim por algumas horas. Mas, o frio intenso o acordou. Ele estava deitado em um monte de neve e estava roxo de frio.

- Preciso fazer alguma coisa e rápido, senão vou morrer de frio aqui.

Com frio, Kikiki e Kurrupaco já não o acompanhavam mais, retirando-se para os cantos mais quentes da floresta que ficara para trás. O Príncipe Áries avistou um bando de um animal estranho, mas que parecia ter uma pele bem quente e que pastava próximo sem sentir frio. Parecia um cervo, mas tinha um pescoço comprido, orelhas grandes e pelos grossos. Eles não tinham chifres. Para sua sorte, ele encontrou a pele de um Guanaco, animal da família do camelo, que vive na região dos Andes, que havia morrido há muito tempo. E com esta pele, ele se protegeu do frio intenso. De todas as suas armas, só lhe restara o facão preso à sua cintura e o

mapa amarrado com um cordão em seu pescoço. O resto foi-se com a ventania.

- Resta agora a última caveira! Se eu conseguir suportar este último desafio, estarei chegando ao final da trilha, podendo sair desta enfeitada floresta! Pensava Príncipe Áries olhando o mapa.

Ele provava ser um grande guerreiro. Era forte e corajoso. Tinha agora pela frente o seu último desafio. Protegido do frio com a pele deste animal desconhecido para ele, o Príncipe Áries olhou para o alto, onde montanhas com grandes cumes o esperavam. Uma longa e íngreme escada cavada na pedra dava continuidade à trilha. A escada tinha centenas de degraus, que exigiriam dele um esforço extraordinário. Mas, o Príncipe Áries queria chegar ao cume antes do anoitecer e iniciou a subida dos degraus correndo com grande vigor. Já no meio do caminho, o Príncipe Áries olhava para os vales abaixo. Como animal, via somente grandes e estranhas águias que não conhecia antes. Finalmente, o Príncipe Áries chegou ao alto da montanha. Atônito, o Príncipe Áries avistou a grande cidade de pedra, exatamente como o mapa previa.

Ainda com um pouco de claridade do sol, que já se punha no vasto horizonte, o Príncipe Áries chegou ao final da trilha. Ela dava para uma grande parede de pedra, tendo na frente um canal cheio de água. O mapa mostrava que a trilha dava continuidade para o interior da parede de pedra, onde podia ver assinalados alguns túneis.

- Mas, como passar para estas câmeras, como mostrava o mapa? Perguntava-se.

Ele analisou o canal de água, mediu a profundidade. Encobria um homem, mas não era um fosso profundo:

- Acho que estou diante da sexta e última caveira. Se o mapa estiver mostrando uma situação verdadeira, ao final deste canal de água deve ter a abertura que dá acesso a uma câmara oculta. Mas, qual será sua distância? Terei que mergulhar, mas por quanto tempo? Meu fôlego vai ser suficiente? Se não for, não terei como voltar e morrerei afogado!

O Príncipe Áries ficou muito hesitante. Mas, sabia que não poderia desistir e voltar agora. Tinha feito tantos esforços e sentia que estava próximo de terminar sua aventura e ter a oportunidade de sair dali e ir à procura de sua família, retornar ao seu reino.

- Vou mergulhar. A noite está caindo. Não posso esperar mais!

O Príncipe Áries prosseguia em sua jornada. Ele mergulhou com coragem no canal, nadando o mais rápido possível com vigorosas braçadas. Não sabia a distância do canal, mas queria chegar ao fim o mais rápido possível. O canal estava com uma absoluta escuridão. Ele mergulhou por alguns minutos, mas o fim do canal não chegava. Ele já estava ficando sem fôlego e se aterrorizava:

- Será que este era o mortal desafio final para mim? Estou perdendo minhas forças. Acho que não vou conseguir!

O Príncipe Áries ainda nadou por mais alguns minutos, mas seu ritmo foi diminuindo, diminuindo até que ele desmaiou. O Príncipe Áries não soube e nunca saberá, mas neste momento uma corrente de água o deslocou rapidamente para o final do canal, lançando-o na escadaria que dava acesso às câmeras, ainda desmaiado. Ele havia vencido corajosamente seus desafios. Após algumas horas, ele recuperou os sentidos. Ainda tonto, abriu os olhos lentamente e se apercebeu que estava vivo e que havia chegado ao final do canal. Mas, não entendia bem como tinha conseguido fazer isto. Ele se levantou, confirmou que o mapa ainda estava em seu pescoço e o consultou. O mapa mostrava um longo corredor que terminava em uma grande câmara de pedras. Mas, estava muito escuro e o Príncipe Áries mal via o mapa. Mas, prosseguiu caminhando pelo longo corredor.

Neste momento, o Príncipe Áries teve uma surpresa. À medida que avançava pelo corredor tochas se acendiam iluminando e aquecendo o seu caminho, como lhe dando boas vindas. O Príncipe Áries encheu o peito de orgulho e coragem e caminhou com passos firmes e garbosos em direção à câmara. Chegando à porta de entrada da câmara, o Príncipe Áries se deparou com a cena mais deslumbrando de sua vida. A câmara era alta, tinha grandes vasos e urnas decoradas cheias de ouro e pedras preciosas. Tochas iluminavam o local. Altas estátuas com guerreiros estranhos segurando lanças enormes pareciam guardar o local. Na parede ao fundo da câmara, um trono com um vulto o esperava, envolvido em um grande manto que lhe cobria parte do rosto. O vulto estava só e o Príncipe Áries não podia de longe ver seu rosto. Ele ficou parado, esperando e hesitante se devia entrar, até que ouviu uma voz:

- Caminhe, meu jovem. Você provou ser um bravo combatente e merecedor do anel da liberdade. Eu sou Ahirakurã, o guardião da floresta e protetor de sua fauna e flora.

O Príncipe Áries ouvia atentamente sem fazer perguntas e o estranho velho guardião continuava:

- Eu tenho a grande missão de proteger toda a Amazônia da destruição imposta pelos homens gananciosos e sem escrúpulos, que tudo fazem para ganhar dinheiro. Estes homens estão trocando uma riqueza infinitamente maior por uma menor. Mas, ignoram isto. Não se preocupam com a destruição das florestas, ignoram o mal que isto faz para os outros homens e para as futuras gerações. Se eu falhar nesta missão e a Amazônia for destruída, isto será o início do fim vida na Terra. E será um fim muito triste e doloroso para toda a humanidade. Nós escondemos aqui as riquezas do ouro e das pedras preciosas para mostrar aos homens que a verdadeira riqueza está lá fora, na Natureza.

E o venerável ancião continuava:

- A Amazônia é um presente especial dos deuses. Através dela a humanidade respira, sua flora poderá dar remédios a muitas enfermidades, sua fauna é de uma riqueza e beleza sem igual. Ela manterá a temperatura para que os homens possam viver e purificará o ar para que possam respirar. Mas, muitos homens estão invertendo estes valores e destruindo a Amazônia e optando por destruir a vida.

O velho guardião pediu para Príncipe Áries se aproximar. O Príncipe Áries com muito respeito se aproximou. Em seguida, o ancião lhe entregou um anel de ouro com a cabeça de um carneiro esculpida. Era o símbolo do signo de Áries. Em seguida, disse:

- Um poderoso feiticeiro, que quer a destruição da humanidade através da destruição das florestas, conseguiu me enfeitiçar e me aprisionar nesta câmara, fazendo uma maldição: Que eu somente seria libertado se um Príncipe do signo de Áries viesse em meu socorro! O poderoso bruxo nunca imaginou que isto pudesse acontecer um dia e aconteceu, graças a você!

O velho guardião entregou o anel da liberdade ao Príncipe Áries, com estas últimas palavras:

- Meu jovem guerreiro, este anel lhe dará a liberdade para sair desta floresta enfeitiçada. Eu vou poder agora voltar à minha luta contra o bruxo da destruição e continuar protegendo esta linda floresta!

Dizendo isto, o velho guardião entregou o anel para o Príncipe Áries e começou uma transformação, desfigurando-se, transformando-se em uma grande águia.

O Príncipe Áries parou para admirar o seu anel. Era um anel grosso e resistente, em puro ouro. Na parte de cima via seis lindas pedras preciosas, tendo ao centro a imagem do carneiro. Ele o colocou no dedo da mão direita. Fechou os punhos e parou por uns instantes, dizendo:

- Agora, rumo à liberdade e à volta para casa!

Olhando para os grandes vasos e urnas decoradas cheias de ouro e pedras preciosas existentes no local, o Príncipe Áries teve a mesma sensação de desprezo de AHIRAKURÃ. Ele já sabia que os verdadeiros tesouros estão nas belezas e benefícios oferecidos pela Natureza. Mas, o Príncipe Áries tinha que voltar para o seu reino. Ele agora sabia que poderia contar com o poder do anel para não ter que passar pelos seis desafios novamente e não demorar as cem luas.

Em seguida, ouviu-se o estrondo de um raio e o clarão iluminava a câmara e o céu se abriu em seu teto. A grande águia voou, desaparecendo com um forte vento que a levou para o alto rumo ao centro da floresta. O Príncipe Áries estava, agora, livre para continuar sua jornada. Ele percorreu a trilha novamente e já não via mais as armadilhas que teve que enfrentar antes. Em pouco tempo, ele chegou à praia. A mesma praia aonde chegara após o naufrágio da nau.

Na praia, ainda estavam os escombros da nau e o pedaço do mastro que o salvou. O mar voltou a tomar o lugar do imenso deserto, seco e hostil. A linda, mas enfeitada floresta, tinha ficado para trás. Ao longe, o Príncipe Áries viu a grande águia, com o espírito do guardião Ahirakurã sobrevoar a floresta, continuando sua missão de protegê-la. Logo atrás dele, um enorme corvo igualmente sobrevoava a floresta. O Príncipe Áries não teve dúvida e pensou:

- Com certeza, lá vai o bruxo da destruição transformado naquele corvo!

Os dias passavam e o Príncipe Áries pensava em uma maneira para deixar a floresta e tentar voltar ao Reino da Ilha Rica. Então, ele resolveu construir uma embarcação improvisada, amarrando com cipós os pedaços de madeira dos escombros do barco junto ao pedaço do mastro mestre. Ele colheu algumas frutas e sementes na mata, bem como um cantil com água, para levar consigo. E não se esqueceu de pegar várias folhas de palmeiras para protegê-lo do sol. E ele decidiu que, na próxima maré alta, se lançaria ao mar, colocando o seu destino nas mãos dos deuses.

O dia amanheceu lindo. Ele acordou e observou o mar. A maré alta começava recolher de volta as águas do mar que invadira a praia. Era o momento que o Príncipe Áries aguardava para colocar sua embarcação improvisada e aproveitar o impulso das águas do mar. E lá se foi o Príncipe Áries na esperança de voltar ao seu querido Reino da Ilha Rica. Mas, ele pressentia que seria uma viagem muito perigosa e que esta aventura poderia até lhe custar a vida. Mas, não via alternativa. À medida que as horas passavam, ele observava que a floresta ficava cada vez mais longe, até desaparecer na linha do horizonte do mar. Alguns dias depois da partida, ele estava em mar aberto, sozinho, sem noção de direção para onde as ondas do mar levavam a sua embarcação. O suprimento de água e de comida começava a se esgotar.

Enquanto o Príncipe Áries vivia o drama de uma nova e arriscada aventura, no Reino da Ilha Rica seus pais estavam prostrados, abatidos por uma profunda tristeza. Os emissários enviados aos reinos vizinhos não tinham informações sobre o paradeiro de seu querido e único filho. Thiago, tampouco, tinha conseguido qualquer indício ou informação de onde poderia estar o Príncipe Áries. O rei Petrus definhava e adoecia aos poucos. Isto preocupava demais a Rainha Anne e todos os súditos do reino. Em desespero, o Rei Petrus ofereceu uma recompensa de 1000 moedas de ouro para que desse qualquer tipo de informação sobre o seu filho. A notícia se espalhou pelo Reino da Ilha Rica e todos os demais reinos. E, assim, uma legião de pessoas começou se interessar pelo desaparecimento do Príncipe Áries, motivada ainda mais pela generosa recompensa. Mas, por outro lado, isto trouxe à Família Real alguns problemas adicionais. Diversas informações foram dadas sobre a localização do Príncipe Áries, alguns jovens chegaram

até ser levados ao Reino da Ilha Rica, mas todas eram falsas e improcedentes. Estas falsas informações, começaram a apavorar ainda mais o Rei Peter e a Rainha Anne, temerosos agora que o seu filho pudesse até não ter sobrevivido ao naufrágio da nau Syrena.

Em alto mar, o Príncipe Áries lutava contra a vida e a morte. Seu suprimento de água e comida havia acabado. O sol era forte, ele sentia muita sede e fome. O que ajudava a abrandar o calor e evitar maiores queimaduras em sua pele eram as folhas de palmeiras, alinhadas como um pequeno teto na improvisada embarcação. Para não morrer de sede, ele bebia um pouco de água que conseguia nos dias de chuva e comia cru alguns peixes que, por descuido, caíam em sua embarcação. Mas, a água e a comida eram insuficientes e ele ficava cada dia mais fraco. Quando estava no ponto máximo de inanição, vendo a morte se aproximar, o Príncipe Áries avistou ao longe um barco. Ele conseguiu levantar-se na embarcação, segurou duas folhas de palmeiras em suas mãos e sinalizava desesperadamente para o barco, tentando mostrar sua presença, perdido naquele vasto oceano. Gritando o máximo que podia, acenando com as folhas de palmeiras sem parar, ele via o barco se afastar, para o seu desespero. Cansado e abatido, ele deitou-se no barco e assim ficou olhando as nuvens passar com seus desenhos indecifráveis. E assim adormeceu, muito mais de fome e sede do que de sono. Já era final de tarde e mais uma noite se aproximava.

E, quando tudo parecia perdido, o Príncipe Áries foi acordado por alguém chamando:

- Tem alguém aí? Tem alguém aí?
Era um chamado do barco pescador.
- Quem acenava? Tem alguém aí? Responda!
Quem perguntava era Vlasav, o Barba-Vermelha, capitão do barco.

O Príncipe Áries acordou imediatamente e acenou para os pescadores e, assim, foi resgatado e levado para o barco de pesca. A sua improvisada embarcação continuava o seu destino, agora sem o seu comandante, rumo a um ponto desconhecido da costa do mar.

Mas, no barco dos pescadores as coisas não saíram como o Príncipe Áries imaginava:

- Quem é você? Perguntou Vlasav, um homem rude, com barba vermelha e longa, forte e mal educado.
- Eu... Eu sou um príncipe... O Príncipe Áries!
- Ah, um príncipe! Está bem. Se você é um príncipe eu sou Noé, o construtor da Arca de Noé! Disse Vlasav, provocando risos entre os demais pescadores.
- E o que é este anel em seu dedo? Parece ser valioso! Continuou perguntando Vlasav.

- Este anel eu ganhei de Ahirakurã. Ele é o guardião e espírito protetor da floresta! Eu o libertei de um bruxo poderoso que o tinha aprisionado. Como agradecimento, ele me deu este anel! Respondeu o Príncipe Áries.

O dono do barco olhou para os demais pescadores e, com uma estrondosa gargalhada, disse:

- Vejam! Este jovem deve estar delirando de fome e de sede. Além de se achar um príncipe, ele está dizendo que viu espíritos e bruxas na floresta. Rapaz, me dê este anel para eu guardá-lo. E venha, vamos lhe dar água para beber e comida para matar sua fome!

O Príncipe Áries bebeu toda a água que precisava e comeu muito. Sentia bem e protegido. Ele achava que sua aventura estava próxima do fim. Ele pensava que os pescadores o levariam ao Reino da Ilha Rica e o entregasse aos seus pais. Após algumas horas a bordo do barco pesqueiro, ele perguntou ao rude Barba-Vermelha, como os pescadores chamavam o seu comandante:

- Vocês vão me levar ao reino onde moro? Eu vou poder ver meus pais novamente?

E a resposta de Vlasav não era a que ele esperava:

- Rapaz! Pare de delirar. Agora você já bebeu água e comeu da nossa comida. Está na hora de você nos retribuir com o seu trabalho! Aqui no meu barco quem não trabalha não come! E você veio em boa hora. Nós estávamos precisando de um jovem assim para alguns trabalhos que meus gordos pescadores não conseguem executar com facilidade!

Assim, novos desafios se apresentaram ao Príncipe Áries. Ele foi obrigado a trabalhar para poder comer. E seu trabalho consistia em atividades que os outros pescadores não conseguiam ou não queriam fazer, ou porque eram perigosas, ou porque eram sujas. Cabia a ele subir nos mastros para amarrar as velas do barco pesqueiro, ou mergulhar no mar para soltar redes de pescas presas às rochas. Ele ajudava no preparo das refeições, descascando centenas de batatas, cenouras e cebolas, limpava o barco, arrumava os peixes pescados no porão do barco, servia o dono do barco. Assim, ele ia dormir tarde da noite, muitas vezes sem tomar banho e cheirando a peixe, para ser um dos primeiros a acordar no dia seguinte. Mas, ele se consolava que, ao menos, estava vivo, podendo beber água e comer com a ajuda destes pescadores. Mas, ele alimentava planos de fuga e decidiu fazer isto na primeira oportunidade que surgisse.

Para distrair-se, o Príncipe Áries, após o almoço dos pescadores e enquanto todos tiravam uma soneca no convés do barco, ele ficava na popa do barco e jogava pequenos peixes para um grupo de golfinhos que o acompanha sempre. Assim, ele fez uma grande amizade com os golfinhos. Um deles chegava a tirar a cabeça fora da água e acenar para o Príncipe Áries, balançando a cabeça e emitindo sons. O Príncipe Áries percebeu que este era o líder do grupo dos golfinhos e o chamou de Cabeça-de-Melão.

Quando queria mais peixe, Cabeça-de-Melão aproximava-se do barco sempre na hora do almoço e do cochilo dos marinheiros.

Vlasav se apoderou do anel de ouro com a cabeça do carneiro incrustada e o guardava com muito cuidado em sua cabine de comando.

- Mas, que belo anel! Onde será que este jovem conseguiu este anel? Com certeza, deve tê-lo roubado de um rico senhor. É um ladrãozinho. Mas, como se diz: 'ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão', eu vou ficar com este anel. Pensava Vlasav, coçando sua horrível barba vermelha e com um sorriso diabólico nos lábios.

Um dia, ao servir vinho e comida para Vlasav, o Príncipe Áries viu seu anel guardado na prateleira de um armário, próximo a um suporte de vela. E ele comprometeu-se a pegar de volta o seu rico presente quando fosse o momento de fugir do barco.

Muitos meses se passaram nesta rotina. O barco pesqueiro ia aos portos de entrega e venda dos peixes e retornava ao mar para mais uma temporada de pesca. Nestas ocasiões, o Príncipe Áries era mantido a bordo com vigilância de dois fortes pescadores e se contentava de ver ao longe as casas e campos dos outros reinos. Nestas horas, ele se lembrava de seus pais mais ainda, do seu amado reino, de seus amigos, imaginava se Thiago estava vivo ou não. E o desespero e o desejo de fugir tomava conta de sua alma mais fortemente.

- Eu não vou esperar mais! Na próxima viagem do barco eu vou fugir! Prometia a si mesmo o príncipe Áries.

E esta oportunidade não tardou a chegar. Após alguns dias pescando em alto mar e com os porões cheios de peixe, o barco dos pescadores se dirigiu a uma localidade para a venda dos peixes. Esta localidade, um pequeno reino em um continente, ficava à beira de uma praia rasa e o barco não podia atracar. Assim, os peixes teriam que ser removidos em pequenos barcos. Isto já era uma rotina na vida dos pescadores. Em vista disto, o barco dos pescadores foi mantido longe da costa. E, neste dia, os pescadores não acharam necessário fazer a vigilância do Príncipe Áries. Afinal de contas, eles estavam muito longe da praia, havia tubarões na região e o dono do barco precisava de todos os pescadores no trabalho de descarga e venda dos peixes.

Vendo-se livre de todos por algumas horas, o Príncipe Áries decidiu: era chegado o momento da fuga! Ele se dirigiu à cabine de comando de Vlasav, pegou de volta o seu anel e foi à proa do barco para o seu mergulho de liberdade. Ele estava disposto a nadar toda a distância em direção a um campo aberto, afastado do povoado onde o barco dos pescadores descarregava os peixes. O Príncipe Áries nadava muito bem e já tinha participado de várias competições de natação em seu reino. Mas, nunca tinha nadado em alto mar e por um percurso tão longo e com ondas altas.

Mas, ele sabia que tinha que se arriscar. Ele não aguentaria por mais tempo a situação que vivia no barco dos pescadores.

Pedindo a proteção dos deuses, o Príncipe Áries olhou para o continente, traçou sua rota de natação mentalmente, respirou fundo e se lançou ao mar em um vigoroso mergulho. Com braçadas fortes e cadenciadas, ele cortava com rapidez a água do mar em direção à costa. Seu ritmo estava bom até o meio do percurso. Depois, ele começou sentir o esforço, o peso da água salgada e teve que fazer paradas para descansar boiando na da água. Recuperado o fôlego, ele retomava sua fuga para terra firme. E ele repetia esta operação por várias vezes. Mas, um perigo de vida o espreitava. Um tubarão avistou de longe o corpo inerte do Príncipe Áries boiando, que lhe parecia o seu alimento predileto, uma foca. Tomando impulso e com sua boca aberta, o mortal tubarão seguiu em direção ao Príncipe Áries. Por sua vez, ele descansava com os olhos fechados em razão do sol forte e não percebeu a aproximação do tubarão. Mas, alguns segundos antes, ele viu a movimentação da grande barbatana do tubarão vindo em sua direção. Mas, talvez fosse tarde demais. O tubarão estava pronto para abocanhar o Príncipe Áries, que já retomava sua posição de nado. Ele não teve tempo nem de gritar ou se defender e limitou-se a fechar seus olhos em pânico. Para ele, tinha chegado o fim de sua fuga e de sua aventura. Mas, de repente, algo aconteceu. Um golfinho o arrebatou por baixo, tirando-o do ponto de ataque do tubarão. Era o Cabeça-de-Melão, seu amigo golfinho, junto com outros golfinhos. Enquanto Cabeça-de-Melão levava o Príncipe Áries para uma área fora de perigo, os demais golfinhos nadavam em círculo ao redor do tubarão, confundindo-o e atordoando, fazendo com que ele se retirasse do local. O Príncipe Áries estava salvo!

Passado este susto, o Príncipe Áries acariciou a cabeça de seu amigo golfinho em sinal de agradecimento e se apressou em terminar o percurso até o litoral, nadando desesperadamente. Ele, finalmente, chegou exausto à praia e sem forças e deitou-se na areia, prostrado pelo cansaço e esforço descomunal. Mas, estava lá, onde ele planejava estar! Após algumas horas, ele levantou-se e cuidou para encontrar abrigo, água e comida, enquanto descobria os caminhos que davam ao reino próximo.

Quando Vlasav descobriu que ele fugira do barco, ficou furioso. E ficou mais furioso ainda, quando descobriu que o Príncipe Áries tinha levado o anel de ouro que, agora, considerava como sendo seu.

- Eu vou caçar este jovem até o fim do mundo, nem que eu leve minha vida toda! Esbravejou e prometeu.

O Príncipe Áries pôs-se em marcha, tomando todo o cuidado que um local desconhecido exigia. Em dado momento, ele viu uma multidão andando ou correndo apressada. Eram muitas pessoas, quase todas elas crianças, mulheres e velhos. Eles carregavam pertences pessoais, malas, alguns vinham com suas carroças. Parecia uma situação de fuga, fuga de

peças em pânico em face de alguma ameaça. Todas projetavam em seus rostos a sensação de medo. O Príncipe Áries conseguiu parar por um momento uma mãe que carregava seu filho no colo, perguntando-lhe:

- Senhora, por favor! Senhora! O que está ocorrendo aqui? Por que vocês estão fugindo?

A senhora dispensou alguns segundos de sua marcha para apenas responder:

- É guerra! É a guerra com o Reino de Od-Hiar! Fuja rapaz! Caso contrário, você será recrutado para lutar nesta guerra!

O Príncipe Áries ficou atônito e por uns instantes não sabia o que fazer. Mas, ele precisava de mais informações. Foi quando ele avistou um velho que, cansado da caminhada e já sem forças, sentara à beira da estrada para recuperar um pouco o fôlego, antes de tentar prosseguir. Ele parecia muito doente e fraco. O Príncipe Áries sentou-se ao seu lado e lhe fez algumas perguntas. O idoso, parecendo desistir de seus esforços de fuga, olhou para ele, baixou a cabeça, não respondeu nada por algum tempo. Mas, depois de perceber as boas intenções do Príncipe Áries e vendo que ele não lhe oferecia perigo, falou:

- Eu sou Mitrus e moro aqui no Reino de Am-Har. E você, quem é meu jovem?

Lembrando-se de Vlasav, que se apresentou como Noé, o construtor da Arca de Noé, para zombar dele, o Príncipe Áries preferiu manter sua identidade em sigilo, respondendo:

- Eu sou Áries, do Reino de Ilha Rica. O senhor sabe onde fica o meu reino?

- Não, nunca ouvi falar. Deve ser um reino muito distante daqui. Talvez, alguém da Corte Real o conheça. Mas, o que você está fazendo aqui?

- Eu sobrevivi a um naufrágio, passei por várias aventuras e agora estou à procura de meios para que eu possa voltar ao meu reino! Mas, o senhor? Por que todos estão fugindo? E fugindo por qual razão? O que os está afastando de suas casas? O senhor está sozinho? Não tem família?

E foi assim que o Príncipe Áries e o idoso tornaram-se amigos. Eles conversaram muito, o Príncipe Áries falou sobre o naufrágio da nau e suas aventuras ao senhor Mitrus, que começou a contar o drama que todos do reino estavam vivendo:

- Eu não vivo sozinho, não! Eu vivo com uma neta Carol. Mas, não sei onde ela está. Provavelmente, perdeu-se nesta multidão em fuga. As crianças, as mulheres e os velhos como eu estão fugindo por ordem dos comandantes militares do nosso reino. A guerra com o Reino de Od-Hiar está próxima. Na cidade ficaram somente os homens e os jovens. Aliás, eu não sei como você se atreveu a fugir também e não se alistar no exército para defender nosso reino. Você pode ser preso por isto!

E o Príncipe Áries procurou por mais informações:

- Mas, onde estou? Que reino é este que está querendo entrar em guerra com o de vocês. E como se chama o seu reino?

E o senhor Mitrus, com paciência e voz muito baixa, procurava explicar:

- Áries, o nosso Reino de Am-Har tem como vizinho o reino de Od-Hiar. Mas, antes estes dois reinos formavam um único e poderoso reino. Mas, os habitantes tinham desejos, pensamentos e ambições diferentes. Então, os dois reinos se separaram. Os habitantes, que queriam paz, criaram o Reino de Am-Har. Os habitantes, que acreditavam que tudo se consegue com guerras, criaram o Reino de Od-Hiar. Os dois reinos viviam em paz, até que um acontecimento mudou a vida e a rotina de todos os seus habitantes. E este é o drama que todos os habitantes de Am-Har estão vivendo.

O Príncipe Áries foi à procura de água e alguma coisa para o velho Mitrus comer. E achou em uma das casas abandonadas na beira da estrada. Seus habitantes já tinham saído para se juntar à multidão em fuga. Após saciar a sede e comer algumas frutas, o senhor Mitrus continuou:

- O nosso rei, o Rei Felipe, insiste para que seu filho, o Príncipe George, concorde em se casar com a Princesa Stephanie, do Reino de Od-Hiar, apesar de não amá-la. Mas, há um sério motivo para isto. Há algum tempo, o Rei Felipe foi procurado pelo violento Rei Vladimir do Reino de Od-Hiar. Este rei é conhecido pelas constantes guerras que infringe aos reinos vizinhos e pelos castigos e perversidades que aplica nos súditos vencidos por seu poderoso exército. O Rei Vladimir veio pessoalmente propor ao Rei Felipe este casamento, que possibilitará unir os dois reinos e dos dois exércitos. Assim, juntos, poderiam dominar os reinos vizinhos construindo um grande império!

- Mas, a verdadeira razão do Rei Vladimir é a riqueza do nosso reino e, com certeza, ele destituirá o Rei Felipe, se os dois reinos se unirem com o casamento. O nosso rei é adorado pelos seus súditos. O Rei Felipe conduz seu reino com ordem, justiça e paz social. Seus súditos trabalhavam com muito orgulho e dedicação. Muitos se dedicam ao trabalho na terra produzindo uma grande quantidade de alimentos e um bom vinho. Outros são artistas e artesãos. Em todos os recantos do reino podem ser encontradas estátuas de deuses e deusas que são veneradas pelos súditos. Além disto, os artesãos oferecem excelentes produtos como bolsas, calçados, roupas, carros de boi, selas para os cavalos. E todas as mulheres fazem os melhores bolos e doces de toda a região. As crianças aprendem escrever e ler. Elas aprendem as artes, como pintura e escultura. O Rei Felipe não mantém exércitos, somente alguns soldados para controlar a entrada e saída de seus súditos ao seu castelo. O Reino de Am-Har é um dos reinos mais ricos e pacíficos da região e isto atrai a cobiça de outros reis, em especial do Rei Vladimir. Suas terras são ricas em ouro e pedras preciosas. Mas, o Rei

Felipe nunca permitiu que as pedras preciosas e o ouro fossem extraídos, se para isto fosse necessário destruir a natureza. Entretanto, o Rei Felipe não acreditava que o Rei Vladimir ou qualquer outro rei possa invadir o seu reino. Por isso, ele não mantém exércitos e seu povo é pacífico.

Parando para descansar um pouco e sob o olhar atento do Príncipe Áries na história, o velho Mitrus continuou:

- Ao contrário, o Reino de Od-Hiar é voltado para a guerra. Seus soldados são treinados desde meninos para ser violentos e resistirem com bravura aos sofrimentos da guerra. As crianças são mantidas pelas mães até os oito anos de idade. Após esta idade, elas vivem em grupos e são criadas ao ar livre pelos comandantes dos exércitos. Os soldados de Od-Hiar submetem estas crianças a um treinamento militar rigoroso. As crianças aprendem a utilização de armas, como lanças, espadas e arco e flechas. Elas passam por torturas e sacrifícios, como ferimentos, fome e frio, para que aprendam a suportar as dores da guerra e ser imunes ao medo, além de resistentes às mudanças do tempo. Elas aprendem odiar a covardia e se tornam fanaticamente dedicadas ao Reino de Od-Hiar. Assim, ao invés de irem para a escola, permanecem horas e horas aprendendo as artes marciais e as técnicas de combate. E muitas ficam feridas e até morrem neste treinamento. O Rei Vladimir admira a educação do distante Reino de Esparta na Grécia e passou a adotar suas técnicas militares pelo extraordinário sucesso em combates do exército espartano.

O Príncipe Áries interrompeu a longa explanação do velho Mitrus, perguntando:

- E o Príncipe George? O que ela pensa a respeito desta situação? Qual foi sua decisão quanto ao casamento?

E o senhor Mitrus olhou profundamente nos olhos do Príncipe Áries e respondeu:

- O Príncipe George desapareceu! Ninguém no reino sabe de seu paradeiro. Acho que ele não aguentou a pressão e a responsabilidade de sua decisão. Alguns até pensam que ele pode estar morto.

Então, ele não aceitou este casamento, mesmo que isto leve a uma guerra contra o Reino de Od-Hiar?

- Eu temo que sim! Eu acho que esta foi sua decisão! Respondeu o velho Mitrus.

O Príncipe Áries ouvia calado o drama vivido pelo povo do Reino de Am-Har, que o velho Mitrus acabara de contar, manifestando-se em seguida:

- Agora entendo o dilema do Príncipe George. Casar com uma mulher que não ama ou levar seu reino a uma guerra estúpida contra o Reino de Od-Hiar! Eu acho que ele deve estar em algum ponto do reino, talvez na floresta, refletindo muito sobre isto. Eu acredito que ele esteja vivo.

Vendo que a multidão se afastava e não querendo que o velho Mitrus ficasse para trás, o Príncipe Áries procurou encontrar na região algum meio

de transporte. E ele achou uma carroça e um cavalo que alguém deixara abandonado em um sítio. Ele acomodou o velho Mitrus que pode, assim, seguir em sua fuga. E o Príncipe Áries decidiu ir em direção ao reino para melhor acompanhar os fatos e procurar por informações sobre a localização de seu querido Reino da Ilha Rica.

Enquanto se dirigia ao reino, o Príncipe Áries viu uma moça, uma adolescente que aparenta ter treze ou quatorze anos, chorando muito e gritando:

- Vovô! Vovô! Onde o senhor está? Por que não ficou ao meu lado?
Ao passar por ele, o Príncipe Áries lhe perguntou:
- Moça! Moça! Espere! Por acaso, você procura pelo velho Mitrus?
A jovem parou em frente do Príncipe Áries, enxugou suas lágrimas com os braços e confirmou?
- Sim! Onde está meu avô? Eu o perdi no meio desta multidão!
- Você deve ser a Carol! Disse o Príncipe Áries.
- Como você sabe o meu nome? Onde está o meu avô? Respondeu a jovem muito aflita.
- Calma! Ele está bem. Eu o encontrei sentado à beira da estrada. Ele parecia estar muito fraco e cansado. Parou para tomar um fôlego e descansar. Foi quando vocês se perderam um do outro! Nós conversamos, eu lhe dei água e comida e o coloquei em uma carroça puxada por um cavalo. Ele deve estar à sua frente alguns minutos. Corra que você o encontrará! Mas, para onde vocês estão indo? Perguntou o Príncipe Áries.
- À Floresta Negra! Meu avô tem uma cabana lá. Ele trabalhou muitos anos na Floresta Negra como lenhador. E, de vez em quando, nós ficamos na cabana. É uma pequena casa toda feita de troncos de pinheiros e coberta de palha. Fica próxima da cachoeira Gotas de Chuva! Respondeu Carol.
- Floresta Negra, cachoeira Gotas de Chuva! Mas, por que estes nomes? Quis saber o Príncipe Áries.
- O nome Floresta Negra é em razão das altas árvores, a maioria pinheiros, que nascem muito próximas umas das outras. Assim, no interior da floresta a escuridão é muito grande. E o nome da cachoeira Gotas de Chuva foi dado por ser uma cachoeira alta, mas criada por um pequeno riacho de águas cristalinas, que caem pelas rochas como se fossem gotas de chuva. Respondeu Carol.

E, neste dia, o Príncipe Áries conheceu a jovem Carol pela primeira vez e ela, também, viu o jovem Príncipe Áries pela primeira vez. Os dois ficaram parados, um olhando para o outro por um bom tempo sem dizerem nada. Eles se olharam carinhosa e profundamente, enquanto seus corações pulavam no peito de emoção. Os dois sentiram o que era um verdadeiro amor à primeira vista. Este era um sentimento que o Príncipe Áries, agora com mais de quinze anos, nunca experimentara antes. Um pouco encabulada, a jovem Carol disse:

- Muito obrigado! Muito obrigado... Qual é o seu nome?
- Áries! Respondeu o jovem príncipe.

Carol olhou mais uma vez os olhos verdes esmeralda do seu novo amigo, deu-lhe um carinhoso sorriso e não esperou mais nem um minuto, saindo correndo à procura de seu avô. E o Príncipe Áries, ao observando de longe correndo entre a multidão, seguiu o seu caminho rumo à vila do Reino de Am-Har. Ele ainda estava com seu coração terno e emocionado pela imagem da Carol. Ela não saía de sua mente:

- Mas, que jovem bonita e valente! E como ela é carinhosa com seu avô! Será uma linda mulher e uma grande companheira para quem se casar com ela!

Carol encontrou seu avô alguns instantes depois, ele subiu na carroça e pediu para seu avô acelerar o galope do cavalo. Eles precisavam encontrar o refúgio na Floresta Negra antes do anoitecer. No caminho ela pensava:

- Que jovem forte e bonito! Além disto, é um verdadeiro cavalheiro. Parece até um nobre! Seus longos suspiros a traíam. Ela havia se apaixonado pelo jovem Príncipe Áries!

Longe do Reino de Am-Har, no Reino da Ilha Rica, as notícias não eram nada boas. A Rainha Anne adoecia cada vez mais de saudades de seu filho. Ela não se alimentava bem, estava cada vez mais fraca, parecendo que havia feito uma escolha por morrer a ficar sem seu querido filho. O Rei Peter Marcus tinha uma preocupação em dobro, pela saúde de sua amada esposa e o desaparecimento de seu querido filho. Ele ordenou que se intensificasse a busca pelo Príncipe Áries em todos os reinos onde os barcos do Reino da Ilha Rica pudessem alcançar e pediu ao seu comandante militar que deslocasse dez mil soldados para ajudar nas buscas. Centenas de barcos saíram do Reino da Ilha Rica, rumo a diversas direções.

No Reino de Am-Har a doce Elisabeth, a fiel criada da Rainha Catarina, mãe do príncipe, nutria por George uma grande paixão. Era uma moça extraordinariamente bela e de maneiras adoráveis. E ela sentia que era correspondida pelo Príncipe George nesta paixão. O Príncipe George se encantava todas as vezes que via Elisabeth e os dois costumavam brincar juntos desde os tempos de crianças. Mas, o Príncipe George nunca admitiu esta sua paixão por Elisabeth perante a rainha e o rei, temendo represálias injustas à sua grande amiga e criada. Além disto, ele sabia que, na qualidade de Príncipe-herdeiro do Reino de Am-Har, nunca poderia nutrir esperanças de se casar com uma criada.

E o que todos temiam, aconteceu. Uma manhã, um emissário do Rei Vladimir trouxe uma carta ao Rei Felipe. E a terrível carta, breve e ameaçadora, transmitia a seguinte mensagem:

“Rei Felipe. Aguardo uma resposta final de sua alteza até o prazo de sete dias. Meu exército já está em preparativos para a guerra contra o Reino de Am-Har. Somente o casamento do Príncipe George com a princesa

Stephanie pode evitar esta guerra. A paz de seus súditos está em suas mãos. A vida de sua família, também!”.

Ao ouvir o Rei Felipe ler a mensagem do Rei Vladimir e a ordem dada aos soldados, Elisabeth procurou por George imediatamente. Ela sabia onde ele costumava procurar refúgio:

- George, George! Desculpe-me, Príncipe George, por favor!
- Olá, Elisabeth. Você pode me chamar de George sim! Afinal de contas somos grandes amigos desde crianças!
- George, seu pai recebeu um ultimato do Rei Vladimir. Ou ele decide pelo seu casamento com a princesa Stephanie nos próximos sete dias ou o nosso reino será invadido pelo exército de Od-Hiar!

Calado, George ouviu as palavras de Elisabeth. Olhou-a profundamente em seus olhos e gritou:

- Maldito Rei Vladimir! Já que é guerra que ele quer, é guerra que ele terá! Mas, casar com sua filha Stephanie, nunca!
- Mas, George! Nós não somos um reino de guerra, temos poucos soldados e quase nenhuma arma! Esta guerra será um massacre de todos os súditos de Am-Har! Disse Elisabeth desesperada.
- Minha querida amiga Elisabeth! Não podemos ser covardes. Render-se sem lutar ou morrer em uma guerra lutando por uma causa justa em que você acredita. O que seria melhor? Respondeu o Príncipe George.
- E o que vamos fazer, então? Quis saber Elisabeth.
- Vamos nos reunir com o maior número possível de homens e jovens de Am-Har e convocá-los para os preparativos de guerra contra o Reino de Od-Hiar. Disse o Príncipe George.

A jovem Elisabeth olhava-o carinhosamente, mas com muita preocupação. E o Príncipe George continuou:

- Eu acho que eu estava me comportando como um covarde! Talvez eu tenha sido um covarde mesmo em toda a minha vida! Sempre preferi fugir dos problemas e não enfrentá-los. Era isto que eu deveria ter feito no castelo. Ajudar o meu pai a enfrentar as ameaças do Rei Vladimir!

E naquela mesma noite, o Rei Felipe voltou ao assunto - casamento com a princesa Stephanie, filha do já seu inimigo Rei Vladimir do Reino de Od-Hiar. E ele tinha um bom motivo para isto - o prazo que se esgotava para sua resposta positiva ou a guerra!

E o Príncipe George, desta vez, adotou uma postura firme:

- Meu pai! Eu não vou me casar com esta princesa Stephanie e ser infeliz o resto de minha vida. Além do mais, não quero ter um sogro da categoria do Rei Vladimir. Nós vamos resistir e nos preparar para a guerra contra o Reino de Od-Hiar!
- Filho, você ficou louco? Nosso exército não é suficientemente poderoso para enfrentar o terrível exército do Rei Od-Hiar!

- Meu pai! Render-se sem lutar ou morrer lutando por uma causa justa em que o senhor acredita. O que seria melhor?

O Rei ficou mudo. Abaixou a cabeça e retirou-se dizendo simplesmente:

- Meu filho! Eu já estou muito velho para estas decisões. Deixo em suas mãos. Você é o Príncipe-herdeiro do trono mesmo. Faça o que achar melhor!

- Pai. Eu vou me reunir com todos os súditos e soldados de nosso exército amanhã mesmo. Temos, ainda, uma semana antes do prazo dado pelo Rei Vladimir. O tempo é curto, mas vamos nos preparar para a guerra com toda a garra e força. O povo unido jamais será vencido!

O Príncipe George reuniu-se com todos os soldados do Reino de Am-Har e o os súditos em um campo próximo da cidade. No meio da multidão, estava o Príncipe Áries, que a tudo ouvia com atenção e apreensão. O Príncipe George falou:

- Meus amigos! Bravos soldados e orgulhosos súditos do Reino de Am-Har! Uma vez mais, estamos sendo ameaçado pela ambição do terrível Rei Vladimir do Reino de Od-Hiar! Ele quer nos submeter a exigências absurdas, como o meu casamento com sua filha que mal conheço e não amo. E o objetivo deste casamento é ainda mais cruel! Ele quer a união dos Reinos de Am-Har e Od-Hiar. Vocês acham que podemos concordar com isto? Ou vamos lutar com a coragem que sempre tivemos?

E os súditos responderam:

- Vamos à luta! Queremos ver nosso príncipe casar com uma moça de Am-Har! Não queremos a união com o Reino de Od-Hiar!

- Morte ao Rei Vladimir! Seus soldados são muitos, mas vamos lutar até o último homem! Vamos salvar o Reino de Am-Har!

Uma boa parte da multidão apoiava o Príncipe George. Outra se mantinha em silêncio, com medo e insegura quanto ao seu futuro.

- Então preparem suas armas. Peguem tudo que possam para se defender. O tempo é curto. Esperamos o ataque dos soldados de Od-Hiar para daqui a uma semana! Que Deus nos proteja!

- Viva o Príncipe George, viva o Rei George!

O povo já aclamava o Príncipe George como o novo Rei de Am-Har.

- Meu querido povo! Um dia eu serei o sucessor do trono do Rei Felipe, meu pai. E vamos reconhecer todos os esforços de vocês com grandes mudanças para o nosso reino. Vamos fazer de Am-Har um novo reino. Um reino de paz e de progresso para todos. Um lugar onde todos poderão ter suas casas, trabalhar na terra ou nas oficinas, viver em segurança, educar seus filhos! Eu prometo!

- Viva o nosso rei! Viva o nosso rei! Gritava a multidão.

Assim, a multidão acabou concordando em se preparar para a resistência. Os soldados anotavam o nome de todos os súditos que se

alistavam. E, vendo o jovem Príncipe Áries fora da fila, um dos soldados ordenou:

- Você também! Você já é um homem forte! Pode ser um de nossos combatentes também!

E pegando o Príncipe Áries pelo braço, o levou a compor a fila e se alistar no exército de Am-Har.

Os dias que se seguiram foram de grandes preparativos e grandes apreensões. As mulheres ajudavam na improvisação de uniformes de guerra e de provisão de alimentos. Os homens afiavam suas lanças e machados, tiravam seus arcos e flechas dos armários.

Apesar da grande demonstração de garra e de orgulho pelo Reino de Am-Har, o clima de medo era visível. Afinal de contas, o exército de Od-Hiar era o mais preparado de todos e a proporção era de três soldados de Od-Hiar para um soldado de Am-Har. No fundo de seu coração, o Príncipe George achava que seria um milagre fazer o exército de Od-Hiar bater em retirada. Mas, ele não via alternativa senão a guerra.

Na madrugada da véspera do prazo final, o exército de Am-Har, liderado pelo Príncipe George, tomava posição nas colinas e campos ao redor do Reino de Am-Har. No reino permaneciam somente alguns poucos idosos, mulheres e crianças, que preferiram ficar na vila. E todos rezavam pelos seus soldados.

No castelo, o Rei Felipe e a Rainha Catarina retiraram-se para a pequena capela do castelo para rezar pelo sucesso do Príncipe George. Enquanto isto, no campo de batalha a madrugada avançava noite a dentro. Esfriava cada vez mais. Mas, os soldados não podiam acender fogueiras para se esquentar para não chamar a atenção dos inimigos. Assim, muitos não conseguiam dormir. As guerras podem trazer a morte para muitos, a invalidez para muitos outros. Nenhum soldado do bravo exército de Am-Har poderia prever se estariam vivos ou não no final do combate com os soldados de Od-Hiar. O Príncipe Áries pensava em fugir e procurar pelo velho Mitrus e Carol, refugiados na Floresta Negra. Mas, o sentimento de se tornar um covarde o fazia ficar ao lado dos soldados de Am-Har.

A proximidade da guerra fazia com que os soldados de Am-Har meditassem sobre suas vidas, enquanto enfrentavam o intenso frio da madrugada.

Dizia um filho, lembrando-se de seus pais:

- *Quanto tempo que eu não vejo meus pais. Estão velhinhos. Eu me descuidei deles. Não sei nem se estão vivos ou não. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha, vou reparar esta grande dívida que tenho com os meus queridos pais.*

Dizia um marido, lembrando-se de sua esposa:

- *Eu não tenho dado o devido valor para minha esposa. Eu a trato mal o tempo todo, como se fosse minha criada. Se Deus me permitir ficar vivo*

após a batalha, vou dizer a ela o quanto a amo e vou passar a respeitá-la mais como esposa e a mãe de meus filhos.

Dizia um pai, lembrando-se de seus filhos:

- *Eu não vi meus filhos crescerem. Minha preocupação sempre foi com a oficina de artesanato. Agora eles estão adolescentes e eu pouco sei deles. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha, vou resgatar a amizade com meus filhos, ficar mais próximos deles, orientá-los melhor para a vida. Quero ser um verdadeiro pai.*

Dizia um amigo, lembrando-se de outros amigos:

- *Quantos amigos de infância e da adolescência eu não vejo mais. Eles até procuraram por mim. Mas, eu os desprezei. Hoje eles estão afastados de mim. Fui muito egoísta e só pensei em mim. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha, vou procurar por estes amigos distantes e esquecidos e reatar nossa amizade. Ninguém pode ser plenamente feliz sem as verdadeiras amizades.*

Dizia um crente, lembrando-se de sua religião:

- *Quanto tempo eu não frequento os cultos de minha igreja e rezo pelo meu Deus. Agora estou solicitando Sua ajuda. Eu sou uma ovelha desgarrada do rebanho. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha, vou procurar frequentar os cultos de minha igreja todos os domingos e agradecer por todas as bênçãos que Ele tem me concedido.*

E, não diferente dos soldados, os idosos, mulheres e crianças que ficaram no povoado também meditavam sobre suas vidas em vista à proximidade da guerra. Eles consideravam a possibilidade de perder o pai, marido ou filho soldado do exército de Am-Har.

Diziam os pais, lembrando-se de seu filho na guerra:

- *Quanto tempo não vemos nosso filho! Agora estamos velhos. Talvez ele nem saiba se estamos vivos ou não. Nós sempre o tratamos como criança, sem direito a ter seus próprios sonhos e planos de vida. Assim, ele foi se distanciando e nos esqueceu. Se Deus permitir que meu filho volte vivo da batalha, vamos reparar este erro, mostrar o quanto o admiramos pelo homem que ele se tornou e o orgulho que sentimos dele.*

Dizia a esposa, lembrando-se de seu marido na guerra:

- *Talvez eu não tenha dado o devido valor para o meu marido. Deixei de reconhecer os esforços de seu trabalho para manter a família. Esqueci-me de dar-lhe o carinho como esposa e me deixei transformar em uma criada da casa. Se Deus permitir que meu marido volte vivo da batalha, vou tratá-lo como uma verdadeira esposa e mãe de seus filhos.*

Diziam os filhos, lembrando-se do seu pai na guerra:

- *Nós crescemos e esquecemo-nos de dar a atenção para o nosso querido pai. Nossa preocupação era com os amigos e nossos interesses. Pouco nos interessávamos pelos problemas e planos de meu pai. As vezes que ele nos procurou para ser nosso amigo, nós o rejeitamos pela nossa*

imaturidade. Ele se afastou, nós crescemos. Se Deus permitir que nosso pai volte vivo da batalha, vamos nos aproximar deles com muito amor e carinho, reconhecendo o grande homem que ele é e o pai zeloso e preocupado com a manutenção da família. Queremos ser filhos de verdade.

Diziam os amigos, lembrando-se de seu amigo na guerra:

- *Há quanto tempo não vemos o nosso amigo da infância e adolescência. Não devíamos ter nos distanciado dele. Amigos não se distanciam, se procuram sempre. Ele estava na luta da vida para construir uma família. Achamos que ele não queria mais nossa amizade. Se Deus permitir que nosso amigo volte vivo da batalha, vamos nos reaproximar dele, reviver nosso tempo de infância e adolescência e reforçar ainda mais a nossa antiga amizade.*

Dizia o missionário da igreja, lembrando-se do crente na guerra:

- *Quanto tempo eu não vejo alguns homens frequentar os meus cultos. Talvez eu devesse procurar por eles e promover uma melhor evangelização. É meu dever como pastor procurar pelas ovelhas desgarradas do rebanho. Se Deus permitir que nossos homens voltem vivos da batalha, vou procurá-los e levar a palavra de Deus e falar da importância para que compareçam aos cultos dominicais.*

O dia começou a amanhecer. O sol aos poucos despontava no horizonte, iluminando e dando calor àquela fria manhã. Muitos soldados de Am-Har estavam cansados, dormiram muito mal à noite. Mas, isto não esfriou o seu entusiasmo e vigor para defender Am-Har do exército de Od-Hiar. Ignorando o cenário de guerra que poderia acontecer a qualquer momento, as flores coloriam a natureza nos campos. Animais pastavam como sempre faziam, coelhos saíam de suas tocas, atentos para a luta da sobrevivência. E a raposa procurava por coelhos desatentos. Os riachos de água pura e cristalina continuavam os seus cursos, dando de beber aos animais e regando as plantas. A natureza seguia sua rotina. Afinal de contas, as guerras eram invenções dos homens.

Os soldados se levantaram e tomaram posição de combate. A qualquer momento surgiria no horizonte da planície o terrível e poderoso exército do Rei de Od-Hiar, o temido Rei Vladimir. O medo, a ansiedade, a tensão eram generalizadas. O Príncipe George tomava a liderança e gritava palavras de ordem procurando manter seu exército motivado e alerta para o combate. As horas passavam. De repente eles sentiram que o chão começava a tremer. Quem já estivera antes no campo de batalha sabia que este tremor era dos cavalos e da marcha de milhares de soldados. O Rei Vladimir e seus milhares de soldados sedentos de sangue estavam a caminho.

- *Soldados! Preparem-se para a guerra! Que Deus nos proteja, proteja nossas famílias e proteja o Reino de Am-Har! Viva o Reino de Am-Har!*
Gritou o Príncipe George.

No campo de batalha, milhares pessoas, uns a pé, outros a cavalo, começaram a surgir no horizonte, vindo em direção ao exército de Am-Har.

O Príncipe George gritou:

- Todos a postos! Aguardem o sinal de ataque. Tenham fé no seu potencial! Deus está do nosso lado!

E os soldados de Am-Har concentraram seus olhares no grande exército que se aproximava cada vez mais, em passos lentos. Mas, os soldados não pareciam ameaçadores! Estranho, não?

Quando chegaram mais perto da visão, o Príncipe George e seus soldados puderam ver que na frente estavam os súditos de Am-Har, que abandonaram o povoado e suas casas, em fuga. Milhares de idosos, a pé ou a cavalo, marchavam em silêncio. Milhares de mulheres e crianças acompanhavam estes homens, levando bandeiras brancas e flores vermelhas. Não se via nenhuma arma sequer! À frente, em sua carroça, estava o velho Mitrus e sua neta Carol. E, corajosamente, Carol gritava para esta multidão:

- Vamos nos colocar à frente da marcha do exército de Od-Hiar. Vamos ajudar nosso rei e nossos soldados!

Sem levar armas, levando somente milhares de bandeiras brancas empunhadas por crianças e flores vermelhas nas mãos das mulheres, os súditos do Rei George se posicionaram à frente da marcha do temido exército de Od-Hiar. Todos ficaram com as cabeças baixas em sinal de respeito e submissão. O Rei Vladimir ordenou que seus soldados massacrassem o povo de Am-Har, não importando se eram idosos, mulheres e crianças sem armas!

Mas, os fortes e bem armados soldados do Rei Vladimir simplesmente pararam a marcha. Em seguida, desistiram da luta contra o povo de Am-Har e deram meia volta em direção ao Reino de Od-Hiar novamente. E fizeram isto por uma razão simples - os soldados do poderoso exército do Reino de Od-Hiar foram preparados para a guerra e ensinados a nunca ser covardes. Eles não quiseram atacar e matar crianças, mulheres e idosos que não levavam armas, apenas bandeiras e flores. Assim, eles não obedeceram a ordem do Rei Vladimir. Eles entenderam que seriam grandes covardes perante os seus deuses se fizessem o ataque. Eles bateram em retirada, para o desespero do Rei Vladimir. Mas, antes da retirada, o Rei Vladimir ordenou:

- Está bem, não seremos covardes. Mas, povo de Am-Har! Fiquem sabendo que um dia voltaremos! Soldados, levem os homens jovens! Eles nos serão úteis para a formação de futuros soldados ou como escravos!

Assim, antes de se retirarem, os soldados do Reino de Od-Hiar sequestraram vários jovens, seguindo as ordens do Rei Vladimir. Entre estes jovens, estava o Príncipe Áries.

Após a retirada do exército do Rei Vladimir, o velho Mitrus e sua neta Carol se dirigiram ao Príncipe George:

- Bom dia, alteza Príncipe George. Meus respeitosos cumprimentos. Eu e a minha neta Carol sabíamos do risco que o Reino de Am-Har corria com a guerra contra Reino de Od-Hiar. E resolvemos agir! Mas, agir com o que tínhamos - nossa confiança em Deus e nossos desejos de paz! O amor de Am-Har venceu o ódio de Od-Hiar!

O Príncipe George abraçou o velho Mitrus e sua neta Carol, em agradecimento. Os soldados de Am-Har gritavam de alívio e alegria: Vencemos! Vencemos!

No retorno como herói, o Príncipe George foi proclamado o novo Rei. Seu pai Felipe, doente, renunciava ao reinado a favor de seu filho. O novo Rei George governou conforme havia prometido. Passou a reconhecer os esforços de seu povo. Fez de Am-Har um novo reino. Um reino de paz e de progresso para todos. Um lugar onde todos passaram a ter suas casas, trabalhar na terra ou nas oficinas, viver em segurança, educar seus filhos!

No Reino de Od-Hiar, o Rei Vladimir enfrentava problemas com o seu comando militar, após a recusa de seus soldados de atacar o povo de Am-Har. Ele trocou vários de seus comandantes, mas, ao mesmo tempo, prometeu reformas em sua maneira de governar o reino, tornando-o mais voltado para o bem de seu povo e menos para a guerra. Mas, isto levaria um bom tempo. Os jovens sequestrados foram colocados em uma prisão no castelo. Lá eles teriam aulas sobre técnicas de guerra e, em seguida, começariam o treinamento e exercícios militares. Os que não se adaptassem ou mostrassem capacidade, seriam usados como escravos. O Príncipe Áries passaria agora por outros desafios ainda maiores...

No Reino de Am-Har, o novo Rei George procurava fazer um governo pacífico, resgatando a amizade e o amor entre os seus súditos. E ele se casou com a mulher que amava. E Elisabeth se tornou a nova rainha. Quando soube deste feliz desfecho para o drama vivido pelo Príncipe George, o Príncipe Áries ficou muito feliz por ele por todos os súditos do Reino de Am-Har.

O velho Mitrus voltou à sua cabana na Floresta Negra. E resolveu passar seus últimos anos de vida lá, onde podia viver em plena natureza, ouvir os cantos dos pássaros todos os dias, beber da água pura e cristalina das fontes, caminhar nas montanhas respirando o ar fresco e saudável, banhar-se nas cachoeiras. Sua neta Carol, não querendo contrariar seu avô, concordou em morar na cabana ao lado dele, que era o único parente vivo que ela ainda tinha. Seus pais haviam morrido em uma avalanche de neve, há muitos anos atrás. Na estrada de terra que dava acesso à cabana na Floresta Negra, apenas duas cruzes marcavam a passagem dos pais de Carol por esta vida.

Mas, Carol sentia muito a ausência do Príncipe Áries:

- Meu Deus! O que será dele nas mãos do maldoso Rei Vladimir? Será que tornarei a vê-lo um dia? Será que ele tentará me encontrar? Será que ele sentiu por mim o mesmo que eu senti por ele?

Suspirando, encostando sua cabeça no ombro de seu avô e não conseguindo esconder as lágrimas que caíam de seus olhos, Carol e seu avô seguiram rumo à cabana na Floresta Negra para recomeçar uma nova vida.

Mas, por que será que o Rei Vladimir admirava tanto o poderio e o treinamento militar da distante Esparta, na Grécia? Tudo na vida tem uma razão de ser! O seu pai, o Rei Ygor, era mais violento e belicoso do que ele próprio. Quando o então Príncipe Vladimir tinha apenas doze anos, o Rei Ygor o enviou para treinamento militar em Esparta. E lá, sofrendo todos os tipos de castigos e sacrifícios para ser tornar um grande militar, ele acabou absorvendo esta cultura espartana da guerra e da violência. E, assim, ele adotou no Reino de Od-Hiar, copiando em grande parte, os treinamentos e exercícios de guerra, que eram realizados no próprio Reino de Od-Hiar.

Desta forma, o Rei Vladimir não era totalmente culpado por ser assim. Ele é fruto da educação que recebeu de seu pai, o Rei Ygor. Naturalmente, ele poderia ter buscado outros caminhos para sua vida e desenvolvido outros valores. Mas, isto não aconteceu.

Esparta era uma sociedade, eminentemente, militar e estava sempre preparada para a guerra. E o que Esparta não tinha de recursos em seu território, ela buscava em outros estados e cidades, através das guerras. O sistema político em Esparta era totalitário e policial, que não reconhecia a vida privada dos cidadãos e os valores de família eram combatidos. Toda a vida dos espartanos era organizada em função do Estado e para ele voltada.

Logo que nasciam, as crianças eram apresentadas aos anciãos e, se fossem fracas, eram mortas imediatamente. Com isto, Esparta tinha a seu serviço e em seu exército, homens fortes para aguentarem as durezas das guerras. Aos sete anos de idade, a criança espartana era tirada de sua família e sua educação, exclusivamente militar, passava a depender do Estado, visando lhes inculcar o ideal de virtude guerreira e de obediência. Aos vinte anos terminava a educação militar e o jovem espartano ascendia à categoria de soldado.

Obrigado a casar-se, raramente ele via a esposa, pois tinha de continuar a viver com seus companheiros até aos trinta anos, só ficando livre do serviço militar aos sessenta anos. O único propósito era criar bons e leais soldados. Esparta fazia de seus cidadãos modelos de soldados fortes, corajosos, bem treinados e obedientes às autoridades. Os jovens soldados eram educados no sentido de atacar de surpresa e matar cruelmente todos os considerados inimigos. O exército espartano formou uma das mais temidas forças militares na história da humanidade.

As crianças aprendiam desde cedo a combater com eficácia, eram testadas fisicamente, submetiam-se a provas de resistência física e

psicológica, exercícios de sobrevivência em condições extremas e diversas. As provas incluíam torturas para suportarem a dor, o frio, a fome, o isolamento em câmeras escuras. Os meninos aprendiam a manejar lanças, espadas e escudos. A alfabetização não era o mais importante. Os que não conseguissem completar esses treinamentos eram submetidos a castigos e punições, impostas pelos colegas mais velhos, como açoites e humilhações públicas.

A partir dos dezesseis anos, começava a fase final da preparação militar. Era nesse momento que o treinamento passava a ser prático. Os jovens guerreiros com grandes escudos redondos, lanças longas sobre o ombro direito e espada embainhada, eram unidos em grupos de até quinze guerreiros para exercícios verdadeiros de guerra. Estes grupos chamavam-se falanges e as falanges se enfrentavam até que um grupo se rendesse e as mortes comesçassem a acontecer.

Além da força física, era necessária muita confiança no seu parceiro ao lado. Se ele corresse ou caísse, a lança do grupo rival aproveitaria o espaço e alguém estaria morto.

O teste final da vida do soldado espartano era realizado aos seus dezessete anos. Esse teste, conhecido como Kriptia, era como um jogo, onde os soldados se escondiam de dia em campos e, ao anoitecer, saíam à caça do maior número possível de escravos.

Assim, educado neste ambiente de Esparta, o Rei Vladimir não poderia ser muito diferente do que ele provava ser. E este treinamento aguardava o Príncipe Áries e os demais jovens adolescentes sequestrados pelo Rei Vladimir em sua retirada do campo de batalha com o Reino de Am-Har!

Assim que chegaram, os jovens súditos de Am-Har foram levados ao um grande salão, onde permaneceriam juntos por todo o período de treinamento militar. O Rei Vladimir designou o seu melhor comandante militar para ser o coordenador deste treinamento, o implacável Comandante Athos. Athos dividiu o grupo de jovens em dois grupos, um com jovens do próprio Reino de Od-Hiar e outro com os jovens sequestrados do Reino de Am-Har. Ele queria testar a capacidade física e talento dos jovens do seu reino com os do reino inimigo.

Os jovens começaram o treinamento militar, que se estendeu por muitos meses. Eles foram testados em sua capacidade física, com testes como: levar sacos de areia nas costas muito pesados por percursos longos, pendurarem-se em barras e permanecer por horas a ponto de quase estourarem os músculos e tendões dos braços. Eles foram testados em sua capacidade de suportar psicologicamente as torturas, com testes como: suportarem queimaduras nos braços e nas pernas sem manifestação de dor, ficarem com aranhas e escorpiões no corpo sem demonstrar medo, ficarem em câmeras escuras, sem janelas por semanas. Nos exercícios de

sobrevivência em condições extremas e diversas, o grupo foi deixado na selva, com pouca roupa e sem água e comida. O frio era intenso. O Príncipe Áries procurou se proteger do frio enrolando folhas de palmeiras em seu corpo e, para não morrer de fome, ele comia gafanhotos e minhocas, entre outros insetos que encontrava. Após semanas nestes exercícios, os jovens começaram a aprender a manejar lanças, espadas e escudos. Eles eram obrigados a lutar entre si, com muitos ferimentos, alguns graves.

Finalmente, o treinamento estava se completando. Faltava somente a disputa entre as duas falanges. Os jovens de Od-Hiar formaram uma falange e os jovens sequestrados de Am-Har formaram outra. As duas falanges lutariam agora entre si, até que uma delas se rendesse ou ocorressem as primeiras mortes. O Príncipe Áries ficou muito assustado, ele não queria morrer, tampouco matar alguém. No dia da luta, em uma arena, as duas falanges se encontraram. Os súditos de Od-Hiar lotavam a arena de lutas, gritando:

- Morte aos inimigos de Am-Har! Vamos nos vingar deles!
- Vamos provar que somos um povo mais forte e corajoso!
- Nós temos os melhores guerreiros e vamos mostrar isto a eles!

Os guerreiros das duas falanges se posicionaram para a luta. Eles deveriam ficar afastados por cinquenta metros. Quando o Rei Vladimir desse o sinal, uma falange deveria correr em direção à outra falange e começar a lutar, usando lanças, escudos e espadas. Havia cheiro de morte no ar! E era isto que os súditos de Od-Hiar queriam ver!

O maldoso Rei Vladimir levantou o braço empunhando uma espada para o alto. Em seguida, baixou a espada em um movimento rápido. Este era o sinal para o início do combate. O Príncipe Áries e seus companheiros de Am-Har correram em direção aos combatentes de Od-Hiar. E os guerreiros de Od-Hiar também corriam em direção a eles, gritando forte e alto:

- Morte aos guerreiros de Am-Har!

E somente se ouvia gritos, gemidos, sons de espadas batendo uma contra as outras, barulho surdo de lanças nos escudos. Em dado momento, alguns companheiros do Príncipe Áries recuaram e ele ficou sozinho na frente de sua falange, caindo ao solo. Um dos combatentes de Od-Hiar preparou a espada para lhe dar um golpe fatal. O Príncipe Áries viu a morte se aproximando. Ele fechou os olhos e naquelas frações de segundos pensou que nunca mais veria sua mãe, seu pai e jamais voltaria ao seu querido Reino da Ilha Rica. O seu rosto estampava o pavor da morte.

Mas, de repente todos que assistiam a esta cena e os guerreiros das falanges pararam, olhando assustados para os céus. Uma grande águia, emitindo um grito estridente que fazia tremer toda a arena, desceu ao local da luta e com suas garras pegou o Príncipe Áries, levando-o para fora da arena. A grande águia, com o espírito do guardião Ahirakurã, veio em seu

socorro. Foi uma forma de Ahirakurã agradecer ao Príncipe Áries por ter salvado sua vida. Sob o olhar atônito de todos os presentes à luta das falanges na arena, a grande águia tomou um rumo desconhecido de todos.

O Rei Vladimir estava sem palavras e em estado de choque. De volta ao palácio, ele procurava entender o feitiço feito pelo jovem guerreiro de Am-Har. Ele achou que o Príncipe Áries tinha poderes dos deuses. Com medo, ele libertou os demais jovens sequestrados de Am-Har e nunca mais incomodou o seu vizinho reino. Sua maior preocupação passou a ser o treinamento militar de seu filho, o Príncipe Victor, seu sucessor ao trono. Mas, para o Príncipe Victor, o Rei Vladimir tinha um plano melhor. Ele seria enviado à Esparta para receber treinamento militar com os maiores mestres da guerra.

Mas, não era isto que o Príncipe Victor desejava para ele. Ele admirava a cultura da civilização da cidade de Atenas, na Grécia. Ele queria estudar lá, aprender escultura, pintura, fazer versos, aprender com os filósofos gregos sobre astronomia, matemática e outros conhecimentos que eles dominavam. Ele não queria ser um comandante militar. O Príncipe Victor relutava, chorava, implorava ao seu pai para que não o enviasse para Esparta e sim para Atenas. Mas, seu irreduzível pai, o Rei Vladimir, achava isto uma fraqueza e se recusava a atender ao pedido do seu filho.

- O Príncipe Victor irá para Esparta. Aprenderá o que é ser um guerreiro de um homem de verdade. Ele saberá dar valor a isto quando assumir o trono do Reino de Od-Hiar! Dizia o Rei Vladimir.

Atenas era uma cidade bem sucedida e comercial. Atenas despertou sempre a cobiça de outras cidades gregas, entre elas Esparta. Era uma cidade riquíssima culturalmente. Alguns dos maiores nomes da época viviam em Atenas, cidade repleta de escritores, pensadores e escultores. Entre eles, estavam os autores de peças de teatro Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes. E, também, os grandes filósofos Platão e Sócrates.

Atenas destacava-se muito pela preocupação com o desenvolvimento artístico e cultural de seu povo, desenvolvendo uma civilização de forte brilho intelectual. Na arquitetura, destacavam-se os lindos templos erguidos em homenagem aos deuses, principalmente a deusa Athena, protetora da cidade. Atenas era o berço da democracia. Atenas não tinha uma sociedade militarista e a sua economia era baseada na agricultura e no comércio. Toda a cidade era uma larga escola, um vasto templo, uma enorme escola de arte. Sob o céu azul ático, professores, filósofos, poetas, cientistas e artistas, vindos de todas as regiões, visitavam Atenas para enriquecer suas mentes, tornando a sociedade cheia de vida, movimento e beleza, aonde os homens viviam em harmonia com a natureza e aprendiam com ela.

A educação ateniense tinha como objetivo trabalhar as qualidades mentais, físicas e morais do ser humano, guiando os jovens e fazendo com que se tornassem fortes e decentes, úteis à sociedade e bons cidadãos. O

equilíbrio entre o corpo e a lama era o alvo principal da educação ateniense, a mais nobre que o mundo conhecia.

A educação em Atenas consistia em três cursos básicos. O primeiro curso era chamado "Grammata" (as letras), e incluía a leitura, escrita e matemática. O professor era chamado de "Grammatistes" (professor das letras). Quando as crianças passavam a dominar a língua, elas tinham aulas sobre os grandes poetas e suas obras, como a 'A Ilíada e a Odisseia' de Homero.

O segundo curso consistia em Música e Canto e as crianças aprendiam tocar instrumentos como lira e a flauta, recitar e apresentar poemas musicais. O professor era chamado de "Kitharistes" (guitarrista). Através das letras, da música e poesia, também lhes era ensinado história, geografia, ética e todos os demais valores da vida. Deste modo, eram cultivados suas mentes e seus espíritos. O professor falava aos seus alunos sobre a virtude, a coragem, a glória e os feitos de seus heróis passados, como Aquiles, Ulisses e outros. Assim, os jovens tinham como modelo e poderiam espelhar-se, seguindo os passos de seus heróis.

O terceiro curso consistia em educação física. O professor era chamado de 'Paidotribes' (formador de criança). As lições tinham lugar à tarde na 'Palaestra' (lugar de esportes) e no estádio. As crianças praticavam luta, salto, corrida e arremesso de disco e dardo. Desse modo, eles modelavam seus corpos para se tornarem mais fortes e corajosos.

No verão, as crianças, junto com outros atenienses, participavam da "Panathenea", o maior festival religioso de Atenas, onde elas homenageavam Athena, a deusa protetora da cidade. Uma pequena "Panathenea" tinha lugar antes, somente para cidadãos Atenienses, enquanto a grande "Panathenea" era celebrada de quatro em quatro anos pelos gregos, que se reuniam em Atenas. O mais importante evento da "Panathenea" era uma grande procissão, acompanhada do véu sagrado oferecido pelos Atenienses à deusa Athena, na Acrópole. Logo em seguida, davam-se as competições atléticas e musicais. As crianças competiam no "Pentatlon", uma competição especialmente feita para elas.

Na idade de 18 anos, os jovens eram chamados de "Ephebos" (adolescentes) e a cidade lhes dava as suas primeiras armas. Os 'Ephebos' prestavam juramento no templo de 'Agravlos', de que não iriam desonrar as armas a eles confiadas e que eles as usariam somente para defender a cidade de Atenas e suas leis. Agora os jovens estavam preparados para participar nos Jogos Olímpicos, os jogos mais famosos dos Gregos, que aconteciam a cada quatro anos, em Olímpia. O prêmio, uma coroa de folhas de louro, dava grande honra e glória aos seus vencedores e às suas cidades. Toda cidade abria as suas portas para receber os seus campeões em seus retornos triunfantes.

Este era o mundo que o infeliz Príncipe Victor do Reino de Od-Hiar queria entrar e viver. Mas, assim não quis o seu pai, o Rei Vladimir. E o Rei Vladimir recebeu um terrível castigo por isto. Após alguns meses do duro treinamento militar, de Esparta veio a notícia que seu filho, o Príncipe Victor, não resistiu a um treinamento de sobrevivência na selva, adoeceu, vindo a falecer. O Príncipe Victor não nascera para o ódio e para a guerra. Ele nascera para o amor e para as artes. Ele não resistiu. O funeral do Príncipe Victor foi realizado na cidade de Atenas, local onde ele queria estudar e viver. O Rei Vladimir aprendeu com a dor, o que ele não foi capaz de aprender com o amor. Ele nunca mais foi o mesmo rei e o mesmo homem! A morte de seu filho o castigou por toda sua vida.

Após um longo voo, a grande águia desceu em um ponto da Floresta Negra, próximo à cabana onde estavam o velho Mitrus e sua neta Carol. Transformando-se em um velho índio, Ahirakurã despediu-se do Príncipe Áries, devolvendo-lhe o anel que ele havia, uma vez mais, perdido. Onde ele encontrou o anel, era um mistério! O Príncipe Áries colocou seu anel de ouro, com o símbolo do carneiro da Constelação de Áries, beijou o anel e abraçou Ahirakurã, agradecendo por sua vida. Após o abraço, Ahirakurã transformou-se novamente na grande águia e seguiu para dar continuidade à sua importante missão de proteger a Natureza.

Já anoitecia e Carol saiu da cabana para ver o que estava acontecendo lá fora. Ela ouvira um forte ruído de vento, pensava que era uma tempestade se aproximando, mas era o bater de asas da grande águia. E foi quando ela viu o Príncipe Áries:

- Áries, você aqui! Mas, que surpresa! Como você encontrou a nossa cabana e como chegou aqui! Que bom vê-lo novamente!

Dizendo isto, Carol correu para abraçar o Príncipe Áries, aguardando sua resposta. E ele respondeu:

- Estou aqui! Mas, se eu disser como cheguei você certamente não vai acreditar! Estou muito contente em vê-la novamente, Carol! Como está a nova vida na cabana?

Carol olhou o estado em que o Príncipe Áries se encontrava e procurou ampará-lo:

- Áries, você está todo ferido! O que aconteceu? Entre, vamos! Eu vou providenciar água para limpar estes ferimentos e fazer curativos!

Carol deu as mãos ao Príncipe Áries e ambos entraram na cabana. O cheio de comida no fogão aguçou o apetite de Áries. Ele não comia bem há muitos dias. Confortado de estar amparado e seguro na cabana, o Príncipe Áries mudou suas feições, mostrando-se alegre e feliz.

O Príncipe Áries tomou um banho quente, jantou uma deliciosa comida caseira preparada por Carol, recebeu curativos em seus ferimentos, provocados na luta das falanges. O resto da noite, antes de dormir, aquecidos pelo calor da lareira acesa pelo velho Mitrus, o Príncipe Áries

contou todas as suas aventuras após o seu sequestro pelo Rei Vladimir. Carol e o velho Mitrus escutavam atentamente e se apiedaram dos sofrimentos do Príncipe Áries neste período.

- Bem, Áries. Agora é hora de dormir. Você precisa descansar! Amanhã, continuamos nossa conversa. E eu vou lhe mostrar tudo o que temos ao redor da nossa cabana. Você vai adorar! Disse Carol, mostrando o quarto onde o Príncipe Áries dormiria aquela noite e, quem sabe, por muitas outras noites.

No Reino da Ilha Rica, os emissários enviados pelo Rei Petrus aos reinos vizinhos, tinham algumas informações a respeito do possível paradeiro do Príncipe Áries. A Rainha Anne estava acamada, fraca e sofrida pelo desaparecimento do seu filho e dizia ao Rei Petrus:

- Já se passaram mais de dois anos! O nosso filho completará no mês que vem dezessete anos! Ele deve estar um homem formado! Mas, o que os emissários têm a nos dizer?

O Rei Petrus se reuniu com os emissários, a Rainha Anne levantou-se, apesar das dificuldades, para participar também da reunião, e ambos ouviram notícias promissoras dos emissários:

Eles diziam, quase ao mesmo tempo:

- Eu fui parar em uma floresta misteriosa por acaso. Eu procurava outro lugar, o Reino de Thor-Star. Mas, consegui junto a alguns nativos a informação que um jovem com olhos verdes e cabelos castanhos escuros, esteve na floresta há muito tempo atrás. Ele parecia muito fraco, estava com as roupas rasgadas e surgiu na praia de repente, ingressando na floresta. Em dado momento, quando eu estava em uma das trilhas desta floresta, que parecia enfeitiçada, um macaco e um papagaio se aproximaram de mim. E macaco gritava o tempo todo: Kikiki, Kikiki, Kikiki. E o papagaio parecia falar: Kurrupaco, Kurrupaco, Arié, Arié. Parecia que eles tiveram contato com o Príncipe Áries e chamavam por ele!

- Eu me encontrei no porto do Reino de Anthar com alguns pescadores e homens do mar. E, com um deles, eu soube que um dono de barco, de nome Vlasav, resgatou de uma praia um jovem com as descrições muito parecidas com as características do Príncipe Áries. Mas, eles não souberam dizer se o jovem ainda estava no barco do Vlasav. Este pescador é de outro reino e entrega peixes no reino de Anthar de vez em quando.

- Eu consegui boas informações no Reino de Am-Har. Vários súditos, que atuaram como combatentes em uma guerra contra o Reino de Od-Hiar, disseram que um jovem forasteiro estava participando da batalha. Mas, esta acabou não acontecendo. Mas, o Rei Vladimir, batendo em retirada, sequestrou vários jovens para formá-los guerreiros ou usá-los como escravos. Entre eles, estava o jovem forasteiro, com as características muito parecidas com as que eu lhes havia descrito.

Ao ouvir este último relato, o Rei Petrus levantou-se e disse enraivecido:

- O que? Meu querido filho sequestrado pelo Reino de Od-Hiar! E, pior ainda, ser usado como guerreiro ou escravo. Isto eu não vou permitir! Chamem meus comandantes militares. Vamos invadir este reino de Od-Hiar e resgatar o meu filho!

Mas, a Rainha Anne não concordou, respondendo:

- Petrus, nós não podemos e não devemos fazer isto! Nem sabemos ao certo se este jovem é realmente o nosso filho! Pode ser outro jovem. Além do mais, você sabe muito bem que levar nossos soldados pelo mar por muitos dias poderá significar a morte para muitos deles. Eu sei como você se sente. Mas, o melhor é aguardar maiores informações e não usar de violência. Isto pode ser até prejudicial ao nosso filho caso ele, realmente, esteja retido no Reino de Od-Hiar. Ele seria o primeiro a ser sacrificado pelo Rei Vladimir, quando ele soubesse da invasão. Acalme-se querido. Vamos continuar confiando em Deus e no destino! Mas, eu estou muito feliz por tudo o que ouvi aqui! A esperança de encontrar meu filho renasceu em meu coração! Estou até me sentindo muito melhor!

O Rei Petrus ouviu e calou-se diante das observações de sua sensata esposa. Mas, ordenou:

- Thiago, organize uma expedição e leve quantos homens precisar para vasculhar todo o Reino de Am-Har e de Od-Hiar, em busca de informações sobre o nosso filho. Leve quantas moedas de ouro achar necessárias para recompensar os que derem informações precisas sobre o paradeiro do Príncipe Áries. Isto é tudo o que podemos fazer no momento!

Thiago agradeceu a confiança do Rei Petrus e prometeu fazer todo o empenho para que a expedição a estes dois reinos desse certo. Ele sabia que no Reino de Am-Har poderia se expor e se identificar, sem riscos. Mas, ao contrário, no Reino de Od-Hiar eles teriam que entrar ocultando suas identidades. Se o Rei Vladimir descobrisse sua presença e sua identidade, bem como o objetivo da espionagem, com certeza mandaria enforcá-los.

Na Floresta Negra, o Príncipe Áries acordava tarde, depois de uma longa noite de sono pesado. Ele experimentava um momento de tranquilidade e descanso, depois de tantas aventuras e sofrimentos. Após tomar o café da manhã, Carol o convidou para um passeio de reconhecimento na floresta:

- Venha, seu moço preguiçoso! Vamos dar uma volta e conhecer toda a beleza deste lugar! Estamos no outono e há abundância de nozes e amoras para comer. Elas são deliciosas. Apenas, temos que disputá-las com os esquilos! Ou fugir de ursos que gostam de amoras! Finalizou Carol, rindo.

Ainda com o corpo moído de cansaço acumulado, o Príncipe Áries a acompanhou no passeio. Os dois se deram as mãos e saíram correndo por

uma trilha em direção à escura Floresta Negra, rindo, pulando, um empurrando o outro. Pareciam duas crianças, brincando, felizes.

E, assim, Carol e o Príncipe Áries passaram muitas semanas. A amizade entre eles se estreitou e se transformou em uma grande paixão, ainda não admitida por nenhum deles. Mas, a verdade era que eles não se largavam e procuravam ficar junto todo o tempo. O velho Mitrus olhava satisfeito para esta amizade de Carol por um jovem que lhe parecia pertencer à nobreza, tal a sua educação e finura.

Em um destes passeios, Carol mostrou sua casinha de madeira suspensa em uma das árvores próxima da cabana. Era uma casinha onde ela passara muitos anos de sua infância, brincando. Foi construída pelo seu pai e decorada por sua mãe. Mas, ela não quis subir lá em cima e, tampouco, concordou que o Príncipe Áries subisse. Lá ela guardou todas as recordações de seus pais, como objetos pessoais que eles gostavam e cartas que trocaram quando namoraram, entre outras coisas. Em certo momento, ela disse ao Príncipe Áries:

- Eu somente voltarei a subir nesta casinha de madeira se, um dia, eu tiver um filho. E a darei de presente para ele, em nome de seus avôs que ele nunca conhecerá!

- Carol, o que aconteceu com os seus pais? Desculpe-me lhe trazer estas tristes recordações. Se preferir, você não precisa responder!

- Não, tudo bem! Eu posso responder sim. Meus pais voltavam do vilarejo, era início de um rigoroso inverno, a neve começava a cair. E, em algum ponto do caminho de volta para a cabana, eles foram surpreendidos por uma nevasca e uma avalanche de neve, morrendo congelados. Eu tinha apenas sete anos e, dali para frente, fui criada por meu avô Mitrus.

O tempo passava, os dois jovens amadureciam e cresciam. O Príncipe Áries estava muito feliz e se sentia seguro ao lado de Carol e do senhor Mitrus na cabana da Floresta Negra, apesar de sentir muitas saudades de seus pais e do Reino da Ilha Rica.

Uma tarde, o Príncipe Áries e o senhor Mitrus conversavam sobre um evento importante que ocorreria no dia seguinte - o aniversário de dezesseis anos de Carol. Carol era o apelido para o seu nome Caroline. Ela nascera no dia 28 de setembro. Aos quinze era uma mulher formada. Bonita, prendada, caprichosa, mas com muita personalidade quando defendia os seus pontos de vista.

- Mas, senhor Mitrus! O que vamos fazer para Carol ficar feliz em seu aniversário?

- Bem, Áries. Aqui escondidos nesta floresta nós não temos muitas alternativas, a não ser lhe transmitir todo o nosso carinho, amor e agradecimentos por tudo que ela faz por nós!

- Mas, eu gostaria de dar algo que ela vai se lembrar para sempre! Eu tenho este anel de ouro. O senhor acha que ela gostaria de recebê-lo como presente?

- Áries, a Carol nunca foi acostumada com presentes caros e com o luxo. Viemos de uma família simples. Eu acredito que ela gostaria sim de receber o seu anel, não pelo valor material que ele tem, mas pelo que ele representa em si, sua lembrança. Respondeu o senhor Mitrus.

- Bem, então eu vou lhe dar o meu anel. Mas, além disto, como ela gosta muito da natureza, eu vou colher uma flor de cada espécie que tem nesta floresta. Vou andar por todos os cantos e pegar uma flor que represente os lugares que ela tanto gosta de andar. Disse o Príncipe Áries.

- Com certeza, este presente será mais apreciado por ela, não desprezando o anel. E eu vou lhe preparar os biscoitos de nozes que ela gosta, além de um bolo. Acho que ela vai gostar muito de sua festa de aniversário.

No dia seguinte, Carol acordou e se dirigiu à pequena sala, onde já estavam o seu avô e o Príncipe Áries. Mas, nenhum deles se dirigiu a ela para cumprimentá-la. Ela esperava os parabéns e lamentava, silenciosamente:

- Nenhum deles está se lembrando do meu aniversário hoje! Homens são assim mesmo!

O dia passou desta forma e Carol procurava, não tão discretamente, chamar a atenção dos dois para o seu aniversário:

- Que dia lindo! Hoje é 28 de setembro! O sol parece que está brilhando mais forte e o verde da mata mais verde, vocês não acham?

O seu avô olhava para o Príncipe Áries, como não entendesse as intenções de Carol, acompanhado por ele:

- Para nós, parece um dia como outro qualquer! Dizia o senhor Mitrus!

- É verdade! Mas pode chover a qualquer momento! Dizia o Príncipe Áries.

Carol desistiu e tratou de sua vida. E ela passou o dia um pouco triste pelo fato de nenhum dos homens da casa se lembrar de seu aniversário. E justo com ela, que sempre se lembrava dos aniversários deles! Mas, à tarde, depois de vir da floresta onde foi colher amoras e nozes, Carol encontrou uma mesa arrumada, um bolo e deliciosos biscoitos de nozes. Os dois estavam atrás da porta e, quando ela entrou, deram os parabéns para ela. Ela riu de alegria e felicidade, abraçou seu avô, em seguida abraçou e deu um beijo no rosto do Príncipe Áries, deixando rolar em seu rosto delicado as lágrimas da emoção.

Carol adorou o buquê de flores. O Príncipe Áries conseguira colher quinze tipos de flores, exatamente o mesmo número de anos de seu aniversário. Em seguida, o Príncipe Áries lhe entregou um pequeno

saquinho de pano, fechado com um cordão, com o anel dentro. Carol abriu e ficou surpresa com o presente:

- Mas, Áries. Este é o seu anel! Guarde-o para você!
- Carol, este anel terá mais valor e importância para mim se você o aceitar! Por favor, fique com ele. Respondeu o Príncipe Áries.
- Bem, com certeza. Ele é muito lindo! Vou guardá-lo para sempre. E olha que imagem expressiva de uma balança cravada nele! Respondeu Carol.
- Imagem de uma balança? Mas, eu pensei que fosse a de um carneiro! Respondeu Áries, acreditando que se tratava de uma confusão de Carol.

Mas, ao ver o anel no dedo da Carol, ele confirmou que, realmente, a imagem era de uma balança e não mais do carneiro, símbolo do signo de Áries. Em seu pensamento, ele dizia: ‘Não entendo o que aconteceu aqui’.

A festa de aniversário marcou muito a vida de Carol. Ela sentia que seus quinze anos lhe davam mais responsabilidades e condições até para casar!

Com o tempo, o Príncipe Áries passou a conhecer uma boa parte da Floresta Negra. Ele dominava as trilhas de acesso aos principais pontos, conhecia as melhores cachoeiras e onde estavam os maiores lagos. Observava os animais que lá viviam, como o urso negro, o cervo, os lobos, as raposas e uma grande quantidade de espécies de pássaros. Nestas horas, ele se lembrava de Kikiki e Kurrupaco, imaginando onde eles poderiam estar. Ele adorava ficar embaixo da cachoeira Gotas de Chuva, apesar de Carol achar a água muito fria. Outro ponto que o Príncipe Áries gostava de ir com frequência era o lago azul, que ficava no alto de uma das montanhas da floresta. Lá, ele demonstrava com certa vaidade, suas qualidades de nadador para impressionar sua amiga Carol. E, em um destes dias, aconteceu que Carol lhe perguntou:

- Áries, desculpe perguntar. Mas, o que são estas pintas em formato de estrelas em suas costas? Elas são naturais ou foram feitas por alguém?

Áries levou suas mãos às costas, como tentando sentir as pintas, e respondeu:

- Carol, estas marcas não foram feitas por ninguém. Elas são pintas de nascença. Foi algo que aconteceu e surpreendeu a todos no castelo, digo, em casa. Eu nasci no dia 21 de março, quando começou, exatamente, o ciclo zodiacal de Áries. As cinco pintas na cor azul e no formato de estrelas nas minhas costas estão na mesma posição das cinco estrelas mais brilhantes da Constelação de Áries - Hamal, Sharatan, Bharani, Mesarthim e Botein. E foi em razão disto que meus pais me chamaram de Áries!

- Você disse ‘castelo’. Você mora em um castelo? Perguntou Carol, intrigada.

O Príncipe Áries ficou sem saber o que responder por uns instantes. Ele não queria, ainda, falar a verdade de sua identidade, tampouco mentir para ela. Assim, respondeu:

- Bem, Carol. Em sempre procurei viver em castelos, mas, nos últimos anos, eu nem sei onde estou, nem onde moro! Agora, estou morando com você e seu avô. Mas, um dia espero encontrar os castelos de minha vida!

Em seguida, o Príncipe Áries puxou a Carol para entrar no lago e nadar um pouco com ele. Ela riu, esqueceu o assunto de morar em castelo e mergulhou com ele. A água estava fria e ela se agarrou nele para se proteger. E, em dado momento, um olhou para o outro e, instintivamente, se beijaram longamente. Era o reconhecimento de um amor que já brotara em seus corações há muito tempo. Daquele beijo em diante, os dois se consideraram namorados. E ambos não conseguiam esconder, na alegria estampada em seus rostos, a felicidade da descoberta do amor. Ela era sua primeira namorada e ele seu primeiro namorado.

- Áries, será que o vovô Mitrus vai concordar com este nosso namoro? Eu preciso falar com ele! Afinal de contas, ele é meu avô, meu pai, meu único parente! Disse Carol.

- Carol, vamos falar com ele, sim! Eu acho que ele não só vai aprovar, como ficar muito feliz por você e por mim! Respondeu o Príncipe Áries.

Naquela mesma noite, no jantar, os jovens e apaixonados namorados procuraram falar com o velho Mitrus. A primeira iniciativa foi da Carol:

- Vô, o senhor viu como eu já sou uma moça? Eu já tenho quinze anos!

- Claro que vi. Mas, você para mim será sempre a minha netinha, minha menina! Respondeu Mitrus.

- E, senhor Mitrus, eu também já estou com dezessete anos! Sou um homem feito! O senhor não acha? Disse o Príncipe Áries.

- Vô, sabe, eu tenho notado que todos os animais da floresta formam um casal. Os homens não devem formar casais também? O que o senhor acha?

O velho Mitrus, estranhando aquela conversa aparentemente sem sentido e sem saber onde os dois queriam chegar, respondeu:

- Áries, você ainda é um adolescente, começando a ser um jovem adulto. E você Carol, claro que os homens devem formar casais sim. Quando tiverem idade para isto e quando o homem trabalhar e ganhar o suficiente para manter uma casa e sua família!

Carol e o Príncipe Áries ficaram sem ação e não sabiam como continuar a conversa. E o velho Mitrus continuou:

- Áries, o que você quer ser quando crescer? Quero dizer, no que você pensa em trabalhar? Quer ser um pastor de ovelhas, quer ser um lenhador? Ou prefere ser um artesão, fazendo bolsas, sapatos e selas para os aldeões?

O Príncipe Áries nunca pensou em responder uma pergunta deste tipo e não sabia o que dizer.

- Bem, senhor Mitrus. Eu ainda não sei! Mas, farei de tudo para seu um rei um dia!

Carol e o senhor Mitrus riram.

- Com certeza, este deve ser o sonho de qualquer jovem! Respondeu Mitrus.

Depois, Carol e o Príncipe Áries pararam de falar, olharam um para o outro, como se dissessem: ‘Talvez, não seja a melhor hora de falar em namoro!’. Mas, o velho Mitrus, com sabedoria e experiência asseguradas por sua idade, ao final do jantar surpreendeu os jovens, dizendo:

- Eu tenho observado vocês dois há tempos! Se vocês querem minha autorização para namorar, saibam que eu estou de pleno acordo! Eu já estou muito velho, a Carol precisa encontrar um homem que a ame e com ela forme uma família. Com o tempo, Áries saberá encontrar o trabalho que precisa para lhe dar os recursos de manter uma família !

Carol levantou-se, correu em direção ao seu avô, deu-lhe um abraço e um beijo, dizendo:

- Vô, o senhor é o maior avô do mundo!

O Príncipe Áries, em seguida, disse:

- Senhor Mitrus, eu amo muito sua neta Carol. Ela é minha primeira namorada e será um amor eterno para mim! Agradeço a sua confiança em mim. Com certeza, encontrarei trabalho um dia para manter a família que ela merece!

O senhor Mitrus olhou fundo nos olhos do Príncipe Áries e afirmou:

- Áries, você demonstrou muito valor por tudo que você tem passado, vencendo os desafios, suportando os sacrifícios e, assim, você tem tudo para vencer na vida no que você escolher para trabalhar.

Após dizer isto, o senhor Mitrus recolheu-se lentamente para o seu quarto. Era hora de rezar e dormir.

Carol e o Príncipe Áries ficaram sozinhos e, olhando um para o outro com um olhar feliz e sorrindo, os dois voltaram a se beijar. Agora eles sabiam que nada poderia os separar. Eles sentiam que este era um amor para sempre.

Mais uma semana se passou. No vizinho Reino de Od-Hiar, o barco com Thiago e dez soldados do Reino da Ilha Rica aportava em uma praia deserta e longe do vilarejo do reino. Somente Thiago e dois soldados desceram do barco, ficando os demais à espera de ordens. Thiago, então, disse:

- Pelos meus cálculos, nós estamos no Reino der Od-Hiar. E foi neste reino que o Príncipe Áries foi trazido, depois de seu sequestrado. Ele deve estar em alguma parte do castelo do Rei Vladimir. Vamos lá!

Um dos soldados, temeroso da reação do terrível Rei Vladimir com uma visita de forasteiros de outro reino, perguntou:

- Mas, Thiago, será que vamos ser recebido por ele sem que ele nos cause algum mal? Ele não pode até nos prender? Ou, pior ainda, mandar nos matar?

Procurando transmitir tranquilidade, Thiago respondeu:

- Amigo, eu sei muito bem a forma de pensar de tiranos como o Rei Vladimir. Nós não vamos procurar o Príncipe Áries como príncipe ou um jovem desaparecido. Nós vamos lá com a missão de prendê-lo e fazê-lo pagar pelos crimes cometidos no Reino da Ilha Rica! Eu acredito que, assim, conquistaremos a simpatia do Rei Vladimir.

Os dois soldados que acompanhavam o Thiago olharam um para o outro, dizendo:

- Bem, seja lá o que Deus quiser! Tomara que Thiago esteja certo. Senão, vamos ter sérios problemas!

Os três representantes do Reino da Ilha Rica caminharam por mais de oito horas até chegaram à aldeia do Reino de Od-Hiar, deixando para trás o barco e os demais soldados. Eles procuraram uma hospedaria para passar a noite, enquanto procuravam por informações sobre o Príncipe Áries. Ninguém sabia informar nada a respeito dele, salvo o dono da hospedaria que disse ter conhecimento que vários jovens do Reino de Am-Har foram sequestrados e levados para o castelo do Rei Vladimir para passarem por treinamento de guerra ou serem vendidos como escravo. Na manhã do dia seguinte, Thiago e os dois soldados decidiram ir firmes à procura do Rei Vladimir em seu castelo.

À porta do castelo, quatro guardas armados com lanças pararam os três visitantes, querendo saber o motivo da sua presença.

- Viemos falar com o Rei Vladimir. Somos enviados do Rei Petrus do Reino da Ilha Rica! Disse Thiago com voz solene.

- Mas, o Rei Vladimir não nos informou de nenhuma visita esperada. Além do mais, ele saiu cedo para caçar. Hoje é o dia que ele gosta de caçar coelhos e perdizes. Ele saiu a cavalo, com seus cães dálmatas! Responderam os guardas.

Thiago não esperava por este contratempo, mas respondeu:

- Então, diga ao seu rei sobre a nossa presença e nós voltaremos depois!

Após algumas horas, o Rei Vladimir voltava de sua caçada. Ele trazia amarrado em seu cavalo alguns coelhos e perdizes abatidas, seguido de cinco cães dálmatas, além de seus soldados de segurança. À porta do castelo, os guardas lhe disseram:

- Alteza, vieram à sua procura enviados do Rei Petrus do Reino da Ilha Rica e querem falar com Vossa Majestade! O que devemos lhes responder?

O Rei Vladimir, procurando lembrar-se do Reino da Ilha Rica, pensou um pouco e disse:

- Ah, o Reino da Ilha Rica! Já ouvi falar muito deste reino, mas nunca estive lá e nem sei exatamente onde fica. Mas, o que será que estes enviados querem falar comigo? Humm... Humm. Bem, reviste-os na entrada e os encaminhe para o salão de audiência. Vamos ouvir o que eles têm a me dizer! Ordenou.

Em seguida, o Rei Vladimir entrou em seu castelo, passando suas presas para um dos soldados, dando ordens:

- Soldado, levem estes coelhos e estas perdizes e mande as cozinheiras os prepararem para o meu jantar! Eu adoro coelho assado e ensopado de perdizes!

Após algumas horas, Thiago e os dois soldados voltaram à grande porta do castelo e, novamente, procuraram pelo Rei Vladimir. Os guardas os revistaram e os encaminharam para o salão de audiência, seguindo as orientações do Rei Vladimir.

Eles aguardaram, apreensivos e nervosos, pela presença do Rei Vladimir, já acomodados em luxuosas cadeiras no salão de audiência. Alguns minutos depois, o Rei Vladimir, escoltado por vários soldados armados, sentou-se no trono, permaneceu em silêncio por algum tempo e depois perguntou:

- A que devo a visita dos emissários do Rei Petrus? O que vocês vieram fazer aqui?

Thiago levantou-se, fez as reverências de praxe, dizendo:

- Alteza, somos do Reino da Ilha Rica, distante muito daqui. Viajamos por vários dias e estamos a mando do nosso querido Rei Petrus.

O Rei Vladimir interrompeu, dizendo:

- Já ouvi falar muito do vosso reino. Sei que é um reino muito rico em ouro e pedras preciosas. Sinto que não seja um reino vizinho ao meu!

Ao dizer isto, o Rei Vladimir virou-se para os soldados, com um olhar malicioso e um sorriso falso nos lábios, como se estivesse dizendo: ‘Se fosse meu vizinho, com certeza já o teria invadido e me apoderado de todo o ouro e pedras preciosas!’. Em seguida, pediu que Thiago continuasse.

- Muito bem, Alteza! Nós estamos à procura de um jovem de nome Áries. Ele é foragido do Reino da Ilha Rica e viemos prendê-lo para que pague por todos os crimes que cometeu em nosso reino! Soubemos que ele foi sequestrado pelo seu exército e trazido aqui. E queremos comprá-lo como escravo, se for possível, e levá-lo para o nosso reino!

O Rei Vladimir não conhecia nenhum jovem de nome Áries, mas consultou seus soldados ao lado, entre eles, o comandante do seu poderoso exército. Depois desta conversa entre eles, o Rei Vladimir respondeu:

- Ah, se nós tivéssemos este jovem ainda conosco, com certeza hoje ele estaria queimado. Ele é um bruxo!

Thiago olhou para seus amigos soldados, sem entender o que estava acontecendo, mas respondeu:

- Eu sei, Alteza, que esta é uma de suas forças. Mas, Vossa Alteza pode nos contar o que aconteceu? Como descobriu que ele era um bruxo?

- Nós investimos meses em seu treinamento militar, junto com outros jovens do Reino de Am-Har. Mas, quando eles estavam prontos para disputar uma batalha com a falange formada pelos jovens e bravos soldados

de Od-Hiar, alguns jovens de Am-Har recuaram e este jovem Áries se acovardou, caiu no chão e quando o meu soldado se preparava para aplicar-lhe o golpe fatal com sua lança, ele foi resgatado por um grande águia que o levou do campo de batalha!

Thiago não acreditava no que estava ouvindo. Atônito e sem saber como o Príncipe Áries conseguiu fazer isto, respondeu:

- Vossa Alteza agora entende a razão de estarmos à procura de tal malfeitor! E para que direção esta grande águia levou o jovem Áries?

- Esta cena eu vi pessoalmente! Foi incrível. Este jovem tem parte com o demônio! Merece ser enforcado e queimado. Espero que seja isto que vocês vão fazer! Bem, a grande águia seguiu em direção à Floresta Negra do Reino de Am-Har!

- Vossa Alteza tenha a certeza de que é exatamente isto que vamos fazer, quando encontrá-lo. Ele será enforcado e queimado! Em nome do Rei Petrus eu agradeço pela cortesia de nos ter atendido!

Dizendo isto, Thiago e os dois soldados trataram de sair do castelo o mais rápido possível. Thiago disse aos soldados:

- Vamos sair deste lugar antes que o Rei Vladimir descubra nossa farsa. E o Príncipe Áries não deve nunca mais voltar a estas terras, principalmente depois da má fama que ajudamos a espalhar. Mas, espero que ele compreenda que tivemos as melhores das intenções.

Os soldados riram discretamente e seguiram em frente apressados, em direção ao barco. Realmente, eles precisariam zarpar em direção ao Reino de Am-Har o quanto antes. A situação criada era muito insegura para eles. No caminho, Thiago mostrou uma preocupação ainda maior:

- Eu estou muito intrigado com esta história da grande águia que levou o Príncipe Áries. Nunca ouvi nada parecido com isto antes! E fica a dúvida, esta águia, se realmente aconteceu como o Rei Vladimir nos contou, o teria levado para salvá-lo ou, digamos, devorá-lo? E para onde o teria levado? Como vamos encontrar. Isto tudo parece um absurdo e é muito difícil de se acreditar! Meu Deus, encontrar o Príncipe Áries é quase o mesmo que encontrar uma agulha em um palheiro!

Depois de várias horas de uma caminhada cansativa e sem paradas, Thiago e os dois soldados chegaram ao barco, onde os outros soldados os aguardavam muito aflitos e preocupados. Um deles disse a Thiago:

- Nós já estávamos prontos para ir à sua procura e resgatá-lo dos soldados do Rei Vladimir.

Os soldados que acompanhavam Thiago estavam armados até os dentes. Mas, Thiago riu, dizendo:

- Vocês, lutarem contra os soldados do Rei Vladimir? Além de um exército de milhares de homens, eles são os guerreiros mais preparados de todos os reinos conhecidos. Vocês virariam comida para os cachorros! Mas, admiro e agradeço a valentia e proteção de Vocês.

Em seguida, todos subiram rapidamente e Thiago ordenou que o barco levantasse velas e zarpasse das terras do Reino de Od-Hiar urgentemente:

- Espero que nunca mais eu tenha que voltar aqui! Disse Thiago.

O barco tomou o rumo do Reino de Am-Har, não muito distante, ajudado pelo vento que soprava forte naquele final de tarde. Eles chegariam ao anoitecer. E nova busca pelo Príncipe Áries recomeçaria. Agora, em terras onde ele, efetivamente, se encontrava! Mas, Thiago e os soldados desconheciam esta realidade. No Reino de Am-Har eles sabiam que poderiam se expor mais e não usar de subterfúgios, como fizeram no Reino de Od-Hiar, para iniciar a investigação sobre o paradeiro do Príncipe Áries. Como esperado, ao anoitecer o barco se aproximou do litoral do Reino de Am-Har. Eles procuraram um porto próximo ao vilarejo para encostar seu barco. Ao passarem pela grande Floresta Negra, Thiago disse:

- Bem, certamente o Príncipe Áries não procuraria ficar escondido nesta floresta escura e sem vida. Vamos procurá-lo no vilarejo. Esperamos que alguns aldeões possam nos dar informações sobre seu paradeiro. Agora, já sabemos que ele passou por aqui, participou da batalha contra o Reino de Od-Hiar, foi sequestrado pelo Rei Vladimir e, muito provavelmente, esteja vivo. O que continua me intrigando é esta história da grande águia que o teria levado. Se for verdade, para onde uma águia levaria o nosso querido príncipe? Isto nós veremos amanhã cedo! Agora, temos que achar uma hospedaria que abrigue todos nós!

Thiago e os soldados que o escoltavam hospedaram-se próximo ao centro da aldeia de Am-Har e dormiram pesado a noite toda. Estavam muito cansados, física e psicologicamente. Na manhã do dia seguinte, começaram a busca por pessoas que pudessem dar alguma informação sobre o paradeiro do Príncipe Áries. E começaram pelo dono da hospedaria, depois um artesão que fabricava sapatos e bolsas, outro que trabalhava com arreios e selas para cavalos, comerciantes e pessoas que passavam pela rua. E a pergunta era sempre a mesma:

- Vocês conhecem ou viram passar pelo Reino de Am-Har um jovem forasteiro de aproximadamente dezessete anos, cabelos castanhos escuros, olhos verdes e com um detalhe único - ele tem cinco pintas azuladas em forma de estrela nas costas. Ele atende pelo nome de Áries.

Mas, infelizmente, as respostas de todos eram sempre a mesma:

- Não, nunca vimos ninguém com estas características por aqui!

Thiago, então, resolveu visitar o Rei George e ouvir dele sobre uma possível atuação do Príncipe Áries em seu exército. Thiago e sua escolta foram bem recebidos pelo Rei George. Este chamou seus comandantes militares para que ajudassem a dar alguma informação aos enviados do Reino da Ilha Rica. Após a descrição do príncipe, um dos comandantes militares lembrou-se de alguns acontecimentos que poderiam ajudar:

- Quando tivemos a ameaça do Rei Vladimir de invadir nosso reino, nós fomos obrigados a recrutar todos os homens adultos e os jovens disponíveis para a mobilização de defesa. Apesar do conhecimento do poderio do exército do terrível Rei Vladimir, nosso amor ao Reino de Am-Har e nosso orgulho fizeram que todos os súditos se alistassem para defender seu reino e suas casas da invasão. Eu me lembro de que, entre os jovens, estava um forasteiro com estas características. Ele ajudou muito nos preparativos para a nossa defesa, motivando e encorajando a todos, além de ajudar na fabricação de armas. A guerra não se concretizou devido a uma intervenção de idosos, mulheres e crianças do nosso reino, que se colocaram entre o exército de Od-Hiar e o pequeno exército de Am-Har. Como todos sabem, os soldados do Rei Vladimir desistiram de continuar lutando, pela honra e orgulho que eles tinham de ser soldados corajosos e destemidos. E, enfrentar idosos, mulheres e crianças os fariam sentir-se covardes. Na retirada, o Rei Vladimir ordenou que sequestrassem o maior número de jovens de Am-Har. Ele pretendia treiná-los como soldados ou vender os mais fracos e covardes como escravos. E eu sei que, entre estes jovens, estava o forasteiro de nome Áries! É tudo o que sabemos.

Thiago ouviu tudo atentamente. Os fatos coincidiam com as informações que eles já tinham. Mas, o relato do comandante militar de Am-Har não ajudou muito no objetivo que ele tinha de encontrar o Príncipe Áries. Mas, pelo menos, agora eles não tinham mais dúvida que o Príncipe Áries havia passado pelos dois reinos e estava vivo. Thiago, então, agradeceu e voltou à aldeia dizendo aos soldados:

- O mistério todo está na grande águia que levou nosso príncipe. Vamos espalhar avisos com as informações sobre o Príncipe Áries e oferecer uma boa recompensa em moedas de ouro. Quem sabe alguém tenha alguma informação sobre aonde esta grande águia foi parar!

Thiago preparou vários avisos, que diziam:

JOVEM DESAPARECIDO

OFERECE-SE RECOMPENSA DE 500 MOEDAS DE OURO A QUEM DER INFORMAÇÕES QUE LEVEM AO SEU PARADEIRO. ELE ATENDE PELO NOME DE ÁRIES E TEM AS SEGUINTE CARACTÉRISCAS: DEZESSETE ANOS, CABELOS CASTANHOS ESCUROS, OLHOS VERDES E UM DETALHE ÚNICO - CINCO PINTAS AZULADAS EM FORMA DE ESTRELA NAS COSTAS.

PROCURAR POR THIAGO NA HOSPEDARIA

Os cartazes de Thiago espalhados por diversos pontos do Reino de Am-Har chamaram a maior atenção. Afinal de contas, 500 moedas de ouro

era uma razoável fortuna. E todos começaram a procurar pelo jovem desaparecido e não se falava outra coisa no reino. E várias pessoas procuram por Thiago na hospedaria. Algumas diziam tê-lo visto no campo de batalha, outras que o viram ajudando um idoso em fuga, outras chegaram até a trazer jovens com algumas pintas nas costas e com outras características parecidas com as do Príncipe Áries. Mas, todas elas não davam informações precisas sobre o seu paradeiro e os jovens em nada se pareciam com o Príncipe Áries.

E aconteceu que Carol, indo à aldeia para comprar mantimentos com o seu avô Mitrus, viu o cartaz e estremeceu:

- Vô, olha isto! Estão à procura de Áries! Ele tem exatamente as características mencionadas no cartaz. O que fazemos? Mas, por que o estão procurando? E quem está pagando esta fortuna para quem der alguma informação? Será que informar o seu paradeiro será bom para o Áries? Ou não?

Sem perceberem, um homem muito mal encarado, que lia o mesmo aviso logo atrás deles, acompanhava a conversa entre a Carol e seu avô.

O senhor Mitrus respondeu:

- Carol, acho que devemos silenciar por enquanto sobre o paradeiro de Áries, até que tenhamos a certeza de que o estão procurando por bons propósitos! De qualquer forma, vamos à hospedaria procurar pelo Thiago e saber mais informações.

O senhor Mitrus e Carol seguiram rumo à hospedaria. E o homem mal encarado, com visível maus interesses, os seguiu. Na hospedaria, o velho Mitrus conversou com Thiago:

- Senhor Thiago, achei muito interessante o aviso sobre o desaparecimento do jovem. Mas, por que o estão procurando? Ele fez alguma coisa errada? Quem está pagando esta fortuna para tê-lo de volta?

Thiago olhou com respeito o senhor Mitrus e respondeu:

- Mas, o senhor sabe do paradeiro deste jovem?
- Bem, eu posso saber ou não saber. Antes, eu preciso que responda minhas perguntas! Disse o senhor Mitrus.

Thiago pediu que Mitrus e Carol sentassem com ele, longe da porta. Enquanto isto, o estranho homem mal encarado fingia estar interessado em se hospedar, mas ficou atento à conversa dos três.

E Thiago deu maiores informações:

- Senhor Mitrus, minha jovem Carol. O Áries é uma pessoa muito importante para o distante Reino da Ilha Rica. Seu pai é um rico senhor e ele é quem está oferecendo esta recompensa. Precisamos encontrá-lo, uma vez que ele tem uma grande missão em nosso reino. Sua mãe está doente desde que ele desapareceu, seu pai em desespero o procura por todos os reinos. Vocês sabem onde podemos encontrá-lo?

O senhor Mitrus pensou, olhou para a Carol e respondeu:

- Pode ser que sim. Mas, vamos primeiro conversar com um jovem muito enquadrado nas características do aviso e ele mesmo se apresentará na hospedaria, caso seja mesmo o jovem desaparecido que vocês procuram! E faremos isto ainda hoje!

Thiago encheu-se de esperança. Quis saber onde o velho Mitrus e sua neta moravam. Mas, os dois se limitaram a dar um leve sorriso e saíram sem dar maiores detalhes sobre onde moravam. Thiago ficou muito contente e ansioso por receber, quem sabe, o próprio Príncipe Áries entrando pela porta da hospedaria.

Mas, não foi somente Thiago que ouviu esta conversa do senhor Mitrus e Carol. Ela foi ouvida, também, por Vodka, um elemento de mau caráter, soldado desertor do exército do Rei Vladimir e que está foragido do Reino de Od-Hiar, onde será preso e enforcado se voltar. Ele tinha o apelido de Vodka por estar quase sempre bêbado. Ele tinha outro amigo, igualmente bandido, o Kot, um mercenário polonês. Este apelido, que significa gato, era devido aos pequenos furtos que fazia para sobreviver, na calada da noite e sorrateiramente. Vodka disse ao Kot:

- Vamos seguir o velhote e sua neta. Eles nos levarão ao tesouro que sempre sonhamos. Se conseguirmos por as mãos neste tal de Áries, ficaremos ricos para o resto da vida!

Kot riu maliciosamente, em concordância.

A carroça, levando o senhor Mitrus e Carol, seguia rumo à cabana na Floresta Negra, puxada pelo valente cavalo adotado pela família. O cavalo conhecia o caminho e galopava rápido. Ele também queria chegar rápido, pois sabia que à sua espera estava uma alfafa fresquinha e um bom bocado de milho. Os dois marginais andavam apressados atrás da carroça, mantendo certa distância, depois foram obrigados a correr. Mas, gordos e com um péssimo preparo físico, foram ficando para trás no caminho.

- Kot, preciso parar um gole de vodka. Senão, não conseguirei acompanhar este maldito cavalo! Disse Vodka.

Os dois pararam em uma taberna, pediram dois copos de vodka e tomaram. Em seguida, disseram que iriam buscar o dinheiro lá fora e fugiram, como sempre faziam, ouvindo de longe os berros do taberneiro. Mas, ao contrário, a vodka os deixou mais lentos e sonolentos. E eles pararam para descansar e dormiram embaixo de uma árvore, à beira da estrada. Já era final de tarde quando acordaram. E Vodka exclamou:

- Diachos! Perdemos a carroça. Mas, ela seguia em direção à Floresta Negra. Vamos seguir o rastro das rodas amanhã cedo. Agora, Kot, eu vou continuar dormindo um pouco mais. Esta Vodka era de péssima qualidade e cara!

Kot riu da piada de Vodka, dizendo:

- Realmente, muito cara!

O senhor Mitrus e Carol, transportado pelo fiel cavalo, chegaram à cabana. Carol disse:

- Acorda, vô! Chegamos! Como sempre fazia, o senhor Mitrus tirou um cochilo, sem se preocupar em guiar o cavalo para o seu destino, enquanto fazia a viagem.

O Príncipe Áries cortava lenha para a lareira. O tempo começava a esfriar, o inverno estava cada vez mais próximo. Ele ajudou Carol a levar os mantimentos para dentro da cabana. Ela estava quieta e misteriosa. Seu avô Mitrus mostrava preocupação com a conversa que teriam com o Príncipe Áries. Mas, não perderam tempo:

- Áries, vamos sentar um pouco aqui, enquanto vovô prepara um chocolate quente. Está frio! Disse Carol.

O senhor Mitrus deixou os dois sentados na pequena mesa da cabana e procurou fazer o chocolate bem devagar para que ela tivesse tempo de falar com o Príncipe Áries.

- Áries, hoje na vila alguns visitantes de outro reino distribuíram avisos procurando por um alguém desaparecido. O aviso dizia que estavam à procura de um jovem desaparecido, oferecia uma recompensa de 500 moedas de ouro a quem desse informações. Dizia que o jovem atende pelo nome de Áries, tinha por volta de dezessete anos, cabelos castanhos escuros, olhos verdes e cinco pintas azuladas nas costas em forma de estrela. Ou seja, eles estão procurando por você!

- Meu Deus! Não pode ser! E quem são estes visitantes? Quis saber o Príncipe Áries ansioso e nervoso.

- O aviso pedia para procurar um homem chamado Thiago, na hospedaria da vila! Respondeu Carol.

- Thiago? Meu grande amigo Thiago está aqui? Glória a Deus! Eu sabia que um dia isto aconteceria! Disse o Príncipe Áries.

- Muito bem, mocinho. Agora é sua vez de contar tudo o que está por detrás desta história! Quem é você? Quem são seus pais?

Antes de conseguir dar qualquer resposta, o Príncipe Áries começou a chorar de emoção, sem parar. Carol se apressou em pegar o chocolate quente para que ele se acalmasse. Depois de alguns minutos, ele se refez e começou a falar:

- Carol, o Thiago era o meu preceptor, o meu professor no Reino da Ilha Rica. Meus pais são o Rei Petrus e Rainha Anne. Eu sou seu único filho e sucessor do trono. Um dia, eles decidiram que eu deveria estudar no Reino da Bretanha. Thiago me acompanhou na viagem. Mas, a nau que nos transportava afundou. Eu sobrevivi, mas não sabia que meu amigo Thiago tivesse sobrevivido também. Eu fui parar em uma praia, próxima de uma floresta estranha e enfeitiçada...

O Príncipe Áries ficou até tarde da noite contando sua história e aventuras para Carol. O senhor Mitrus já tinha se recolhido ao seu quarto. A

lua cheia clareava todo o terreiro em volta da cabana, os dois saíram para ver o céu estrelado:

- Carol, esta é minha história! Concluiu o Príncipe Áries.

Mas, a reação da Carol não foi nada boa:

- Então, todo este tempo você mentiu para mim e para o meu avô! Como posso manter um relacionamento sério com um jovem que não confia em mim e não me conta a verdade! Disse Carol muito magoadada.

- Mas, Carol! Eu não podia falar. Eu sobrevivi todo este tempo por ter mantido minha identidade em segredo! Eu não quis mentir para vocês, nem magoá-la! Respondeu o Príncipe Áries.

- Mas, consegui magoar e muito! Bem, está muito frio aqui fora e eu estou com sono. Vou me deitar! Boa noite, Príncipe Áries!

Carol entrou batendo seus pés no chão, demonstrando que estava muito brava com o Príncipe Áries.

Ele a seguiu, entrando na cabana, falando:

- Acho que arrumei mais um problema para minha vida! Mas, amanhã ela estará melhor e, com certeza, compreenderá minha situação!

Na manhã dia seguinte, Vodka e Kot acordaram, estavam quase mortos de frio. E começaram a seguir o rastro das rodas da carroça que levava o senhor Mitrus e Carol. Era uma longa caminhada e os dois andavam, paravam, tomavam fôlego, se punham novamente em marcha. Vodka era baixinho e muito gordo. Kot, alto e muito magro. Em certo ponto do caminho, eles sentiram fome. E não tinha nenhuma taberna nas proximidades, onde eles pudessem comer e fugir! Assim, viram uma colmeia cheia de mel. E resolveram pegar o mel para saciar um pouco a fome. Kot subiu nos ombros de Vodka e alcançou a colmeia. Na colmeia estava apenas uma parte das abelhas, as outras estavam no campo pegando o néctar das flores. Kot enfiou a mão, cortou parte da colmeia e apanhou um bom pedaço de favo de mel. Mas, quando iam comer, as abelhas da colmeia deram o alarme e todas as demais abelhas voltaram e começaram a atacar os dois. Eram ferroadas por todos os cantos. Por um bom tempo, Vodka correu com Kot em seus ombros, sem se dar conta. E Kot levou a maior parte das ferroadas das abelhas. Depois que Kot desceu, ele saiu em disparada, deixando o seu amigo Vodka à mercê das abelhas. Foi a vez de Vodka levar as ferroadas, enquanto gritava:

- Kot, espere por mim! Socorro!

Os dois marginais quase morreram nesta aventura. Restou-lhes o pedaço de favo de mel que Kot segurava em suas mãos sem soltar, apesar das ferroadas das abelhas. Eles comeram o mel e esqueceram por um momento a dor das dezenas de ferroadas das abelhas. Eles seguiram mais lentamente dirigidos pelos rastros da carroça. Parecia-lhes que não chegariam nunca ao ponto final da carroça.

- Mas, onde será este maldito lugar que o cavalo levou o velhote e a menina! Dizia Vodka resmungando e abatido, cada vez mais, pelo cansaço.

Mas, a fome voltou a bater forte. E os dois procuraram pelo caminho algo para comer. E acharam uma grande quantidade de amoras silvestres e resolveram colher quantas podiam para comer. Mas, ao chegarem perto das amoreiras, viram um filhote de urso que comia satisfeito muitas amoras. Kot assustou-se, dizendo:

- Veja, é um urso! Vamos correr daqui!

Vodka, zombando de seu amigo, respondeu:

- Kot, como você é covarde e medroso! Não vê que é apenas um filhote de urso e com este nós podemos. É só achar um pedaço de galho de árvores, dar umas boas palmadas no bumbum dele com este pedaço de pau e este ursinho correrá a mil por hora!

E, assim, fizeram. Na floresta, acharam um pedaço de galho de pinheiro que servia para castigar o ursinho. Kot tomou a iniciativa, enquanto Vodka aguardava logo atrás dele. Kot começou a bater no bumbum do ursinho, gritando:

- Vá embora! Estas amoras agora são nossas!

O ursinho gritava muito. Quando Kot olhou para Vodka, apavorou-se com um grande vulto logo atrás dele e saiu em disparada procurando refúgio na floresta. E Vodka dizia-lhe:

- Kot, mas como você é covarde mesmo! Fugir de um pobre e inofensivo ursinho! Dá-me o pedaço de pau aqui que eu cuido de afastar este ursinho daqui!

Mas, quando Vodka ia dar as primeiras pauladas no bumbum do ursinho, ele ouviu um rosnado forte atrás dele. Quando ele olhou ficou apavorado, largou o pau e foi na direção de Kot procurando proteção. Era uma grande ursa, mãe do filhote, que não estava gostando nada de ver seu filhote apanhar dos dois brutamontes. Vodka conseguiu escapar, antes que a ursa mãe lhe desse uma patada e o cortasse com suas afiadas garras.

Os dois malfeitores trapalhões correram, mas correram tanto que chegaram, em pouco tempo, próximo da cabana, onde terminava o rastro da carroça.

- Veja, Kot! Chegamos! É aqui que o velhote e a menina moram! Agora, vamos ficar atentos para saber quem é e como é este tal de Áries! Disse Vodka.

Mas, Kot, como um velho e esperto gato, respondeu:

- Vodka, eu acho que deveríamos mudar de tática. Vamos pedir comida e abrigo como dois viajantes perdidos. Assim, além de obtermos alguma comida, podemos descansar um pouco e analisar como vamos fazer para sequestrar este jovem Áries. Aí, é só enviar um comunicado ao Thiago na hospedaria, pedindo um resgate em muitas moedas de ouro!

Vodka pensou um pouco e achou a ideia de Kot boa, se funcionasse! Já estava próxima da hora do almoço e o cheiro delicioso da comida de Carol chegava aos narizes dos dois marginais, aguçando-lhes a fome. Foi quando Kot tomou a iniciativa e bateu na porta da cabana, sendo atendido por Carol:

- Pois não, senhores! O que desejam?

- Jovem, somos viajantes e estamos perdidos nesta mata há alguns dias. Estamos com fome e com frio. Esta bondosa casa não teria um pouco de comida para nos dar e um abrigo em que possamos passar a noite, só esta noite, para que possamos seguir viagem logo amanhã cedo? Disse Kot, fazendo-se de humilde, carente e sofredor.

- Mas, é claro que temos. Pobres senhores! Vou chamar o vovô, mas entrem! Respondeu Carol.

O senhor Mitrus concordou com o que a Carol dissera aos visitantes inesperados e o Príncipe Áries observava à distância.

Os dois marginais entraram, mas não se mostraram muito à vontade. A boa vontade de Carol e seu avô os surpreenderam e os deixaram encabulados. Mas, Vodka em seguida perguntou:

- Meu bom velho, o senhor tem alguma coisa que eu possa beber para esquentar minha garganta, algo como um bom gole de vodka?

- Não, meu senhor. Aqui nós não bebemos nada alcoólico. Mas, para esquentar sua garganta minha neta vai preparar um bom chocolate quente! Respondeu o senhor Mitrus.

Vodka mostrou-se satisfeito, mas, na realidade, havia um bom tempo que ele não bebia uma xícara de chocolate. Não era bem assim que ele imaginava esquentar sua garganta! Após servir o jantar aos dois visitantes, Carol disse:

- Vocês podem passar a noite no celeiro que temos lá fora. Ele é protegido do vento e do frio. Lá nós guardamos suprimentos, como espigas de milho e outros mantimentos. Vou improvisar uma cama com colchões e cobertores para vocês!

Os dois malfeitores agradeceram, souberam esconder muito bem suas reais intenções e se dirigiram ao celeiro do lado externo da cabana. No celeiro, à noite e já sozinhos, Kot se vangloriava:

- Viu como minha ideia deu certo? Aqui estamos alimentados, abrigados e prontos para ganhar uma fortuna!

- Mas, sabe de uma coisa, Kot! Eu não estou me sentindo muito bem. A jovem nos atendeu tão bem e com tanto respeito que tocou meu coração. Às vezes penso se não é melhor a gente ir embora daqui e esquecer este assunto! Respondei Vodka.

- Vodka, de jeito nenhum. Nós apenas demos a ela a oportunidade de mostrar o quanto ela é boa. Eu tive um professor chamado Maquiavel que dizia: Os fins justificam os meios!

- E o que este seu professor quis dizer com isto? Quis saber Vodka.
- Ora, ele quis dizer que certos objetivos podem ou devem ser alcançados através de métodos não convencionais ou antiéticos ou até violentos, se for preciso! Respondeu Kot.
- Kot, você com sua filosofia distorcida pelos seus interesses! Eu não acredito que um professor ensinaria algo assim a um aluno! Afirmou Vodka.

(Niccolau Maquiavel: ou Niccoló di Bernardo dei Machiavelli, nasceu em Florença, Itália, vivendo de 03/05/1469 a 21/06/1527. Foi historiador, poeta, diplomata e músico italiano. É reconhecido como o fundador do pensamento e da ciência política moderna, pelo fato de ter escrito sobre o Estado e o Governo como realmente são e não como deveriam ser. Sua frase: 'Os fins justificam os meios', que alguns historiadores dizem que ele jamais a escreveu, é até hoje mal interpretada, assim como é injusto o adjetivo 'maquiavélico'. Ele não quis dizer que qualquer atitude seria justificada, dependendo do objetivo. Ele quis dizer, apenas, que os fins determinam os meios e que, de acordo com seus objetivos, poderão ser traçados os planos de como atingi-los).

E Vodka continuou sua conversava com Kot:

- Kot, o jovem que nos olhava desconfiado era o tal de Áries, com certeza. Agora, precisamos ficar de olho nele e ver sua rotina, antes de irmos embora, sequestrando-o. Ele é um jovem forte, temos que ter cuidado. Mas, nós somos dois e temos boas facas conosco e uma corda para amarrá-lo!

Kot riu, concordando e ambos foram dormir.

Na manhã do dia seguinte, os dois marginais ainda tomaram um bom café e pediram a Áries que lhes mostrasse o caminho para o vilarejo de Am-Har, uma vez que estavam perdidos naquela floresta. Áries, ainda desconfiado, não teve alternativa senão acompanhá-los. Escondidas, os dois vilões levavam suas facas para dominar Áries e levá-lo sequestrado. No caminho, para disfarçar, os dois faziam perguntas a Áries, como o nome de seu pai, de onde ele veio e como foi parar na Floresta Negra. O Príncipe Áries respondia vagamente, não dando detalhes de sua vida. E, num certo ponto do caminho, o Príncipe Áries disse aos dois bandidos:

- Agora, vocês podem continuar sempre por este caminho, que ele termina no vilarejo de Am-Har. Eu volto deste ponto para a cabana!

E foi quando Vodka anunciou o sequestro:

- Mas, jovem. Sentimos muito, mas você terá que ir conosco! Isto é um sequestro!

Kot mostrou a faca afiada para o Príncipe Áries, enquanto Vodka, imediatamente, amarrava suas mãos por trás. O Príncipe Áries sentiu logo uma situação de perigo e preferiu não tentar uma reação, preferindo aguardar um melhor momento. Ele apenas disse:

- Desde o começo eu vi na cara de vocês que não eram boas pessoas! Vocês não olhavam nos olhos da Carol e do senhor Mitrus, desviavam sempre o olhar para baixo. Pena que a Carol confiou em vocês. Mas, ela é assim mesmo. Uma vez mais, ela foi traída em sua bondade! Mas, vocês não

ficarão impunes. Por que vocês estão me sequestrando? É a mando do Rei Vladimir? Vocês vão me levar de volta ao Reino de Od-Hiar?

- Não, meu jovem. Se voltarmos ao Reino de Od-Hiar o Rei Vladimir vai nos matar com suas próprias mãos. Nós não lhe faremos nenhum mal. Apenas vamos pedir ao seu amigo Thiago que nos dê uma boa quantidade de moedas de ouro para soltá-lo! Respondeu Vodka.

- E para onde vão me levar? Perguntou o Príncipe Áries.

- Vamos tentar achar alguma caverna no interior da floresta. Você ficará comigo lá, enquanto Kot vai procurar pelo seu amigo na hospedaria.

Eles caminharam por algumas horas, fora das trilhas, à procura de uma caverna que pudesse servir de cativeiro. E acharam uma próxima de um rio, ao pé de uma montanha. Ela era o local ideal para eles. Kot disse:

- Não vamos nos precipitar. Vamos aguardar aqui alguns dias, antes de procurar pelo Thiago.

- Como alguns dias? E o que vamos comer? Perguntou Vodka.

- Meu amigo, eu tenho que pensar por mim e por você. Antes de sair do celeiro, eu peguei o alimento que vamos precisar. Tenho um bom queijo, broa de milho. Na floresta temos à nossa vontade muitas amoras e nozes nesta época. Não vamos morrer de fome. E quando tivermos as moedas de ouro em mãos, podemos ir para outro reino e lá comer tudo o que tivermos vontade! Disse Kot.

Enquanto os dois falavam sem parar, o Príncipe Áries pensava:

- Não vai ser muito difícil fugir destes dois bobalhões!

O tempo passou, chegou a tarde, a noite, o dia seguinte e o outro dia. Carol não tinha notícias de Áries. O seu avô procurava tranquilizá-la dizendo que, provavelmente, Áries acompanhara os dois visitantes até o vilarejo para que não voltassem a se perder. Mas, Carol achava outra coisa:

- Vê, eu acho que Áries foi procurar pelo seu amigo Thiago na hospedaria. E, estou com um sentimento que, de lá, ele seguirá para o seu reino e não voltará mais para a nossa cabana!

O senhor Mitrus discordou:

- Carol, o Áries não faria isto conosco e, principalmente, com você pelo amor e carinho que ele tem por você!

- Vovô, um príncipe, que será rei um dia, não vai querer se casar com uma plebeia, simples, pobre, que vive em uma floresta. Foi apenas um sonho meu! Respondeu Carol, rolando algumas lágrimas de seus olhos.

O senhor Mitrus ficou confuso com estas palavras de Carol, abraçou-a e a aconselhou a esperar pelos acontecimentos no devido tempo.

Na hospedaria, Thiago recebia informações falsas sobre o paradeiro do Príncipe Áries, inclusive a presença de algumas crianças trazidas por seus pais, que tinham algumas semelhanças com as características do Príncipe Áries, mas tinham as pintas nas costas que não coincidiam com as dele. Eram todas tentativas mentirosas de ganhar as moedas de ouro.

Desanimado, Thiago pensou em sair do Reino de Am-Har e procurar pelo Príncipe Áries em outros reinos. Foi quando Kot chegou à hospedaria procurando por ele:

- Senhor Thiago, vou ser muito breve! Nós temos o jovem Áries em nossas mãos. Ele está com um comparsa meu, amarrado e sequestrado em um canto desconhecido do reino. Nós podemos soltá-lo, sem problemas. Ele é um bom jovem. Mas, como o senhor sabe, precisamos de dinheiro para viver e fugir do Reino de Am-Har, antes que o Rei Vladimir nos encontre. Ele quer nos matar!

Os soldados, ao lado de Thiago, imediatamente apontaram suas lanças em direção ao Kot, para prendê-lo. Mas, Thiago interveio:

- Parem, não façam isto! Lembre-se que eles têm o nosso Príncipe Áries com eles!

- Ah! Um príncipe! Mas, que sorte a nossa. Ele, com certeza, vale um bom punhado de moedas de ouro. E diga para os seus soldados que não ousem me atacar ou me seguir. Se eu não voltar dentro de três horas, meu comparsa matará o jovem príncipe! O destino dele está em suas mãos. E, certamente, seu pai, o rei, não gostaria que você errasse nesta decisão! Disse Kot com astúcia e tom ameaçador.

Thiago procurou controlar-se, pensou e perguntou ao Kot:

- E quanto vocês querem para soltar o Príncipe Áries?

- Nada que um rei não possa pagar! Nós precisamos no mínimo de 5.000 moedas de ouro! Respondeu Kot.

- 5.000 moedas de ouro? Mas, isto é muito dinheiro e nós não temos esta quantidade de moedas aqui. Mas, vou deixar claro uma coisa. Se algo acontecer ao Príncipe Áries, além do Rei Vladimir, o Rei Petrus estará no enalço de vocês para enforcá-los!

- Bem, vamos ver, deixe-me pensar. E quantas moedas de ouro vocês têm, então? Perguntou Kot.

- Somente 1.000 moedas de ouro! Respondeu Thiago.

- Aceito! Disse Kot apressadamente.

Na verdade, Kot estava apavorado e ele queria pegar as moedas de outro e desaparecer dali o mais rápido possível.

No cativeiro da caverna, Vodka vigiava o Príncipe Áries, mostrando-lhe a faca, sacudindo-as no ar, nos intervalos de vários cochilos. E, de repente, Vodka ouviu um rugido forte na entrada da caverna. Ele havia invadido a caverna da urso mãe, que voltava para casa com seu filhote para mais um período de hibernação. Vodka arregalou os olhos e tratou de fugir do local e correr para salva sua vida. A urso mãe não lhe dava trégua e o perseguia bem de perto. O Príncipe Áries aproveitou para soltar-se da corda que o amarrava e fugiu, procurando localizar as trilhas e o caminho que o levassem para o vilarejo. Lá, ele procuraria por Thiago e, quem sabe, antes que Kot conseguisse pegar o dinheiro.

Na hospedaria, Thiago entregava ao Kot um saco de pano com as 1.000 moedas de ouro, dizendo:

- Eu quero ver o Príncipe Áries aqui dentro de, no máximo, três horas. Caso contrário, meus soldados vão à sua procura e nossa conversa vai ser bem diferente. Está bem entendido?

Kot simplesmente balançou a cabeça em sinal de concordância e deu no pé. Ele, talvez, nunca tenha corrido tão rápido em sua vida como estava correndo agora, após receber as moedas de ouro das mãos de Thiago. E Kot, ao invés de tomar o caminho da Floresta Negra, tomou o rumo para o porto. Ele tentaria embarcar no próximo barco para qualquer outro reino longe dali, sem mostrar nenhuma preocupação com seu comparsa Vodka. E levando só para ele as 1.000 moedas de ouro.

Após duas horas que Kot saiu, o Príncipe Áries chegou à hospedaria, correndo para abraçar seu amigo Thiago. Os dois choraram muito, se abraçavam sem parar, pulavam de alegria pelo reencontro. E Thiago, então, disse:

- Finalmente o encontramos, meu amigo! Seus pais vão ficar muito felizes! Com você cresceu, está mais forte! Mas, temos muito a conversar sobre tudo o que aconteceu com você e comigo após o naufrágio da nau Syrena. Mas, agora, me diga. Quer dizer que o comparsa do Kot o libertou do cativo?

- Não foi necessário, o tal de Vodka deve estar correndo de uma urso enfurecida até agora. Eu aproveite e fugi. Como sabia que seu comparsa Kot viria lhe procurar, eu vim correndo para cá. Ele já esteve aqui? Perguntou o Príncipe Áries.

- Sim, esteve e levou um resgate de 1.000 moedas de ouro para soltá-lo!

- Mas, ele não voltou para o cativo! Respondeu o Príncipe Áries. Com certeza, fugiu sozinho com o dinheiro. Isto é próprio de bandido mau caráter como ele!

Thiago interrompeu a conversa, dizendo:

- Príncipe Áries, as condições aqui não são seguras para você. Vamos embarcar imediatamente de volta ao Reino da Ilha Rica. Não podemos mais correr riscos com você.

Dizendo isto, Thiago ordenou aos soldados que preparassem o embarque o mais rápido possível. O Príncipe Áries ainda tentou atrasar o embarque, dizendo:

- Thiago, antes de ir, eu tenho que voltar à Floresta Negra para falar com a Carol e seu avô Mítrus.

- Príncipe Áries, sinto muito. Mas, meu dever como seu preceptor e protetor é levá-lo imediatamente de volta ao reino e ao encontro de seus pais. Sua mãe está gravemente doente em razão de seu desaparecimento. Depois, cuidamos disto.

O Príncipe Áries teve que obedecer ao seu guardião Thiago. Além disto, ele estava muito ansioso para voltar ao Reino da Ilha Rica, rever seus pais, voltar à sua vida. E prometeu que, o mais breve possível, voltaria para levar consigo sua amada Carol e seu avô Mitrus.

Na cabana da Floresta Negra, após vários dias do desaparecimento do Príncipe Áries, Carol disse ao seu avô:

- Você, eu acho melhor a gente ir até a hospedaria e procurar pelo Thiago. Assim, podemos confirmar se o Áries, realmente, foi à procura dele ou se algo aconteceu no caminho com aqueles desconhecidos visitantes.

Seu avô Mitrus concordou plenamente, procurando providenciar a carroça para levá-los ao vilarejo. Após uma longa caminhada, finalmente chegaram. Ao falar com o dono da hospedaria, ficaram sabendo que Thiago, os soldados e um jovem de nome Áries tinham saído há alguns dias atrás e embarcado para um destino que ele não sabia informar aonde.

Carol olhou triste para o seu avô, confirmando:

- Eu não lhe disse, vovô? O Áries voltou para o seu reino. Eu não lhe disse que um príncipe, que será rei um dia, não vai querer se casar com uma plebeia, simples, pobre, que vive em uma floresta? Era, realmente, um sonho meu impossível! Vamos embora, vovô! Vamos voltar para a nossa cabana na Floresta Negra. Lá é o nosso lugar!

Seu avô Mitrus mostrou uma profunda tristeza, pela atitude de Áries e pelo sofrimento de sua querida neta Carol. Apesar de lhe custar acreditar, ele pensava: 'Eu não imaginava que Áries tivesse um comportamento assim. Carol não merecia!'

A carroça, puxada pelo velho cavalo, pegou o caminho de volta à Floresta Negra e bem devagar. Parecia até que o leal cavalo sentia a tristeza dos viajantes e queria lhes dar um tempo maior até chegarem à cabana. Carol seguia sem falar nada, encostando e apoiando sua cabeça no ombro de seu avô Mitrus, que a abraçava e a protegia. Ele, igualmente, fez o longo percurso sem falar nada e sem cochilar. Apenas, procurava distrair-se com a beleza da fria e escura Floresta Negra.

Thiago, com o ilustre passageiro, e seus soldados partiram do Reino de Am-Har, tomando rumo ao distante Reino da Ilha Rica. A viagem levaria por volta de cinco dias, se os ventos ajudarem. O Príncipe Áries olhou do convés da embarcação a Floresta Negra que se distanciava cada vez mais. E pensou:

- Em algum canto da floresta, está minha querida Carol. Com certeza ela vai estranhar muito minha partida sem uma despedida. Mas, assim que eu rever meus pais, eu voltarei para buscá-la! E ela será a futura Rainha-Consorte do Reino da Ilha Rica!

No percurso da viagem, Thiago e o Príncipe Áries tiveram tempo de sobra para contar com detalhes todas suas aventuras após o naufrágio da nau Syrena, seus sofrimentos, ameaças e novas experiências que adquiriram.

Thiago ficou impressionado por tudo o que o seu amigo Príncipe Áries passou e sofreu, que quase lhe custou a vida. E Thiago contou como se salvou do naufrágio, respondendo uma indagação do Príncipe Áries:

- Príncipe Áries, com certeza eu tive um pouco mais de sorte do que Vossa Alteza. Eu também me agarrei nos destroços da nau e fiquei vagando em alto mar. Eu gritava pelo seu nome e minha preocupação era mais com sua vida do que com a minha própria vida! E fui resgatado por outra nau que se dirigia ao um reino muito próximo do nosso, mas no continente. Ao chegar lá, fiz o caminho de volta ao Reino da Ilha Rica em outra embarcação que levava suprimentos para o nosso reino. O resto foi acompanhar a angústia e desespero do Rei Petrus e da Rainha Anne. Mas, agora, meu amigo, vamos devolver a luz aos seus olhos com sua chegada!

Na cabana da Floresta Negra, Carol e seu avô Mitrus se preparavam para mais um longo inverno. No inverno, eles eram obrigados a permanecer o tempo todo dentro da cabana, somente saindo para pegar suprimentos no celeiro do lado de fora. A neve, em alguns momentos, cobria metade da cabana, fechando a porta de entrada. Carol ajudava seu avô a retirar a neve com a pá para poder sair da cabana e acessar o celeiro. No interior da cabana, eles se aqueciam no fogo da lareira, que ficava aceso todo o tempo, conversavam, liam, preparavam as refeições com calma e rezavam. O inverno era um período monótono e triste. E a tristeza da Carol era maior ainda pela partida e saudades do Príncipe Áries, apesar da mágoa.

Finalmente, Thiago, o Príncipe Áries e os soldados da escolta chegaram ao porto principal do Reino da Ilha Rica. Sua chegada foi uma surpresa geral. Os aldeões e pescadores que estavam no local logo souberam da chegada do Príncipe Áries, são e salvo, e foi uma explosão de alegria. Eles mesmos se encarregaram de espalhar a notícia pelo vilarejo e, em poucos minutos, uma multidão de súditos se aglomerava no porto. Thiago, o Príncipe Áries e os soldados desembarcaram e, imediatamente, se dirigiram ao castelo para o tão esperado encontro com o casal real. Atrás deles, a multidão de súditos cantava e gritava ‘Viva o Príncipe Áries!’, ‘Viva nosso futuro rei!’.

O Rei Petrus e a Rainha Anne estavam em uma das salas, no alto do castelo, quando ouviram gritos e cantos da multidão, vindos do lado de fora. Foram à sacada do castelo e viram milhares de pessoas se dirigindo ao castelo:

- Mas, o que é isto? Será uma revolução dos meus súditos? Disse o Rei Petrus.

- Não, não pode ser! Eles estão vindo sem armas, cantando, gritando alguma coisa! Parecem alegres e em festa. Mas, o que será que aconteceu em nosso reino que não sabemos? Respondeu a Rainha Anne.

E o casal real logo saberia o motivo de tanta festa. À porta do castelo, Thiago e o Príncipe Áries acenavam para o Rei Petrus e a Rainha Anne. Thiago gritou:

- Mandem abrir os portões! Nosso Príncipe-Herdeiro está de volta, são e salvo!

A Rainha Anne e o Rei Petrus desceram a longa escadaria do castelo aos pulos, correndo em direção aos portões. Finalmente, seu querido filho estava vivo e de volta à casa. Ela o recebeu aos prantos, o abraçou e beijou muito, agradeceu a Deus por este momento, seguida do Rei Petrus, que o abraçava e lhe dava carinhosas boas vindas. Nos dias que se seguiram, o Reino da Ilha Rica ficou em festas, com farta distribuição de comida, cantos e danças. Tudo para festejar o presente dado por Deus pelo retorno do Príncipe Áries ao reino. Assim, os dias se passaram. O Príncipe Áries relatou aos seus pais todas suas aventuras, sofrimentos e perigos por que passou, sob o olhar atento e curioso, às vezes alarmado, deles. Ele voltou aos seus estudos e à sua rotina. A felicidade e a alegria estavam de volta ao Reino da Ilha Rica. E muitos meses se passaram.

Um dia, o Rei Petrus perguntou ao Príncipe Áries o que ele achava de, um dia, retomar os planos de estudar no Reino da Bretanha. E o Príncipe Áries, olhando profunda e carinhosamente para o seu pai, respondeu:

- Meu pai, nestes anos que estive perdido e fora do nosso reino, eu tive a maior escola que um príncipe poderia ter. Eu aprendi o que era ter medo e pavor. Conheci a dor, o sofrimento e o sacrifício extremos. Conheci o valor da coragem. Conheci pessoas ambiciosas e sem escrúpulos que tudo fazem por dinheiro. Conheci a violência da guerra por ambição de reis perversos e que gastam todos os recursos de seus reinos para manter exércitos poderosos. Aprendi as artes militares, mas não para atacar outros reinos e sim para defender o nosso reino. Conheci o valor do amor sincero de uma jovem e o carinho protetor de seu avô que a criou. Conheci o que são as mágicas e os feitiços, a lenda de uma águia grande protetora da floresta. Aprendi a trabalhar com o machado e no campo de cultivo. Aprendi a amar e respeitar as belezas da natureza. Conheci homens criminosos que tudo fazem para roubar os outros. Conheci reis do amor, que reinam para o bem de seus súditos e, assim, ficam realizados com a dedicação, orgulho e lealdade de seus súditos. Pai, enfim, conheci o que é acreditar em Deus e sentir sua proteção nos momentos mais difíceis de minha vida. Creio que nenhuma escola no Reino da Bretanha me daria tal experiência e formação, meu pai!

O Rei Petrus olhou para seu filho com respeito. E ele via nele, agora, um homem feito, preparado, com experiência de vida para assumir seu lugar no trono. E ele ficou muito realizado e feliz por isto. Era tudo o que ele

queria para seu filho. O Príncipe Áries aprendeu com o amor e aprendeu com a dor na escola da vida. E o Rei Petrus, então, respondeu:

- Meu filho! Eu concordo plenamente com o que você acabou de dizer. Creio que não precisaremos mais pensar em viajar para o Reino da Bretanha. Sua formação para ser um rei e meu sucessor um dia, está completa!

Os dois se abraçaram. E, um com a mão no ombro do outro, caminharam à procura da Rainha Anne. Ela ficaria muito feliz com esta decisão de ambos.

Uma tarde, o Príncipe Áries encontrou-se com o oráculo nos corredores do castelo. Apressando seus passos, parou o ilustre personagem, lhe perguntando:

- Oráculo! Uma pessoa que nasceu no dia 28 de setembro pertence a que signo?

O oráculo olhou fundo em seus olhos e respondeu:

- Esta pergunta se refere a uma moça que nasceu no dia 28 de setembro que você ama muito? Certo?

O Príncipe Áries ficou um pouco encabulado, mas respondeu em seguida, rindo:

- Como poderia eu esconder algo de tão sábio oráculo!

E o oráculo continuou:

- Pois saiba meu jovem príncipe, que uma moça do signo de Libra forma um par ideal para alguém de Áries! Ela nasceu no ciclo do signo de Libra, que vai de 23 de setembro a 22 de outubro. Este signo é representado por uma balança.

Neste ponto da conversa, o Príncipe Áries interrompeu surpreso:

- Uma balança! Então era isto! O anel de ouro mudou para o signo da Carol. Isto só pode ser mais uma das mágicas de Ahirakurã! Mas, por favor, continue!

E o oráculo passou-lhe o perfil possível para uma moça nascida sob o signo de Libra:

- As mulheres de Libra são calmas, sabem falar muito bem e sempre estão dispostas a completar a pessoa com quem se relaciona. Elas precisam de muito tempo para ponderar e deliberar quando precisam tomar alguma decisão. Gostam de ser admiradas, de sentir-se bem vestidas e de pessoas com quem conversar. Gostam que as coisas aconteçam sem excessos ou extremos. Gostam de saber que está tudo certo. Na melhor das hipóteses, são encantadoras, judiciosas, razoáveis, humanitárias, diplomáticas, de grande senso estético, delicadas, asseadas, lógicas, bem equilibradas, refinadas, sedutoras, sentimentais, elegantes, cooperativas, bem dispostas. Podem ter momentos que apresentem comportamentos negativos, como pessoas ineficientes, inconstantes, cheias de dúvidas, submissas, insatisfeitas, narcisistas, constantemente protelando as obrigações, frívolas, derrotistas,

hesitantes, indolentes. Quando pensam com racionalidade são pessoas civilizadas, procuram pensar tudo de forma equilibrada, levando em conta as opiniões de todas as pessoas. Pensam de forma positiva, construtiva e ponderam imparcialmente aquilo que observam. Fogem das discussões e dos conflitos, pois neles teriam de tomar partido por um ou outro lado. Quando agem são pacifistas, preferem concordar com tudo em vez de discutir. Agem pensando nas outras pessoas e apreciam ser reconhecidas por isto. No trabalho são astutas, analíticas e atentas ao que as outras pessoas fazem, ou deixam de fazer. Boas relações públicas e diplomatas. Podem tornar-se mediadoras eficientes, porque veem todos os lados de um problema. Perseveram calmamente e tomam conta dos detalhes, assim como também da apresentação de um trabalho. Elas gostam de refinamento, beleza, simetria, justiça, luxo, prazer, comunicação, o bom uso das palavras, a boa música, comidas bem apresentadas, ambientes estéticos, gente famosa. Detestam a feiura, confusão, rapidez, conflitos, tornar-se impopular, injustiça, fanatismo, impaciência, grosserias, gritos, ruídos, violência, deixar de ser ouvidas, que as coloquem contra a parede para que tomem decisões, ambientes desleixados. Socialmente são provedoras de prazer visual e auditivo. São tranquilas e de fácil convivência. Começam a conversar rápida e facilmente com qualquer pessoa. Gostam de trocar ideias, mas não gostam de argumentações. No amor são sempre românticas, procurando o par ideal, que sabem existir em algum lugar, e nunca desistem de encontrá-lo. Entregam-se com o coração aberto ao amor, não se poupando. Mantêm para sempre o desejo de ter espaço para flertar, fato que exercitam o tempo inteiro. Normalmente, elas têm bom caráter e, por isso, acabam sobrecarregados de tarefas domésticas. Não se lançam às aventuras com facilidade, mas podem ser convencidos a fazê-lo, desde que por uma pessoa em quem confiem. São mulheres sedutoras e sensuais, têm movimentos graciosos e decotes generosos. Seus gestos fascinam pela harmonia com que são feitos, pois elas adoram seduzir, e conferir se o estão fazendo com êxito. Vestem-se com muito requinte, procurando boas roupas, quando podem pagá-las. De qualquer maneira, conseguirão ficar atrativas e sedutoras. Têm prazer em agradar, mas esperam também ser agradadas. Sensibilidade e justiça estão entre suas preocupações e ele procura construir uma vida harmoniosa e agradável, onde possa se cercar de gente que entende seus valores e sentimentos. Por causa de seu espírito voltado à associação e à cooperação, e seu senso inato para a arbitragem, podem tornar-se mediadoras de valor, principalmente nos assuntos ligados à cultura, às relações externas e à família.

Tomando fôlego depois desta longa explanação, o oráculo encerrou sua conversa com o Príncipe Áries, retomando sua caminhada pelos corredores do castelo, mas, antes, dizendo:

- É isso aí, meu jovem. Lembre-se que este é um perfil básico. Naturalmente, cada libriana pode apresentar variações deste perfil. De qualquer forma, você fez a escolha certa para o seu signo!

O Príncipe Áries ficou encantado com este perfil para a jovem com quem pretende se casar e agradeceu ao oráculo.

- É um perfil adequado para uma rainha! Pensou.

Alguns meses se passaram e a saudades de Carol martirizava o Príncipe Áries. Ele precisava viajar para lá o quanto antes. Imaginava como ela estaria e como estaria seu avô Mitrus. E como o receberiam depois de uma partida sem despedida. Mas, ele acreditava na compreensão de Carol. Afinal de contas, o ambiente em que se encontrava não lhe oferecia segurança e ele tinha que obedecer às ordens de Thiago, designado para uma missão especial por seu pai para resgatá-lo. Ele, igualmente, não poderia colocar Thiago em uma posição que desagradasse o rei.

Na Floresta Negra, mais um inverno chegava ao fim. A primavera começara, mas ainda se encontrava neve e o frio era intenso. Mas, as árvores começavam a soltar folhas, outras a florescer. Carol sabia que a primavera era o início de um novo período de trabalho. Ela tinha que ajudar seu avô Mitrus a formar uma nova horta, plantar milho, abastecer o celeiro com suprimentos comprados no vilarejo de Am-Har, cortar lenha para repor o estoque esgotado da lareira, e tantos outros afazeres. Agora, não podia mais contar com os braços fortes do Príncipe Áries.

- Onde estará Áries, o príncipe! Imagino como seus pais ficaram contentes com o seu retorno. Mas, ele estará bem? Será que não sente falta de mim? Será que virá me ver um dia? Acho que não. Eu me enganei! Um príncipe se enamorar e se casar com uma plebeia é um conto de fada. Não acontece. Pensava Carol, procurando não se entregar mais à tristeza e encontrar um novo caminho para sua felicidade. E a solução mais imediata, era se entregar duramente ao trabalho, a ponto de seu avô Mitrus chamar sua atenção para vir almoçar, entrar para casa e descansar.

No vilarejo, Vodka chegou todo esfarrapado, depois de se perder na Floresta Negra procurando escapar da urso mãe. Se não fosse a sua hibernação, com certeza ele estaria morto. Assim que chegou, procurou pedir roupas velhas aos aldeões e seguiu para a hospedaria, onde pensava encontrar Kot. Mas, ficou furioso quando soube que ele embarcara para um rumo desconhecido.

- Não se pode confiar em bandidos desonestos! Reclamava Vodka.

Sozinho, ele imaginava se Kot havia recebido algum resgate ou não. Ele já sabia que o Príncipe Áries havia fugido do cativo, tão logo a urso mãe chegou.

- Onde estará Kot? Se um dia eu o encontrar, vou esfolá-lo vivo! Justo comigo que o ensinei toda a arte de roubar e dar golpes! O que ele fez não foi certo! Desabafava consigo mesmo Vodka.

Mas, o que Vodka não sabia é que Kot estava de volta ao Reino de Am-Har. Assim que embarcou, ele viu que cometera um grave erro. O barco pertencia a um pirata muito ambicioso e, quando viu que Kot levava 1.000 moedas de ouro, se apoderou delas e o obrigou a andar pela prancha, lançando-o no mar. A sorte de Kot foi que o barco pirata não estava muito longe da praia e Kot conseguiu, assim, nadar até a praia. Vagando pelas ruas do vilarejo de Am-Har, um dia Vodka se encontrou com Kot e os dois discutiram e se bateram muito. Vodka não acreditava na história do pirata que se apoderara das moedas de ouro e tentava obrigá-lo a mostrar onde tinha escondido as moedas, pleiteando a metade. Os soldados de Am-Har os prenderam e os deportaram para o Reino de Od-Hiar. Nunca mais se soube deles...

A vida de marginais é assim mesmo! Eles podem causar muito mal a muitas pessoas. Mas, tarde ou cedo, eles acabam encontrando o merecido castigo e, não raras vezes, a própria morte.

No castelo, o Rei Petrus conversava com sua esposa, a Rainha Anne:

- Querida rainha, o nosso Príncipe Áries está me parecendo muito triste após sua volta. Algo o está incomodando. Precisamos saber do que se trata. Será que não está na hora de encontrarmos uma noiva para ele e promover o seu casamento? Esta seria a última etapa para que ele, efetivamente, me suceda no trono. Quando ele se casar, eu penso em abdicar e passar o trono para o seu comando. Eu já estou velho e não estou mais motivado a assumir tantas responsabilidades de um reinado!

A Rainha Anne respondeu:

- Petrus, eu também já tinha notado esta tristeza em nosso filho. Eu vou conversar com ele e procurar saber. Mas, a ideia de encontrarmos uma noiva para ele me parece boa. Ele já é um homem feito e está na hora de se casar!

À noite, no jantar, a Rainha Anne voltou a este assunto com o Príncipe Áries:

- Áries, meu filho. Eu e seu pai estamos notando que você está triste e nos parece desanimado. Não tem se dedicado aos esportes que você gosta, tem se isolado em seus aposentos ou andando sozinho pelos jardins do palácio! O que está acontecendo com você, meu filho?

O Príncipe Áries olhou para sua mãe, confirmando no olhar que ela tinha feito uma observação acertada, e respondeu:

- Minha querida mãe! Nestes anos que passei fora do Reino da Ilha Rica, eu aprendi muitas coisas, como disse, e conheci muitas pessoas. Uma delas, uma jovem que mora em uma floresta distante do vilarejo de Am-Har no continente, onde Thiago me encontrou. Eu sinto muito sua falta! Ela e seu avô me deram abrigo quando consegui fugir do Rei Vladimir do Reino de Od-Hiar. E eu passei muitas horas felizes ao seu lado, conheci outro

sentido para família. Enfim, nós nos apaixonamos e eu sinto sua falta. Penso em viajar para lá e trazê-los para o nosso reino.

A Rainha Anne escutou com ouvidos de mãe, mas pensou como rainha e respondeu:

- Meu filho. Você ainda era um adolescente. Paixões momentâneas são comuns nesta idade. Mas, agora você é um homem e está se preparando para assumir o trono que seu pai pensa em deixar dentro de pouco tempo. Você não pode pensar em se casar com uma moça que não tenha raízes nobres. Um casamento assim não daria certo! Os casamentos entre os herdeiros de trono são feitos para aproximar um reino do outro e torná-los mais fortes e em melhores condições de se protegerem contra invasões. E seu pai, com certeza, desejará que você continue esta tradição. Nós vamos procurar uma princesa de outros reinos amigos que você possa amar e decidir casar-se com ela!

- Mãe, não foi uma paixão de adolescente. Nós nos amamos profundamente, ela é uma jovem extraordinária. Plebeia, sim, mas com alma das mais nobres e poderá ser uma princesa e futura rainha que os nossos súditos se orgulharão! Eu não vou desistir de me casar com ela, mãe! Não vou desistir nunca! Respondeu o Príncipe Áries, retirando-se para o seu isolamento.

Estava estabelecido um impasse. A Rainha Anne suspirou profundamente e imaginou qual seria a posição do Rei Petrus ao ouvir esta decisão do Príncipe Áries. Com este pensamento, a Rainha Anne acompanhou a caminhada de seu filho, até desaparecer nos imensos jardins do palácio.

A mudança de comportamento do Príncipe Áries foi notada por todos que com ele conviviam, em especial sua mãe e seu pai, além do amigo Thiago. Ele enfrentara os maiores desafios e perigos, passou por muitas aventuras de risco, suportou a dor, o frio o sofrimento. Mas, em nenhum momento ele chorou, aguentando corajosamente tudo o que o Destino lhe reservava. Mas, agora, a saudades de Carol o abatia e o deprimia. E foi a primeira vez que ele chorou por uma mulher. Aquelas lágrimas que caíam de seu rosto o deixavam muito triste. À sua mente, vinham os felizes momentos que passara ao lado de Carol na distante Floresta Negra. E seu estado emocional agravava-se com o passar do tempo. Ele já não saía muito de seus aposentos, desinteressou-se pelas aulas com o seu preceptor Thiago, não praticava mais seus esportes favoritos. A perda do apetite o abatia fisicamente. Sua vontade era tirar do seu peito o coração ferido e só devolvê-lo quando pudesse se encontrar com Carol novamente. Ele sabia que as estações do ano poderiam mudar, os dias poderiam passar, o tempo poderia parar, mas seu amor por Carol seria para sempre. Com Carol seu mundo parecia tão perfeito, apesar de todas as provas pelas quais estava passando. Seu amor por Carol era tão grande que tudo parecia girar ao redor dele

quando estava com ela. Nada mais lhe chamava a atenção, nem a montanha mais alta, nem o rio mais extenso ou a tempestade mais forte. Ele se sentia especial e a pessoa mais feliz dos reinos. E o Príncipe Áries sabia que, por mais que ficassem longe um do outro, este amor nunca se acabaria, como em um conto de fadas com final feliz. Ele sentia a necessidade de dividir tudo com a Carol, seu amor, seus pensamentos, sua alegria, seus sonhos e sua felicidade, sua presença e seus carinhos. Ele prometia nunca ter medo ou pudor de afirmar o quanto amava Carol, que sentia saudades dela, dos seus carinhos e de seu modo de ser. Sua angústia na alma aumentava a cada dia que passava. Às vezes, as pessoas o viam de olhos fechados, com a cabeça voltada para cima e um leve sorriso em seus lábios. Era uma forma que ele encontrava para voar ao encontro de Carol e relembrar os momentos felizes ao seu lado. Ele até se esforçava para controlar seus sentimentos, suas emoções. Mas, estaria mentindo e se enganando.

No interior da Floresta Negra, no distante Reino de Am-Har, as emoções e saudade de Carol não eram muito diferentes. Seu avô Mitrus percebia suas mudanças, sua tristeza e perda do brilho em seu olhar, sofrendo por ela. À noite, sob o brilho da lua cheia e de um céu estrelado, Carol saía da cabana, antes de retirar-se para seu quarto e dormi. E ela chorava baixinho para não deixar seu avô perceber e sofrer ainda mais por ela:

- Oh, lua amiga! Minhas estrelas companheiras! Eu estou aqui no mesmo lugar onde o encontrei e agora não vejo mais nada, somente o escuro e o vazio ocuparem o seu espaço. E, apesar de todo este tempo, meu amor por ele é mais forte Morro de saudades. Penso se ele, neste momento, também está pensando em mim e se um dia virá me ver! Eu gostaria de acordar amanhã, voltar a ser a menina de sempre, andar pela floresta e me encantar pelas flores, pelos animais e pelas águas cristalinas. Mas, não me encontro mais! Como posso viver sem seu amor? Como posso resgatar a jovem que eu era sem ele? Oh, Deus! Ajude-me a suportar esta dor!

Carol não conseguia. Perdeu sua capacidade de voltar à sua vida normal antes de conhecer o Príncipe Áries. Nada mais lhe importava, nada mais lhe fazia diferença. Mesmo que suplicasse aos deuses, suas palavras caíam no chão, suas lágrimas ficariam perdidas, seriam inúteis. Ela mudou por causa do amor e sem este amor, não conseguir voltar ao que era antes.

- Oh, Áries! Se você soubesse que é em você que eu penso todas as manhãs, o resto do dia, a noite toda. Que dos meus sonhos mais lindos, você foi o maior. Quando me perguntam qual é a flor que mais gosto, eu digo que é a que você gostava. Quando me perguntam qual o canto da Floresta Negra que mais gosto de ir, eu respondo que é o canto que você gostava de ir comigo. E tudo passou a ser diferente quando você disse que me amava. O sol brilhou mais, as águas cristalinas dos rios se tornaram prateadas, o que era tristeza passou a ser alegria. Eu gostaria de saber voar

para lá do alto poder vê-lo onde quer que você esteja, ver seu sorriso novamente, ouvi-lo falar de seus sonhos, chegar próximo de um anjo e pedir que lhe proteja! Dizia Carol para si mesmo, antes de tentar adormecer.

Quando o amor acontece na vida das pessoas, tudo fica diferente e a tristeza desaparece, elas perdem a razão, perdem a noção do perigo e não ouvem conselhos. Somente agem com o coração, entregando-se ao sentimento bom de amar. Elas acordam pensando no sorriso de seus amores, mesmo em um dia frio e nublado, somente vendo as belezas do mundo. E era este o momento que o Príncipe Áries e Carol estavam vivendo, amando na distância, sofrendo na ausência, sonhando na esperança de um reencontro.

Vendo seu filho, o Príncipe Áries, isolar-se na tristeza cada dia mais, o Rei Petrus achou melhor antecipar uma conversa planejada com ele. Os dois se reuniram em uma sala privativa do castelo e conversaram. Aliás, o Príncipe Áries ouviu mais do que falou. E o Rei Petrus, tomando um especial cuidado para não ferir ainda mais os sentimentos de seu querido filho, procurou lhe explicar a questão do casamento entre membros da nobreza:

- Áries, há séculos nossa família mantém a tradição de casar seus sucessores ao trono com membros da família real de outros reinos amigos e próximos. E isto tem sido uma questão de sobrevivência para os reinos menores, como o nosso. Aliando forças entre dois reinos, podemos melhor nos proteger contra invasores, ter melhores condições de comércio em benefícios de todos os súditos, além do intercâmbio cultural e social entre os dois reinos.

O Príncipe Áries ouvia com a cabeça baixa, sabendo muito bem onde a conversa com o seu pai iria culminar. E o Rei Petrus continuou:

- Há algum tempo, eu e sua mãe temos conversado com o Rei Bernard e a Rainha Sylvia do Reino das Montanhas de Fogo, um reino vizinho ao nosso, que se compõem de várias ilhas. Este nome decorre da existência de muitos vulcões no arquipélago. Mas, é um reino muito rico, onde os súditos são muito bons, trabalhadores e dedicados. Este casal real tem uma filha de 18 anos, chamada Sheyla. É uma jovem muito bonita, culta e educada para ser uma princesa.

O Príncipe Áries decidiu romper o seu silêncio, dizendo:

- Pai, eu não vou me casar com uma jovem que não amo. Eu amo Carol e com ela vou me casar. Isto é algo que nem eu posso mudar!

O Rei Petrus ouviu, permaneceu em silêncio por alguns minutos e completou sua conversa:

- Áries, a história tem demonstrado que os casamentos de herdeiros sucessores com plebeias não tem dado certo. E não dão certo exatamente por elas mesmas. Temos vários casos ocorridos nos reinos vizinhos em que elas enlouqueceram e até se suicidaram nos palácios! A pressão e as

responsabilidades de pertencer à Corte Real são muito grandes. Há um choque cultural e social. Elas têm que se adaptar a costumes e tradições diferentes das que estão acostumadas, além de participar de muitos eventos no palácio que requerem uma educação social mais elevada. Passado o romantismo do noivado, elas não se ajustam à vida da realeza, ficam infelizes, sofrem, caem em depressão e se arrependem de ter deixado o ambiente de suas famílias. Não dá certo, meu filho! Não dá certo! Pense bem nisto! Eu estou dizendo isto pelo seu próprio bem! Por que, ao menos, você não procura conhecer a Princesa Sheyla?

- Pai, a Carol não será assim. Ela tem uma alma nobre e qualidades que a farão uma grande rainha para o nosso reino! E, se assim não for, eu prefiro abdicar de minha condição de príncipe sucessor e morar com ela na Floresta Negra em uma simples cabana! Minha vida no castelo não será possível sem ela, meu pai! Eu não quero nem conhecer a jovem Princesa Sheyla! Finalizou o Príncipe Áries.

- Áries, pois saiba que se você abdicar, o herdeiro sucessor passa a ser o seu primo Cassius, filho do meu irmão mais novo Alexandre. E você sabe muito bem que ele não seria a melhor escolha para ser o novo rei do Reino da Ilha Rica! Isto é algo que você deverá levar em conta, também! Dizendo estas últimas palavras, o Rei Petrus se retirou, triste e silenciosamente.

O Príncipe Áries ficou, ainda, alguns minutos na sala procurando uma orientação, um caminho para o dilema que tinha se estabelecido. Ele amava muito seus pais e nunca quis decepcioná-los. Sabia, igualmente, que o Reino da Ilha Rica passaria por grandes transformações sob o reinado de seu primo Cassius, que não seriam boas para os seus súditos. Desorientado, procurou se aconselhar com a pessoa do reino em que mais confiava - seu preceptor Thiago:

- Thiago, continuo passando por grandes desafios nesta minha volta ao reino! Meus pais não estão aceitando o meu casamento com Carol, a mulher que amo e sempre amarei toda minha vida. Eles querem que eu conheça a Princesa Sheyla do Reino das Montanhas de Fogo. Você acha que, mesmo já sabendo que não me casaria com ela, eu deva conhecer esta princesa?

Thiago ponderou por um tempo os prós e contras e não teve dúvidas quanto respondeu:

- Príncipe Áries, eu acredito que não deva conhecer esta princesa, desde que já se decidiu por Carol. O seu encontro com a Princesa Sheyla seria interpretado pelo Rei Petrus e Rainha Anne, bem como pelos pais dela, como um início de comprometimento. Assim, após sua recusa de casamento com ela, a possibilidade dos reinos se tornarem inimigos seria muito grande ou, no mínimo, as relações não seriam mais amistosas dali para frente entre os dois reinos.

O Príncipe Áries concordou com um aceno de cabeça, mas continuou sua conversa:

- Então, Thiago. Será que não seria bom se meus pais conhecessem a Carol? Assim, eles poderiam mudar de ideia a seu respeito e confirmar tudo o que eu tenho dito a seu respeito. Ela é plebeia, vem de uma família simples, mas ela tem uma alma nobre, personalidade firme, é bondosa, inteligente, humana com as pessoas. Eu não tenho dúvidas que ela seria uma grande rainha no futuro e que isto não a faria infeliz ou deprimida!

- Talvez, esta possa ser uma boa ideia. Fale com seus pais a respeito e traga a Carol para conhecer o nosso reino. Isto se ela, ainda, o considera um namorado, em vista das circunstâncias de sua partida da Floresta Negra. Eu acredito que ela deva estar muito magoada com o nosso príncipe! Respondeu Thiago.

- Eu farei isto hoje mesmo no jantar com meus pais. Vou procurar incentivá-los a conhecer Carol! Disse o Príncipe Áries.

Naquela noite, durante o jantar, o Príncipe Áries conversou com seus pais a respeito da visita de apresentação de Carol. Eles ouviram, ficaram calados por um tempo e se dividiram em sua opinião:

- Eu acho uma boa ideia! E estarei pronta para conhecer esta jovem que tanto fez o coração de meu filho ficar perdidamente apaixonado! Respondeu a Rainha Anne.

Mas, o mesmo não aconteceu com o Rei Petrus;

- Eu não concordo! Se a nossa futura rainha tiver que ser uma plebeia, que seja, então, uma plebeia que nasceu e viveu no Reino da Ilha Rica! Os nossos súditos não aceitarão uma rainha vinda de um reino desconhecido, sem laços com a realeza. Eu acho que esta visita será inútil e desgastante para todos nós. E alimentará, ainda mais, este sonho impossível de nosso filho, cego que está por esta paixão passageira! Meu filho, procure recuperar o seu bom senso! A sua melhor opção e a melhor solução para o nosso reino é você analisar o casamento com a Princesa Sheyla!

Muito triste e aborrecido, o Príncipe Áries parou de jantar, pediu desculpas e se retirou aos seus aposentos. Ele, agora, teria que encontrar uma solução para o destino de sua vida. Ele não dormiu a noite toda e, pela manhã, tinha uma decisão firme: ele voltaria para o Reino de Am-Har e iria à procura de Carol e, com ela e seu avô, passaria a viver na cabana da Floresta Negra. Em consequência, abdicaria do direito à sucessão do trono de seu pai!

Sem perder tempo e, assim que seus pais iniciaram as atividades naquela manhã, ele comunicou sua decisão. Como era de se esperar, a reação foi a pior possível. Sua mãe tentou convencer o Rei Petrus para que aceitasse sua decisão de se casar com Carol. O Rei Petrus, por sua vez, apesar de amar muito seu filho e entender suas razões, afirmou que não poderia ficar contra os interesses do Reino da Ilha Rica, não dando o seu apoio ao casamento do Príncipe Áries com uma plebeia de um reino desconhecido.

Assim, o Príncipe Áries passou os dias seguintes se preparando para a viagem de retorno ao Reino de Am-Har. Seu pai concordou que marinheiros e alguns soldados do reino fizessem a sua escolta e retornassem em seguida. A Rainha Anne chorava e se desesperava, mais uma vez, pelo fato de ficar longe de seu único filho. E o Rei Petrus procurava, dentro do possível, encontrar palavras que a consolasse:

- Rainha Anne, nós somos responsáveis pelos bons destinos do nosso reino. Eu estou fazendo o que minha consciência ordena que seja feito! Mas, eu acho que esta viagem fará bem ao nosso filho e tenho a certeza de que, após alguns meses, ele ponderará sobre toda a situação que criou e voltará convicto que o melhor para ele é para o nosso reino é o casamento com a Princesa Sheyla!

Apesar de toda situação criada com seus pais, os olhos do Príncipe Áries iluminaram-se como não acontecia há muito tempo. A expectativa de reencontrar Carol e explicar-lhe sobre sua despedida e de sua decisão trazia de volta o ânimo de viver. El agora somente pensava nos preparativos da viagem e queria realizá-la o mais breve possível. A primavera já começara no distante Reino de Am-Har e ele antecipava a alegria de voltar a passear com Carol pelas trilhas perfumadas pelas flores da Floresta Negra, beber da água cristalina das fontes, ouvir o canto dos pássaros e banhar-se nos lagos e cachoeiras. E, principalmente, reafirmar seu amor eterno por Carol e pedi-la em casamento ao seu avô Mitrus.

O Rei Mitrus e a Rainha Anne foram ao porto acompanhar e se despedir de seu filho. Na verdade, apesar do desencontro de opiniões e posições, os membros da Família Real se amavam muito. O casal real podia ver claramente a felicidade estampada no rosto do Príncipe Áries. Ele se apressava em arrumar suas coisas na embarcação que o levaria de volta ao Reino de Am-Har. Tudo pronto, as velas do barco foram içadas, o Príncipe Áries despediu-se de seu pai e de sua mãe com um forte abraço, dizendo:

- Eu peço o perdão de vocês! Mas, preciso seguir o que o meu coração está me ordenando. Mas, eu voltarei um dia!

A Rainha Anne estava muda e só chorava. O Rei Petrus, respondeu ao seu filho:

- Filho, boa viagem e que Deus ilumine suas decisões e o ajude a traçar o melhor destino para sua vida. Eu, também, peço desculpas. Mas, tive que fazer o que o reino me exige que seja feito!

A embarcação tomou o rumo do alto mar, em direção ao Reino de Am-Har, distanciando-se lentamente do porto do Reino da Ilha Rica. Quando o barco estava desaparecendo no horizonte, o casal real se retirou. Neste momento, o Rei Petrus abraçou e amparou sua esposa, dizendo:

- Rainha Anne, eu cumpri o meu dever. Mas, se eu fosse o Príncipe Áries eu teria feito exatamente a mesma coisa! Ele está certo em seguir o que o seu coração está mandando!

A Rainha Anne gostou de ouvir isto do seu marido, apertou sua mão, procurou refúgio em seu ombro, enquanto subiam na carruagem que os levariam de volta ao castelo.

Após alguns dias de viagem, a embarcação aportou no Reino de Am-Har. O Príncipe Áries dispensou a todos, preferindo seguir viagem rumo à Floresta Negra, sozinho. E, despedindo de Thiago, disse:

- Meu amigo! Muito agradecido por todos os seus ensinamentos. Tenha a certeza de que eles serão muito úteis e importantes por toda a minha vida. Cuide de minha mãe! Ela vai precisar muito de seu apoio. E diga ao meu pai que eu voltarei um dia!

- Príncipe Áries, tenho a certeza de que seus pais compreenderam suas razões, apesar de que o Rei Petrus sentiu-se na obrigação de seguir as tradições do reino. Mas, eu creio que eles me mandarão visitá-lo um dia, com certeza. E que Vossa Alteza se já feliz!

- Vossa Alteza, não mais! Eu abdiquei ao meu direito de sucessor do trono. Agora, apesar de ainda pertencer à realeza, eu me sinto como um súdito normal. Assim, meu amigo, por favor, me chame somente pelo nome de Áries! Respondeu Áries.

- Muito bem, Áries! Até mais ver! Boa sorte e tome cuidado com sua segurança! Respondeu Thiago.

- Muito bem, amigo. Boa viagem de volta ao nosso querido reino! Pode ter a certeza de que na Floresta Negra, sem riquezas, eu terei a maior segurança! Respondeu Áries.

O barco zarpou, levando Thiago e os soldados de volta ao Reino da Ilha Rica. Áries colocou nas costas um saco simples com algumas de suas roupas e seguiu com passos firmes e rápidos pela estrada rumo à cabana na Floresta Negra. Ele respirava fundo o ar limpo e fresco, sentindo o cheiro dos pinheiros. Estava feliz, sim! E não tinha dúvidas que tinha tomado sua melhor decisão na vida.

Após algumas horas de caminhada, finalmente ele chegou próximo da cabana. Do lado de fora, ele podia ver a fumaça que saía da chaminé, anunciando que o almoço estava sendo preparado. As janelas estavam abertas, sinal que Carol e seu avô Mitrus ainda estavam lá. Ao longe, caminhando por uma trilha que levava a uma pequena cachoeira próxima à cabana, Carol vinha com uma bacia de cerâmica na cabeça, cheia de roupas que acabara de lavar na cachoeira, olhando fixo para o chão. Áries aguardou sua aproximação, escondendo-se atrás de um carvalho. E, enquanto Carol entendia as roupas em galhos de árvores para que secassem, Áries se aproximou, abraçou-a por trás, dizendo:

- Será que tem comida para mais um prato a partir de hoje?

Carol, surpresa e assustada, deixou cair a bacia no chão, virando-se para trás, não acreditando no que seus ouvidos ouviam:

- Áries! Áries! Não é possível! Você voltou? Meu Deus, você voltou!

Os dois se abraçaram e se beijaram longamente. Assustado com os seus gritos, seu avô Mitrus veio ver o que estava acontecendo. Apoiado em um cajado de madeira para ajudá-lo na caminhada, ele observava de longe o casal se abraçando e se beijando, mas não atinando, ainda, quem era o jovem à porta de sua cabana. O senhor Mitrus somente percebeu que se tratava do jovem Áries, quando Carol, abraçada com ele, se encaminhou para dentro da cabana.

E, assim, aconteceu o reencontro entre Áries e Carol. Os dias seguintes foram para contar todos os fatos e acontecimentos, o relato da situação no Reino da Ilha Rica, a abdicação como sucessor ao trono, as aventuras que passou quando partiu sem se despedir, os perigos que passou nas mãos dos malfeitores Vodka e Kot. Foram necessários muitos dias e muitas semanas para que Áries contasse tudo e ouvisse de Carol, igualmente, tudo o que ela precisava lhe contar. Mas, o certo é que o casal confirmava um amor profundo um pelo outro, que explodia em felicidade e alegria. Para Áries, nenhuma coroa de rei e uma vida no castelo valiam a pena longe de Carol. E para ela, pouco importava ser rainha ou viver em um castelo. A cabana passou a ser o melhor lugar do mundo para os dois.

O senhor Mitrus concordou com o casamento, achando que deveria acontecer o quanto antes, uma vez que a paixão dos dois namorados explodia por todos os olhares e sentidos. E o casamento aconteceu em uma pequena capela do vilarejo do Reino de Am-Har. Na cerimônia, somente o casal apaixonado, o velho Mitrus, o sacerdote e, ao longe, o leal cavalo! Carol vestia um vestido branco simples, carregando um buquê de flores brancas colhidas na floresta. Áries usava uma roupa na cor preta que trouxera. Não houve troca de alianças, não havia alianças. Como símbolo do casamento, Áries colocou de volta no dedo de Carol, o anel de ouro dado por Ahirakurã, o guardião da floresta e protetor de sua fauna e flora.

Na modesta cerimônia, Carol pensava com tristeza:

- Ah, como eu gostaria que meus pais estivessem aqui agora para ver o homem maravilhoso com quem estou me casando!

Ao mesmo tempo, Áries pensava, igualmente, triste:

- Como seria bom se o meu pai e minha mãe estivessem aqui para assistir meu casamento. Eles veriam a mulher maravilhosa com quem estou me casando!

Áries, agora casado, entregou-se duramente ao trabalho, adaptando-se à vida e necessidades de sua nova família. Ela fez uma boa plantação de cereais e verduras, plantou árvores frutíferas ao redor da cabana, aumentou a criação de cabras e galinhas. Agora, mais alimentos eram necessários para alimentar uma família maior. O tempo passava, a felicidade era cada dia maior.

E, um dia, Carol o surpreendeu com uma notícia:

- Áries, eu acho melhor você reformar a casinha de madeira no alto da árvore. Agora teremos alguém para presentear-lo com esta casinha de madeira, em nome de seus avôs!

- Um filho! Eu vou ser pai! Meu Deus, como eu queria que meu pai e minha mãe estivessem aqui ouvindo esta notícia! Respondeu Áries, abraçando Carol e deixando cair lágrimas de emoção de seus olhos verdes, verdes da cor de esmeralda dos mares do seu querido Reino da Ilha Rica.

Após alguns meses, a barriga da Carol dava os sinais claros da gestação. E os dois conversavam:

- Carol, será um menino ou uma menina? O que você acha? Perguntava Áries.

- Áries, querido. Eu não sei! Mas, eu ouvia minha mãe falar que quando a barriga da mulher gestante está no formato de uma bola, é uma menina. E quando está no formato de um ovo, é um menino. Assim, se minha mãe estava certa, será um menino! Respondeu Carol, rindo e feliz.

O tempo passou, a gestação da Carol chegava aos nove meses. Era preciso levá-la ao vilarejo para que ele ficasse mais próxima da casa da senhora Katherine, a melhor parteira do Reino de Am-Har. Áries e Carol partiram, então, para o vilarejo. O velho e fiel cavalo cortava a estrada de terra e os solavancos da carroça deixavam Carol mais aflita e com dores. Dentro de seu ventre, uma nova vida estava prestes a nascer. E, pelo tamanho da barriga ovalada de Carol, seria um grande menino. Ao chegarem ao vilarejo, eles ficaram em um quarto cedido pela hospedaria, em troca de serviços que seriam prestados por Áries. A hospedaria precisava de muitos serviços de manutenção, como pintura externa e reparos na cerca de madeira, serviços estes bem conhecidos por Áries.

Após dois dias da chegada ao vilarejo, Áries foi obrigado a procurar a senhora Katherine às pressas. Carol dava os primeiros sinais de parto. Em poucos minutos, Áries estava de volta, acompanhado pela experiente parteira que, de imediato, começou o trabalho de parto de Carol. Áries aguardava do lado de fora do quarto e uma mulher, que trabalhava na hospedaria, ajudava a senhora Katherine em seu trabalho. Os minutos se passavam, mas parecia uma eternidade para Áries. Ele andava de um lado para o outro, sentava, levanta-se novamente. E, finalmente, ele ouviu o choro do seu primeiro filho vindo do quarto.

- Ele nasceu! Ele nasceu! Meu filho nasceu! Gritava Áries como uma criança que ganhara um brinquedo.

A senhora Katherine abriu a porta e disse:

- É um menino! Um forte e grande menino! Pode entrar agora.

Áries sentiu toda a emoção de ser um pai pela primeira vez. Neste momento, lhe veio à mente a figura de seus pais, pensando: 'Esta deve ter sido a mesma emoção que minha mãe e meus pais tiveram quando eu

nasci!'. E Carol, trouxe à sua mente, como seria a reação de seus falecidos pais se estivessem presentes a este maior momento de sua vida.

E, assim, nasceu Edward Petrus! Edward, que era o nome do pai de Carol, e Petrus, nome do pai de Áries. Foi uma homenagem aos avós que Carol e Áries quiseram prestar. Edward cresceu sadio e forte na cabana. Aos quatro anos de idade ele corria por todos os cantos ao redor da cabana. E, um dia, Carol e Áries o levaram para conhecer a casinha de madeira no alto da árvore. Ele subiu a escadinha com grande desembaraço e se encantou com tudo que viu, principalmente, a vista da cabana pelo alto. E sua mãe Carol, finalmente, pode dizer:

- Meu filho, este é um presente para você. Eu recebi de presente esta casinha de meus pais, quando eu tinha a sua idade. Agora, eu dou de presente para você! Mas, você somente pode subir aqui junto com a mamãe ou o papai, certo meu querido?

Edward balançava a cabeça em concordância e mexia em tudo que podia dentro da casinha. O senhor Mitrus, agora com seus 90 anos de idade estava muito feliz em poder brincar com o seu bisneto. Ele nunca imaginara ter um bisneto e agradecia a Deus por esta benção que recebeu ainda em vida. Mas, Edward o deixava muito cansado com suas correrias. O cansaço do senhor Mitrus foi aumentando, ele começou a ter dificuldades de caminhar, ficava ofegante e com falta de ar. Assim, passava a maior parte do tempo sentado em uma cadeira à beira da porta da cabana, sentindo a vida passar através de seus olhos.

Um dia, ele não se levantou de manhã no horário que costumava fazer o café. O cheiro de café, que se espalhava pela casa todos os dias, não foi sentido por Carol e Áries naquela manhã. Estranhando o fato, os dois correram em direção ao quarto do senhor Mitrus. Mas, ele não acordou mais. O senhor Mitrus nasceu e viveu na Floresta Negra e sempre foi o seu desejo terminar seus últimos dias lá. Com certeza ele partiu feliz. Ele teve uma longa vida, viveu junto à natureza, teve uma filha e uma neta maravilhosas, estava contente em ver seu bisneto e ver que sua querida Carol tinha encontrado um homem bom e trabalhador para protegê-la por toda a vida.

Uma cruz, fixada em um monte de pedras colhidas na cachoeira que ele mais gostava de ver, marcavam para sempre sua existência na Floresta Negra, ao lado da estrada. Agora na cabana, a vida se dividia entre Carol, Áries e o pequeno Edward. Por muitos meses, a tristeza pela ausência do senhor Mitrus marcava os semblantes de Carol e Áries. E o tempo continuou sua implacável marcha.

Uma tarde, Carol e Áries foram surpreendidos por uma visita inesperada. Era Thiago, acompanhado de vários soldados da escolta real. Ele, como prometera, viera visitar seu amigo Áries, saber se estava bem e seguro. Mas, ele não tinha boas notícias para dar...

Depois de algumas horas de cumprimentos e boas vindas, matando a saudades um do outro, Thiago conversava com Áries na sala da cabana. Ao anoitecer, a Floresta Negra ainda estava muito fria. Assim, Carol acendeu o fogo da lareira, tornando o ambiente quente e acolhedor, enquanto preparava um pouco de chá para os dois amigos.

- Mas, Áries, quantas novidades! Quer dizer que você se casou com Carol e agora já é pai de um lindo principezinho! Tenho certeza que sua mãe receberá com muita alegria esta notícia. Disse Thiago.

- É verdade, Thiago. Eu estou muito feliz. Casei com a mulher que amo e sou pai deste lindo menino! Não há alegria maior, meu amigo. Mas, por que você disse ‘Sua mãe receberá com muita alegria esta notícia’? Você não acha que meu pai ficaria, igualmente, feliz com a notícia de que seu primeiro neto nasceu? Disse Áries, intrigado.

- Thiago, é sobre isto que eu preciso falar com você! Nós não sabemos do paradeiro de seu pai, se está vivo ou morto!

- Meu Deus, Thiago! Como assim? Mas, o que aconteceu? Diga! Respondeu Áries muito assustado e preocupado.

Thiago tomou alguns goles do gostoso chá preparado por Carol, tomou fôlego, e fez o relato da situação no Reino da Ilha Rica:

- Áries, muitas coisas mudaram depois de sua partida. O seu primo Cassius, quando soube de sua partida do reino, despertou seu interesse em ser o Príncipe-herdeiro do trono, uma vez que seu tio, o Rei Petrus, não tinha mais nenhum filho no reino. Assim, ele e seu pai Alexandre, armaram um complô para derrubar do poder o Rei Petrus. Junto com alguns soldados desleais, eles invadiram o palácio e sequestraram o Rei Petrus. Desde então, não se sabe mais do paradeiro do Rei Petrus e se está vivo ou morto! Sem o rei e sob pressão, os membros da Corte Real aceitaram a indicação do Príncipe Cassius como o legítimo herdeiro do trono. E, neste momento, o Reino da Ilha Rica está em preparativos para coroar o Príncipe Cassius como o novo rei. Os súditos estão revoltados e descontentes. Eles chamam pelo seu nome todo o tempo. Eles não estão aceitando esta situação e teme-se por uma revolta dos súditos o que poderia significar muitas mortes e sofrimentos. Eu creio que a única solução para esta situação, seria você voltar e se apresentar como o verdadeiro Príncipe-herdeiro do trono!

- Mas, Thiago, eu abdiquei, lembra-se? Respondeu Áries.

- Áries, você não abdicou de verdade. Você disse aos seus pais sobre esta intenção, mas isto não foi formalizado perante os membros da Corte Real. Assim, ficou como um entendimento entre a Família Real, apenas. Seus pais nunca levaram esta sua afirmação a sério. Tampouco, eles disseram a alguém sobre sua intenção em abdicar, uma vez que você disse isto em um momento de muita pressão e emoção. Eles acreditavam que você voltaria um dia e muito brevemente. Portanto, se você se apresentar

perante a Corte Real, será considerado o Príncipe-herdeiro e seu primo, o Príncipe Cassius, não conseguirá ser coroado. Respondeu Thiago.

- Mas, e quanto ao meu pai? Onde ele poderia estar? Eu não acredito que meu tio Alexandre e meu primo Cassius teriam a coragem de causar algum mal a ele! Disse Áries.

- Áries, a ambição dos homens não tem limite! Por riqueza e poder, eles cometem as maiores atrocidades e traições! Mas, vamos acreditar que seu pensamento possa estar certo! Uma vez lá, com o seu reaparecimento, a situação tenderá a voltar ao normal. Certamente, o seu primo Cassius e seu tio Alexandre serão presos! Depois, poderemos procurar pelo seu pai! Respondeu Thiago.

No fundo da cabana, próximo ao fogão à lenha, Carol escutava, preocupada, a conversa entre Áries e seu amigo Thiago. Ela já antecipava que mudanças ocorreriam na vida na cabana. Em dado momento, Áries chamou por Carol para se unir à conversa com Thiago. Eles recapitularam as notícias vindas do Reino da Ilha Rica e Áries, então, disse à Carol:

- Querida, nós temos que nos mudar para o reino! Meu pai está em perigo, se já não tiver sido morto pelo meu ambicioso primo! Minha mãe está precisando de mim, os súditos do reino precisam da esperança que meu retorno poderá lhes dar!

Carol olhou carinhosamente para o seu marido. Em seguida, olhou para Edward, que aguardava sua atenção, distraíndo-se com uma colher de madeira, sentado no chão.

- Querido, vá ao seu reino cumprir esta sua nova missão. Eu e o Edward agora somos a sua família e vamos acompanhá-lo sempre, aonde você for! Disse Carol.

Áries sentiu o apoio de sua esposa Carol. Para Áries, a decisão de partir dividia suas emoções. De um lado, ele tinha as ameaças ao seu reino e o risco de vida que corria seu pai. De outro lado, ele tinha uma vida sossegada e feliz, ao lado de sua esposa e filho, na cabana da Floresta Negra. Mas, ele optou em partir com o compromisso de voltar sempre que pudesse à cabana e a Floresta Negra. Ele sabia que a vida no castelo e no reino não lhe ofereceriam a mesma tranquilidade e paz. Nos dias seguintes, o casal fazia os preparativos para a longa viagem. A criação de animais e o estoque de suprimentos foram vendidos no vilarejo. O leal cavalo cedido ao dono da hospedaria. Ele seria usado no transporte de hóspedes e compras. Antes de partir, Carol pegou uma pequena pedra do túmulo de seu avô e a guardou. Áries recolheu em um saquinho de couro um pouco de terra da entrada da cabana, terra por eles pisada por muitos anos de felicidade ao lado do senhor Mitrus. E partiram! A cabana ficou para trás, fechada e sem vida, desaparecendo no nevoeiro da manhã.

Carol esteve apreensiva toda a viagem rumo ao Reino da Ilha Rica. Ela não imaginava qual seria a recepção de um povo que não conhecia e que

não a conhecia! Áries procurava tranquilizá-la, dizendo que a recepção seria a melhor que ela pudesse imaginar. Edward se divertia, vendo os peixinhos voadores saltarem da água do mar e voarem por vários segundos, antes de mergulharem novamente no mar. Thiago seguia quieto e tenso. Às vezes, ele conversava com o Príncipe Áries, traçando planos de ação para enfrentar a crise que se estabelecera no reino. Após uma cansativa viagem de vários dias, o porto do Reino da Ilha Rica surgia no horizonte do mar. Ao chegarem, Thiago se apressou em descer da embarcação e gritou para as pessoas que estavam no porto:

- Pessoal! O Príncipe Áries está de volta! Digam a todos que o Príncipe Áries, futuro Rei do Reino da Ilha Rica está de volta!

Imediatamente, todos se juntaram próximos ao Príncipe Áries, saudando-o com grande entusiasmo:

- Viva o Príncipe Áries! Viva o nosso futuro rei!

E a notícia se espalhou rapidamente por todo o vilarejo do reino. Uma multidão se formou, acompanhando o Príncipe Áries rumo ao castelo. À multidão, se juntou os soldados leais ao Rei Petrus. Quando se preparavam para coroar Cassius como o novo rei, os membros da Corte Real viram a multidão, gritando e marchando com tochas acesas e os soldados com lanças nas mãos, em direção ao portão do castelo. E suspenderam a cerimônia de coração imediatamente:

- Esperem! À frente da multidão está o Príncipe Áries! O filho do Rei Petrus e da Rainha Anne. Ele voltou! Ele é o legítimo Príncipe-herdeiro do trono!

A Rainha Anne, que se refugiava em seus aposentos sem sair para nada desde que o seu marido Rei Petrus desapareceu, ouviu os gritos da multidão e correu para a janela. E ela pode avistar de longe que o homem forte e altivo, ao lado de uma mulher e de uma criança, era o seu querido filho Áries. Ela gritava e chorava sem parar. E foi ao encontro dele no portão do castelo. Os portões foram abertos e o Príncipe Áries, Carol, Edward, Thiago, os soldados leais e parte da multidão, entraram. A primeira recepção foi de sua mãe, a Rainha Anne. Eles se abraçaram e choraram muito. Depois, o Príncipe Áries disse à sua mãe:

- Mãe, esta é minha esposa Carol e este é o nosso pequeno Edward, seu neto!

A Rainha Anne abraçou e beijou Carol carinhosamente, dando-lhe as melhores boas vindas e pegou Edward no colo:

- Meu neto! Meu neto! Você é meu neto, querido!

Edward não entendia nada do que estava acontecendo e, encabulado, brincava como o colar de ouro e esmeraldas que a Rainha Anne trazia em seu pescoço.

Os soldados leais à Família Real prenderam Cassius e seu pai Alexandre por traição e tentativa de golpe. A ordem começava a ser

estabelecida novamente no Reino da Ilha Rica. Do lado de fora, a multidão gritava: ‘Morte aos traidores!’. Mas, o Príncipe Áries deu-lhes o direito de optar pela prisão ou deixar o reino para sempre. Cassius e seu pai Alexandre preferiram deixar o reino. Eles ouviram falar de um reino distante, onde poderiam iniciar uma nova vida - O Reino de Od-Hiar do Rei Vladimir! E embarcaram alguns dias depois rumo a esta nova vida. De lá, eles sentiriam muito arrependimento pelo que fizeram e teriam muitas saudades da vida que tinham no Reino da Ilha Rica, quando conhecerem o modo de agir do Rei Vladimir. Antes de partirem, eles deram o paradeiro do Rei Petrus. Ele estava preso e escondido na masmorra subterrânea do castelo e poucos soldados tinham acesso a ele.

O Rei Petrus foi libertado. Ele estava muito debilitado, muito pálido pelos dias que passou às escuras na masmorra, doente pela umidade e alimentação insuficiente que tivera. Subindo as escadas entre a masmorra e os corredores do castelo, o Rei Petrus era informado da presença de seu filho, sua nora e seu neto! Ele tentava apressar os passos para abraçá-los e abençoá-los, mas não conseguia. Finalmente, ele chegou ao final de um corredor do castelo e foi levado imediatamente à presença de sua família. Apesar de todos os sofrimentos que passou enquanto preso na masmorra, o Rei Petrus não tinha ódio em seu coração. Ele sentia pelo seu sobrinho Cassius e seu irmão Alexandre. Mas, seu rosto irradiava uma vontade de viver novamente, ao avistar seu filho o Príncipe Áries o aguardando, tendo ao lado Carol e Edward. O encontro foi de muita emoção. O Rei Petrus abraçou longamente seu filho, olhou para Carol e Edward ao lado e disse:

- Filho, eu peço o seu perdão por tudo que lhe fiz passar. Eu valorizei as formalidades e tradições da Corte Real e não nossos laços de família. Mas, quis Deus que você não me ouvisse e seguisse com o seu destino, que se provou certo. Agora, vejo esta linda moça, minha nora, futura Rainha-Consorte do Reino da Ilha Rica e este lindo e forte menino, o novo Príncipe-herdeiro! Eu os amo muito!

Em seguida, o Rei Petrus foi ao encontro da Rainha Anne, que aguardava emocionada logo atrás. Ele a abraçou, dizendo:

- Minha querida esposa e Rainha-Consorte do nosso reino. É chegada a hora de renunciarmos a estas responsabilidades e passar a Corte Real para o nosso filho e sua esposa!

O Príncipe Áries foi proclamado Rei do Reino da Ilha Rica e Carol a Rainha-Consorte. Edward, em sua inocente infância, ouvia que seu nome passaria a ser Príncipe Edward, mas não sabia o que isto significava. Ele corria pelos corredores do castelo e dizia: ‘Quando eu crescer, eu não quero ser príncipe! Eu quero ser um soldado!’. Todos riam de suas travessuras. O Reino da Ilha Rica passou por um novo período de prosperidade e paz. Os súditos voltaram às suas atividades e sonhos, sem a preocupação das mudanças que os fariam infelizes que, certamente, a coroação do Príncipe

Cassius provocaria. A nova Rainha-Consorte conquistou a todos por sua simpatia, generosidade e bondade. Ela se dedicava a construir escolas, bibliotecas, hospitais, assistir aos súditos mais pobres do reino. Ela, simplesmente, era adorada por todos.

O Rei Áries fez amizade e alianças militares e comerciais com o Rei George do Reino de Am-Har. A história de suas vidas era muito parecida. Pelo menos uma vez por ano, na primavera, o novo casal real visitava a cabana na Floresta Negra, sob a proteção garantida pelo Rei George. Lá, eles ficavam por várias semanas, andando pelas trilhas, sentindo o perfume das flores, o cheiro dos pinheiros, o canto dos pássaros, banhando-se nas águas cristalinas das cachoeiras e lagos. O Príncipe Edward aproveitava para fazer tudo isto e, principalmente, refugiar-se na casinha de madeira no alto da árvore. E, naturalmente, todos visitavam o local de repouso eterno do senhor Mitrus e dos pais da Carol. Como sempre, depositavam um buquê de flores silvestres, que representava os vários lugares encantadores da Floresta Negra. Eles gostavam demais de fazer estas visitas. E a repetiriam muitas vezes em suas vidas...

FIM